

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MESTRADO PROFISSIONAL EM
EDUCAÇÃO**

EDILENE MACHADO DOS SANTOS

**CARTOGRAFIAS E NARRATIVAS DAS EDUCAÇÃOES AMBIENTAIS E
ECOLOGIAS INSUBMISSAS NOS COTIDIANOS DAS MULHERES NA BACIA DO
RIO FORMATE, VIANA (ES)**

VITÓRIA
2020

EDILENE MACHADO DOS SANTOS

**CARTOGRAFIAS E NARRATIVAS DAS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS E
ECOLOGIAS INSUBMISSAS NOS COTIDIANOS DAS MULHERES NA BACIA DO
RIO FORMATE, VIANA (ES)**

Trabalho de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Educação do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) como requisito parcial para cumprimento da atividade de qualificação.

Orientador: Prof. Dr. Soler Gonzalez.

VITÓRIA

2020

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

S237c Santos, Edilene Machado dos, 1985-
Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias
insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio
Formate, Viana (ES) / Edilene Machado dos Santos. - 2020.
212 f. : il.

Orientador: Soler Gonzales.
Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. Educação ambiental. 2. Narrativas (mulheres). 3. Escritoras
negras. I. Gonzales, Soler. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

Ata da sessão da quadragésima nona defesa de dissertação do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação (PPGMPE), do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo, da discente **EDILENE MACHADO DOS SANTOS**, candidata ao título de Mestre em Educação, realizada às **14h00min** do dia **dezoito de dezembro do ano dois mil e vinte**, remotamente, conforme Portaria nº 03/2020 da PRPPG/UFES. O presidente da Banca, Soler Gonzalez, apresentou os demais membros da comissão examinadora, constituída pelos Doutores Patrícia Gomes Rufino Andrade e Rodrigo Barchi. Em seguida, cedeu a palavra à candidata que em trinta minutos apresentou sua dissertação intitulada **“CARTOGRAFIAS E NARRATIVAS DAS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS E ECOLOGIAS INSUBMISSAS NOS COTIDIANOS DAS MULHERES NA BACIA DO RIO FORMATE, VIANA (ES)”**. Terminada a apresentação da aluna, o presidente retomou a palavra e a cedeu aos membros da Comissão Examinadora, um a um, para procederem à arguição. O presidente convidou a Comissão Examinadora a se reunir em separado para deliberação. Ao final, a Comissão Examinadora retornou e o presidente informou aos presentes que a dissertação havia sido APROVADA. O presidente, então, deu por encerrada a sessão da qual se lavra presente ata, que vai assinada pelos membros da banca examinadora.

Vitória, 18 de dezembro de 2020.

Prof. Dr. Soler Gonzalez

Orientador

Profa. Dra. Patrícia Gomes Rufino Andrade

Membro Interno (PPGMPE/Ufes)

Prof. Dr. Rodrigo Barchi

Membro Externo (Universidade Ibirapuera)

Universidade Federal do Espírito Santo – Centro de Educação – Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Educação. Avenida Fernando Ferrari, nº 514, Goiabeiras, Vitória/ES.
CEP: 29075-910. Telefone: (27) 4009-7779. E-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
SOLER GONZALEZ - SIAPE 2086070
Departamento de Educação, Política e Sociedade - DEPS/CE
Em 22/12/2020 às 10:15

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/116132?tipoArquivo=O>



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

PROTOCOLO DE ASSINATURA



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por
PATRICIA GOMES RUFINO ANDRADE - SIAPE 2525895
Diretoria de Política Extensionista - DPE/PROEX
Em 23/12/2020 às 13:10

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link:
<https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/117221?tipoArquivo=O>

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e por me conceder a oportunidade de vivenciar experiências, encontros e realizar tantos sonhos nesta existência, colocando no meu caminho pessoas tão generosas.

Aos meus pais, Edite e Hudson, razões do meu viver, e ao meu irmão Junior por acreditarem em mim, pela paciência, amor, compreensão, sábios conselhos e por participarem dos meus sonhos. Vocês significam muito para mim, tê-los ao meu lado torna tudo mais fácil e especial.

Ao meu orientador, professor Doutor Soler Gonzalez, pela oportunidade de realizar este trabalho e pela generosidade, atenção, ensinamentos compartilhados de forma admirável nas valiosas orientações e provocativas conversas tecidas com carinho, guiando-me nos primeiros passos da pós-graduação. Trilhar esse caminho ao seu lado fez toda a diferença na minha trajetória pessoa e profissional, sendo você um presente que a vida me proporcionou. Muito obrigada por tudo!

Aos professores Rodrigo Barchi e Débora Monteiro, por aceitarem, gentilmente, participar da qualificação e pelas preciosas contribuições que enriqueceram esta pesquisa. Agradeço imensamente a professora Patrícia Rufino pelos ensinamentos e vivências nessa jornada acadêmica e por aceitar compor a banca de defesa do meu trabalho. A vocês, ficam o carinho e gratidão!

Aos meus ecoamigos/as, irmãos e irmãs do Coletivo Formate, agradeço imensamente a amizade, carinho, companheirismo e irmandade, por me possibilitarem compor histórias de re-existência em Viana. Obrigada por me ensinarem que quem tem história de pertencimento coletivo sabe onde se curar das marcas e dores provocadas pelo colonialismo e pelo pensamento hegemônico opressor que habita em nós. O Coletivo Formate tem sido o nosso quilombo de afetos, em que semeamos esperança para seguirmos a nossa jornada da vida.

Aos sujeitos da história e da pesquisa, que vivem os seus cotidianos reinventando e ecoando resistências, cujas escritas de si expressam as histórias pertencentes a

uma coletividade. Talvez eu não consiga expressar em palavras a admiração, felicidade e honra que sinto por dialogar, nesta dissertação, a respeito das narrativas, bio:grafias e *escrevivências* dessas mulheres e homens.

Gratidão pela generosidade e amorosidade de todas e todos por me permitirem trazer à tona as escritas das nossas vivências e experiências concretas, eu me vejo em vocês, pois “da voz outra, faço a minha” (EVARISTO, 2016, p. 7). Por isso, recolher as histórias que nos atravessam coletivamente, e que transbordam em mim, é resultado desses encontros que a vida cotidiana nos possibilita e nos convida a exalarmos outros saberes.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação de Mestrado Profissional (PPGMPE) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e à nossa turma “Resistência”, composta por magníficos profissionais da educação, comprometidos com a sua atuação, que fazem das suas existências transgressoras um ato político e que tornaram a nossa jornada científica, acadêmica e intelectual mais prazerosa. Gratidão, pelos momentos de balburdia e por compartilharmos comida, afetos, histórias, e construirmos amizades. Vocês são sensacionais.

Aos ecoamigos/as do nosso grupo de pesquisa em Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas pelos encontros regados de muitos afetos e ensinamentos tão essenciais para fazermos o enfrentamento à Covid-17, ao racismo, ao machismo, ao sexismo, à homofobia e ao fundamentalismo religioso, que nos asfixiam e contra os quais ainda não temos vacina, mas que o antídoto é o conhecimento produzido pela educação problematizadora, libertadora e engajada.

Ao inesquecível e saudoso educador Paulo Freire por me ensinar que educar requer a “corporificação da palavra pelo exemplo” (FREIRE, 2017a, p. 35) e me mostrar às belezas e bonitezas da vida, sendo um frescor para superarmos os desafios na educação a fim de que os saberes e conhecimentos produzidos nos cotidianos escolares possam desconstruir mitos.

Por fim, agradeço aos meus alunos e alunas com quem aprendo que construir outro mundo é possível.

“Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegaram por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.”

Paulo Freire

“Gosto de ouvir, mas não sei se sou hábil conselheira. Ouço muito. Da voz outra, faço a minha, as histórias também. E no quase gozo da escuta, seco os olhos. Não os meus, mas de quem conta. E, quando de mim, uma lágrima se faz mais rápida do que o gesto de minha mão a correr sobre o meu próprio rosto, deixo o choro viver. E, depois, confesso a quem me conta, que emocionada estou por uma história que nunca ouvi e nunca imaginei para nenhuma personagem encarnar. Portanto estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas [...]”

Conceição Evaristo

“[...] tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo.”

Ailton Krenak

RESUMO

Esta pesquisa, em educações ambientais, busca problematizar e cartografar práticas pedagógicas de educações ambientais, realizadas por comunidades e movimentos sociais vianenses. Os sujeitos da história e praticantes da pesquisa são as mulheres militantes de Viana e os moradores/as do bairro Marcílio de Noronha. O objetivo, desta dissertação, consiste em problematizar e registrar as práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das bio:grafias e narrativas dos moradores de Marcílio de Noronha e das *escrevivências* de um grupo de mulheres de movimentos sociais do município de Viana. Esse estudo se justifica pelo fato de possibilitar aos grupos sociais historicamente oprimidos narrarem as suas experiências e re-existências ao buscarem outras formas de convivência, baseadas nas relações coletivas e de solidariedade, tendo em vista a transformação da sua realidade local. Por isso, recorreremos às contribuições do pensamento freireano como aposta teórica e metodológica (2017a, 2017b) para realização deste estudo; com o autor Reigota (2010, 2012), praticamos a educação ambiental como educação política; já com a autora Alves (2019), pensamos nos *praticantespensantes* da vida cotidiana, e com as autoras e escritoras feministas negras, como: Ribeiro (2019a, 2019b); Carneiro (2019); hooks (2013, 2019b); Evaristo (2016, 2018) e Jesus (2014), conversamos sobre as re-existências femininas frente às opressões patriarcais, raciais, sexistas e machistas. Nesse estudo dialogamos com as metodologias de pesquisa com os cotidianos, com aproximações da pesquisa cartográfica e das pesquisas narrativas. Quanto à produção de dados, utilizamos o diário de campo, as narrativas, as bio:grafias, as *escrevivências*, as fotografias e os diálogos amorosos (FREIRE, 2017b), com os sujeitos da história e praticantes da pesquisa. Em relação ao produto educacional, produzimos um fascículo das ecologias insubmissas praticadas pelas mulheres participantes dos movimentos sociais vianenses.

Palavras-chave: Educações ambientais. Bio:grafias. Escrevivências. Rio Formate.

ABSTRACT

This study on environmental education aims to discuss and map teaching strategies on environmental education performed by communities and social movements from Viana. The subjects of this history and participants of this research are activist women from Viana and residents of the Marcílio de Noronha neighborhood. The goal of this dissertation is to discuss and register the practices of environmental education as well as the community relationships that are affective, ecological, political and pedagogical on behalf of preserving the Formate River. The research is based on the biographies and narratives of the residents of Marcílio de Noronha and the “*escrevivências*” of a group of women from social movements of Viana. This study justifies itself for allowing social groups that are historically oppressed to give their own narrative of their experiences and re-existences while seeking new forms of interactions based on community relationships and solidarity, seeking to transform their local reality. That is why we have turned to Paulo Freire’s contribution as a theoretical and methodological focus (2017a, 2017b) to conduct this research; with the author Reigota (2010, 2012) we committed with the environmental education as a political education; and with Alves (2019) we thought about the *thinking practitioners* in daily life. The black feminists as Ribeiro (2019a, 2019b); Carneiro (2019); hooks (2013, 2019b); Evaristo (2016, 2018) and Jesus (2014) were important e to discuss about the re- existences of women in face of the patriarchal, racial, chauvinistic and gender oppressions. In this study, we dialogue the research methodology with the daily life, with approximations of the cartographic research and the narrative ones. In terms of data production, we used the field diary, the narratives, the “*escrevivências*”, photographs and loving dialogues (FREIRE, 2017b) with the subjects of the subjects of this history and participants of this research. With regard to the final product, we produced a fascicle of un submissive ecologies practiced by the women that engaged with the social movements of Viana.

Keywords: Environmental Education *Escrevivências*. Biographies. Formate River.

LISTA DE FOTOGRAFIA

Fotografia 01 - Encontro para oficializarmos o Coletivo Formate.....	24
Fotografia 02 - Reunião de Planejamento do Debate Eleitoral	25
Fotografia 03 - Debate eleitoral entre os candidatos a Prefeitos de Viana.....	26
Fotografia 04 - Organização do Dia dos Movimentos Sociais de Viana	27
Fotografia 05 - Momento de imersão em Biriricas – Domingos Martins	29
Fotografia 06 - 1º Mostra Cineclubista em Santa Clara.....	30
Fotografia 07 - Oficina de Caneca de Bambu	31
Fotografia 08 - Participação na caminhada ecológica.....	43
Fotografia 09 - Visita a Ascamavi.....	44
Fotografia 10 - Grupo Artesanarte de Viana	45
Fotografia 11 - Reunião do grupo Coletivo Formate	46
Fotografia 12 - Diretoria da Femopovi.....	47
Fotografia 13 - Bairro Marcílio de Noronha na década de 90.....	49
Fotografia 14 - Pacheco (pai) e José (filho) no plantio às margens do rio	54
Fotografia 15 - Ação de plantio às margens do rio Formate	55
Fotografia 16 - Wil nas suas andanças distraídas por Viana e Cariacica.....	57
Fotografia 17 - Seu José cuidando do Jardim	61
Fotografia 18 - Plantio de mudas de vegetais na horta da escola.....	65
Fotografia 19 - Momento de plantio.....	67
Fotografia 20 - Caminhada ecológica.....	68
Fotografia 21 - Plantio de muda após a caminhada ecológica	68
Fotografia 22 - Preparando o papel reciclado	70
Fotografia 23 - Rua Antônio Freire no período de fortes chuvas.....	72
Fotografia 24 - Imagem de uma das pontes que ligam Viana e Cariacica	73

Fotografia 25 - Catadoras de materiais reciclados da Ascamavi.....	91
Fotografia 26 - Menara Lopes na manifestação #EleNÃO	97
Fotografia 27 - Juliana ministrando uma oficina de vídeo	104
Fotografia 28 - Maria da Penha Lourenço	110
Fotografia 29 - Josi na oficina de pipa da Ecoteca.....	117
Fotografia 30 - Linda na Conferência Municipal de Juventude.....	125
Fotografia 31 - Elenice na reunião da Femopovi	131
Fotografia 32 - A prof. Penha no almoço beneficente da Asiarfa	136
Fotografia 33 - Daniely Lyra	143
Fotografia 34 - Encontros afetuosos que produzem mudanças em nós.	155
Fotografia 35 - Organização da mística	157
Fotografia 36 - Diálogo com os elementos da mística.....	159
Fotografia 37 - Cantando sobre as nossas re-existências femininas	160
Fotografia 38 – Frases de mulheres que se reinventam a partir da escrita	161
Fotografia 39 - Diálogos poéticos insubmissos	165
Fotografia 40 - Literatura enquanto espaço de enfrentamento ao racismo	166
Fotografia 41 - Compartilhando histórias de re-existência	169
Fotografia 42 – Diálogos reflexivos	174
Fotografia 43 - Exposição Fotográfica Becos da Memória.....	177
Fotografia 44 - Diálogos que incomodam a casa-grande.....	180

LISTA DE SIGLAS

ACEERAN VANKATE - Associação Cultural Esportiva Ecológica Raízes da Natureza Vanderlei Karate

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais

ASCAMAVI - Associação de Catadores de Materiais Recicláveis do Município de Viana

ASIARFA - Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus Afluentes

CEBs - Comunidades Eclesiais de Base

CESAN - Companhia Espírito Santense de Saneamento

CJ - Coletivo Jovem de Meio Ambiente

CNIJMA - Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente

COHAB - Conjunto Habitacional

COMDEMA Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente

COVID-19 – Termo em inglês que significa Coronavírus Disease 2019

CPT - Comissão Pastoral da Terra

CRAS - Centro de Referência de Assistência Social

CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social

CUFA - Central Única das Favelas

CUT - Central Única dos Trabalhadores

FAMA - Fórum Alternativo Mundial das Águas

FEMOPOVI - Federação dos Movimentos Populares de Viana

FEPS-ES - Fórum de Economia Popular Solidária do Espírito Santo

IFES - Instituto Federal do Espírito Santo

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

INSS - Instituto Nacional do Seguro Social

JOC - Juventude Operária Católica

MNLM - Movimento Nacional de Luta por Moradia

MPA - Movimento de Pequenos Agricultores

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PJ - Pastoral da Juventude

PPGMPE - Programa de Pós-Graduação em Educação de Mestrado Profissional

PT - Partido dos Trabalhadores

SAI - Serviço de Acolhimento Institucional

SESA - Secretaria de Estado de Saúde

SECULT - Secretaria Estadual da Cultura

SUS - Sistema Único de Saúde

UBS – Unidade Básica de Saúde

UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1: ESCRIVÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA ENGAJADA E INSUBMISSA	22
CAPÍTULO 2: NARRATIVAS DAS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS PRATICADAS EM UMA COMUNIDADE E NOS COTIDIANOS ESCOLARES	36
Movimentos sociais vianenses, rio Formate e outras educação ambientais	42
Episódio 1: O maior potencial de um lugar são as pessoas.....	48
Episódio 2: Brincar, nadar e se alimentar do rio	53
Episódio 3: Rio Formate...esse rio é seu, esse rio é meu, esse rio é nosso	56
Episódio 4: Temos que fazer a diferença no lugar onde estamos	59
Episódio 5: Práticas educativas ambientais nos cotidianos escolares	64
CAPÍTULO 3: ECOLOGIAS INSUBMISSAS E AS ESCRIVÊNCIAS FEMININAS	76
CAPÍTULO 4: ECOLOGIAS INSUBMISSAS DAS MULHERES E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POLÍTICA	89
Insubmissa 1: (Re) inventando formas de (re) existir.....	92
Insubmissa 2: Ressignificando a minha existência	98
Insubmissa 3: O aprendizado vem das pequenas experiências da vida.....	105
Insubmissa 4: “Ser sendo”sujeito no coletivo e na relação com o mundo.....	105
Insubmissa 5: Revolução é uma palavra feminina	118
Insubmissa 6: Revolucionar sem perder a ternura.....	126
Insubmissa 7: Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo.....	132
Insubmissa 8: Raízes fortes: compartilhando saberes.....	137

Insubmissa 09: A família que eu escolhi.....	137
Compondo nossas re-existências femininas.....	137
PRODUTO EDUCACIONAL: ENCONTRO DIÁLOGOS DE MULHERES	
INSUBMISSAS	154
Iniciando nossas conversas com um diálogo poético.....	155
Episódio 1 – Mística: saberes que emergem dos povos do campo e das florestas.....	157
Error! Bookmark not defined.	
Episódio 2 – Frases, charges e as ecologias insubmissas antirracistas.....	161
Episódio 3 – Poesia indígena: pensando as resistências e violências praticadas contra os seus corpos e existências.....	163
Episódio 4 - Diálogo com a literatura: narrativas ficcionais e racismo ambiental.....	165
Episódio 5 - Rio Formate: espaço de aprendizagem coletiva.....	168
Episódio 6 - Heroínas negras mostram que as nossas re-existências são ancestrais.....	174
Episódio 7 - Beco da Memória: (re)inventando práticas ecológicas insubmissas.....	177
Episódio 8 - Cineclube enquanto prática política e pedagógica.....	179
Episódio 9 - Narrativas referentes à avaliação do encontro formativo.....	184
AS (IN)CONCLUSÕES DE UMA CAMINHADA DE RE-EXISTÊNCIA	194
REFERÊNCIAS.....	204
APÊNDICE – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ESCOLA.....	212
ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	210

INTRODUÇÃO

A minha trajetória pessoal e profissional com as educações ambientais se intensificaram a partir da militância no Coletivo Formate, em 2009, quando inicialmente as nossas práticas eram influenciadas pelos Coletivos Jovens de Meio Ambiente (CJ) e pela III Conferência Nacional Infante-Juvenis pelo Meio Ambiente (CNIJMA), realizadas pelos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente.

Entretanto, a nossa aproximação com outros espaços de representatividade coletiva como os movimentos sociais de base comunitária, fizeram-nos refletir sobre a importância de se distanciar da educação ambiental hegemônica e homogênea proposta pelo governo, pois esta pouco contribui com a transformação da nossa realidade. Por isso, começamos a construir de forma dialogada as nossas práticas pedagógicas e ambientais comunitárias.

Esta pesquisa em educações ambientais busca problematizar e cartografar práticas pedagógicas realizadas por comunidades e movimentos sociais que, com suas resistências, unem-se para preservarem, tanto suas memórias e relações com o rio Formate, quanto o próprio rio, atualmente poluído na área urbana dos municípios de Viana e Cariacica, localizados na Região Metropolitana do Estado do Espírito Santo.

Podemos dizer que nessa relação com os sujeitos da história (FREIRE, 2017a) e praticantes da pesquisa (PASSOS; BARROS, 2015) aprendemos que “[...] transformar a realidade opressora é tarefa histórica” (FREIRE, 2017b, p. 51), sendo este um compromisso de quem deseja construir outra sociedade. Além disso, os sujeitos que vêm das margens (REIGOTA, 2010a), ensinam-nos, por meio dos seus cotidianos e leituras de mundo (FREIRE, 1989), que não existe dominação sem resistência. Desse modo, assumimos um posicionamento político, pedagógico e contra-hegemônico a favor dos grupos sociais historicamente oprimidos e marginalizados.

Com a autora Nilda Alves (2019), buscamos “mergulhar com todos os sentidos”, a fim de “ir além do já sabido”, mostrando como as práticas pedagógicas que emergem da vida cotidiana desafiam os caminhos já conhecidos no processo de

pesquisa, sendo essencial darmos visibilidade aos “praticantespensantes da vida cotidiana”, cujas histórias estão carregadas de múltiplos significados, onde os espaços de aprendizagens expressam a forma de ser, pensar e agir de uma coletividade. Portanto, não acreditamos em processos neutros de educação, porque a forma como pensamos o nosso cotidiano, reflete as nossas práticas pedagógicas e leituras de mundo.

A pesquisa foi realizada em diferentes contextos educativos e formativos situados ao longo da bacia do rio Formate, envolvendo tanto moradoras e moradores da comunidade de Marcílio de Noronha, quanto mulheres que atuam nos movimentos sociais, estudantes e professoras, que colaboraram e que são reconhecidos nesta pesquisa como sujeitos da história, os quais, segundo Paulo Freire, assumem o compromisso político e pedagógico de não se adaptar, mas de mudar o mundo, a partir das suas comunidades.

[...] o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mais sujeito também da história (FREIRE, 2017a, p. 53).

Os sujeitos da história e praticantes da pesquisa são pessoas que reinventam formas de resistir que se entrelaçam com os esforços cotidianos para transformar a realidade local, a partir de seus saberes, que dialogam e se complementam por meio das experiências e vivências de cada um. Podemos destacar que a inserção nesses movimentos comunitários e de re-existências, nos fez entender que “ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que tornamos parte” (FREIRE, 2001a, p. 43), porque esses espaços contribuem com a nossa formação cidadã.

Abordaremos nesta pesquisa as relações desses sujeitos da pesquisa, que em sua maioria, residem no bairro Marcílio de Noronha, cujas relações afetivas, ecológicas, comunitárias, políticas e pedagógicas se entrelaçam com o rio Formate. Ressaltamos o fato de que grande parte dos sujeitos envolvidos na pesquisa são moradores e moradoras que residem próximos às margens do rio Formate, sendo, em sua maioria, pessoas que se declaram negras.

Desse modo, em se tratando dessa singularidade acerca da população praticantes da pesquisa, e como moradora de Marcílio de Noronha, movemo-nos a pensar as experiências e práticas pedagógicas de educações ambientais, realizadas pelas comunidades locais, no intuito de problematizarmos os saberes e as relações ecológicas, ancestrais, de resistências e de re-existências, apostando nas perspectivas teóricas de intelectuais negros e negras para problematizarmos as relações dessas comunidades com o rio Formate.

Este estudo se propõe também a problematizar as pesquisas em Educação e em Educações Ambientais, e, para iniciarmos essas reflexões, podemos partir de uma questão, tendo como inspiração a filósofa e escritora negra, Djamilia Ribeiro (2019a): quem pode falar, em relação às problemáticas ambientais locais, numa sociedade patriarcal, racista e sexista, quando o conhecimento e o discurso estão atrelados à branquitude?

Que saberes e práticas de educações ambientais são produzidos pelos moradores, moradoras e movimentos sociais locais, que mantêm suas relações afetivas, comunitárias, ecológicas, políticas e pedagógicas com o rio Formate? Que práticas de re-existências e ecologias insubmissas são praticadas pelas mulheres militantes dos movimentos sociais vianenses?

O objetivo geral desta pesquisa consiste em problematizar e registrar as práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das bio:grafias e narrativas dos/as moradores/as da comunidade de Marcílio de Noronha e das *escrevivências*¹ de um grupo de mulheres de movimentos sociais do município de Viana.

Dentre os objetivos específicos podemos destacar:

¹ É uma inspiração na obra de Conceição Evaristo, cuja noção será abordada no capítulo 3 intitulado: Ecologias insubmissas e a educação ambiental política.

- a) Problematizar e registrar as práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das narrativas e bio:grafias dos moradores e moradoras locais e membros de movimentos sociais vianenses.
- b) Problematizar e registrar as educações ambientais, as *escrevivências* e as ecologias insubmissas de um grupo de mulheres militantes de movimentos sociais do município de Viana, e suas contribuições políticas e pedagógicas na defesa e preservação do rio Formate.
- c) Elaborar e apresentar o projeto educacional de cunho formativo em Educações Ambientais, intitulado *Diálogo de mulheres insubmissas*², como proposta de abordar as educações ambientais que emergem com os movimentos sociais vianenses em prol da preservação do rio Formate.

Desse modo, esta pesquisa aposta nas experiências e educações ambientais que são tecidas nas relações cotidianas e comunitárias com o rio Formate e que são protagonizadas pelos sujeitos da história e da pesquisa, os quais lutam para preservar o rio Formate e, ao mesmo tempo, resistem e re-existem, criando relações coletivas e de solidariedade locais.

Ainda são pouco conhecidas as educações ambientais praticadas pelos movimentos sociais vianenses e comunidades que residem na bacia do rio Formate. Nesse sentido, essas vozes e esses sujeitos da história e desta pesquisa falam e narram por si, pelas suas comunidades e pelo rio Formate.

Nossos aportes teóricos-metodológicos são as pesquisas com os cotidianos (ALVES, 2019), a pesquisa cartográfica (BARROS; KASTRUP, 2015) e as pesquisas narrativas (REIGOTA, 2016), de modo que, a partir desses aportes, problematizamos os padrões hegemônicos em relação ao conhecimento científico, que tende a excluir, marginalizar e silenciar os saberes que emergem dos sujeitos que vêm das margens, e que reinventam modos de estar no mundo, porque são,

² É uma inspiração da obra “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” da escritora Conceição Evaristo, cuja noção será abordada no produto educacional: *Diálogo de Mulheres Insubmissas*.

como nos ensina a professora pesquisadora Nilda Alves (2019), *praticantespensantes* da vida cotidiana.

A pesquisa cartográfica, por sua vez, acompanhou-nos nos movimentos e momentos de habitar o campo da pesquisa; registrar os diários de campo, os encontros e conversas; fotografar e criar espaços e momentos de intervenção com estudantes, professores e professoras, moradores e moradoras, em prol da preservação do rio Formate.

Desse modo, entendemos que “[...] a pesquisa se faz em movimento, no acompanhamento de processos, que nos tocam, nos transformam e produzem mundos” [...] (BARROS; KASTRUP, 2015, p. 73), sendo esta uma escolha política, tendo em vista que não há neutralidade do conhecimento, pois a pesquisa mais do que representar uma realidade, ela busca intervir e criar outras realidades de mundo.

As pesquisas narrativas, realizadas pelo professor Marcos Reigota (2016), abordam os seus aspectos teóricos e políticos, ao trazerem à tona as vozes dos grupos sociais oprimidos que expressam outros modos de ser e estar no mundo, e que buscam desconstruir e confrontar os discursos e narrativas hegemônicas, que representam o pensamento dominante, o qual ao ser reproduzido de forma sistemática ao longo do processo histórico social foi se consolidando como verdade.

Como militante e pesquisadora posso dizer que o encontro com a política da narratividade (PASSOS; BARROS, 2015) nos possibilitaram assumir um posicionamento ético frente ao mundo, estando essa relação entrelaçada à maneira como entendemos e praticamos as narrativas durante o processo de pesquisa. Nesse contexto, destacamos que

[...] podemos pensar a política da narratividade como uma posição que tomamos quando, em relação ao mundo e a si mesmo, definimos uma forma de expressão do que se passa, do que acontece. Sendo assim, o conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político (PASSOS; BARROS, 2015, p. 151).

Durante nossos percursos no campo da pesquisa, assumimos também o compromisso ético enquanto pesquisadora conversadora com o cotidiano, como nos ensina Spink (2008), a fim de conhecermos as narrativas e vivências dos moradores/as de Marcílio de Noronha e as ecologias insubmissas³ que são praticadas por mulheres militantes de Viana. Sendo assim, buscamos dialogar com os fragmentos da realidade presentes nas conversas, histórias e acontecimentos nos diversos espaços que habitamos durante a pesquisa nas reinvenções episódicas do cotidiano.

A seguir, convidamos à leitora e ao leitor a seguirem os fluxos do rio Formate e dos coletivos sociais, escola e comunidades. Para tal, organizamos esta dissertação a partir dos seguintes capítulos: Capítulo 1 *Escrevivências de uma pesquisadora engajada e insubmissa*, no qual apresento minhas trajetórias com as educações ambientais e meu engajamento político, ecológico e social como militante do Coletivo Formate, um dos movimentos sociais vianenses que lutam pela preservação do rio Formate e que realizam práticas ambientais com escolas e com a comunidade, trazendo à tona o potencial político, pedagógico e ecológico dessa rede de solidariedade e de parcerias envolvendo coletivos sociais locais.

No capítulo 2, *As narrativas das educações ambientais praticadas em uma comunidade e nos cotidianos escolares*, o campo da pesquisa e o município de Viana são narrados com as vozes dos sujeitos da história e da pesquisa, e as bio:grafias destes moradores e moradoras, que são engajados nos coletivos sociais vianenses, num movimento freireano de aprender e de dialogar com a própria história (2011), trazendo à tona outras histórias, narrativas, memórias, ecologias e relações com o rio Formate.

³ A noção de Ecologias Insubmissas surgiu a partir do encontro com as leituras da tese da professora Andréia Teixeira Ramos, intitulada *Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares*, do seu artigo “Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero” e das orientações do grupo de pesquisa em Territórios de Aprendizagens Autopoiéticas e do projeto narradores da maré, com as *lives* que ocorreram em agosto de 2020, intituladas Ecologias Insubmissas.

O Capítulo 3 desta dissertação, intitulado *Ecologias insubmissas e as escrevivências*, foi pensado e escrito enquanto fundamentação teórica e metodológica das *escrevivências*, ecologias insubmissas e do produto educacional: *Diálogo de Mulheres Insubmissas*, tendo como inspiração a literatura de Conceição Evaristo e a aproximação com as autoras e escritoras feministas negras em diálogo com as educações ambientais.

No capítulo 4, *Ecologias insubmissas das mulheres e a educação ambiental política*, abordamos as *escrevivências* de um grupo de militantes que, nesse processo de escrita de si, falam da reinvenção da subjetividade feminina, a qual ocorre por meio das suas narrativas, que tendem a fortalecer o processo de libertação histórico e cultural dessas mulheres, pois as histórias vividas e narradas por elas possuem uma dimensão política, pedagógica e ecológica das suas práticas cotidianas.

A proposta de produto educacional desta pesquisa-intervenção consiste em um fascículo pedagógico e formativo contendo: aspectos teóricos, metodológicos, políticos e pedagógicos a partir das bio:grafias de professoras, estudantes e moradoras que realizam práticas comunitárias de educações ambientais; e *escrevivências* de um grupo de mulheres militantes dos movimentos sociais vianenses que se reuniu no início deste ano, no encontro organizado pela pesquisadora e pelas próprias mulheres, intitulado *Diálogo com as mulheres insubmissas*.

O fascículo aborda também a perspectiva de Educação e de Educação Ambiental e suas implicações políticas e pedagógicas em processos formativos, bem como as potencialidades políticas, pedagógicas e ecológicas das *escrevivências* e das leituras de mundo dos sujeitos, considerando as ecologias insubmissas praticadas pelas mulheres militantes de movimentos sociais vianenses e tendo como inspiração, para pensarmos o campo da Educação Ambiental, as escritoras Conceição Evaristo (2016) e Carolina Maria de Jesus (2014) e as diversas formas de resistência, re-existências (RAMOS, 2018), solidariedades, irmandades, afetos, ancestralidades e ensinamentos das mulheres negras.

CAPÍTULO 1: ESCREVIVÊNCIAS DE UMA PESQUISADORA ENGAJADA E INSUBMISSA

Neste capítulo, abordaremos alguns caminhos, encontros e experiências que vivenciamos a partir das práticas políticas, pedagógicas, comunitárias e afetivas realizadas nessa relação com o rio Formate, tendo em vista as diferentes perspectivas de educação ambiental, concebendo-as como “educações ambientais”, no plural, e que envolveram tanto os contextos das políticas municipais de educação ambiental quanto os dos movimentos sociais vianenses, das comunidades e dos cotidianos escolares.

A abordagem metodológica deste capítulo se aproxima das perspectivas freireanas de dialogar e aprender com a própria história, sendo narradas a partir das experiências no Coletivo Formate, em diálogo com a pesquisadora e autora negra bell hooks para pensarmos no potencial ético, político, pedagógico da pedagogia engajada, a qual atravessa os movimentos sociais vianenses e a educação ambiental política.

Ressaltamos que a professora bell hooks teve contato e ressignificou o pensamento freireano ao propor uma pedagogia engajada, que estivesse comprometida com a educação libertadora, que valorizasse as narrativas e experiências dos/as alunos/as, evidenciando as práticas pedagógicas feministas, antirracistas e anticolonialistas e problematizando as relações de dominação ao teorizar o modo de se viver, com a finalidade de que os/as alunos/as possam refletir e modificar o mundo a partir das suas realidades. Para bell hooks, os professores precisam ter “coragem para transgredir as fronteiras que fecham cada aluno numa abordagem do aprendizado como uma rotina da linha de produção” (hooks, 2013, p. 25). Essa mudança produz outras intervenções pedagógicas a fim de contribuirmos com o engajamento crítico dos/as estudantes.

A pedagogia engajada assume o compromisso de defender os interesses coletivos, “[...] buscando não somente o conhecimento que está nos livros, mas também o conhecimento acerca de como viver no mundo” (hooks, 2013, p. 27), pois possibilita a mudança da mentalidade opressora, ao educar para se libertar, curar e unir as

peçoas, interligando as experiências educacionais, emocionais e políticas, sem desassociar teoria e prática, porque oferece aos estudantes uma sala de aula, onde o diálogo, o respeito e a participação ativa possam proporcionar um ambiente seguro, acolhedor e que os proteja dos pensamentos conversadores, racistas, machistas, homofóbicos e da intolerância religiosa, não reforçando a continuidade dos sistemas de dominação.

Os caminhos e trajetórias com as educações ambientais, e com o Coletivo Formate e outros movimentos sociais vianenses, frutificaram diversas ações comunitárias, pedagógicas e ambientais, que nesses onze anos, desde quando éramos jovens ecologistas, fortaleceram o nosso engajamento, militância e participação nas políticas sociais e ambientais locais.

O início desse envolvimento comunitário ocorreu em 2009, quando o idealizador do Coletivo Formate participou da III Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente, dos Ministérios da Educação e do Meio Ambiente, realizada no Estado de Goiás. Esse encontro juntamente com as suas vivências nos cotidianos escolares entrelaçadas ao rio, o fato de morar próximo ao rio Formate e participar dos movimentos comunitários, foram experiências que contribuíram com o seu desejo de formar um Coletivo Jovem de Meio Ambiente.

Como resultado da organização de um grupo de jovens vianenses, surgiu o Coletivo Formate com a intenção de pensarmos em políticas públicas para a juventude atreladas às educações ambientais. Por isso, os/as militantes/as deste grupo buscavam construir uma história de luta, resistência e alternativas, por meio da qual pudéssemos também contribuir com os movimentos sociais já existentes em Viana, dando significado a nossa existência, entendendo que somos seres coletivos, pois “[...] foi criando histórias que homens e mulheres se fizeram na história” (FREIRE, 2008, p. 53).

Fotografia 01 - Encontro para oficializarmos o Coletivo Formate



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

Vale ressaltar que a escolha do nome do nosso grupo tem relação direta com o rio Formate, que aproxima as cidades de Viana e Cariacica, pois fazemos parte dos movimentos de resistência em defesa desse rio. Além disso, alguns integrantes do Coletivo Formate moravam na região de abrangência do rio.

No início de nossa efervescente atuação, os/as militantes do Coletivo Formate participavam de forma assídua dos momentos de reivindicações comunitárias, do Conselho de Escola, organização de abaixo-assinados, passeatas, fechamento da BR 262 e dos atos públicos em frente à Câmara Municipal de Viana.

Freire (2008, p. 43) menciona que “as pessoas jovens necessitam saber que a existência humana é uma experiência de luta [...]”. Por isso, essas manifestações representavam o nosso desejo e compromisso de colocar ordem no mundo a partir da nossa realidade, porque escolhemos, enquanto grupo social oprimido, reinventar as nossas resistências, não nos conformando com as injustiças presentes na sociedade opressora em que vivemos.

Em novembro de 2011, o Coletivo Formate, a Federação dos Movimentos Populares de Viana (Femopovi), a Associação Intermunicipal Ambiental em Defesa do Rio Formate e seus afluentes (Asiarfa), em parceria com a EEEM Irma Dulce Lopes Pontes, localizada no Bairro Marcílio de Noronha, realizou o fechamento da BR 262, com o objetivo de reivindicarmos ao Poder Público Municipal as ações de combate à poluição do rio Formate e também de buscarmos assistência aos moradores e moradoras que residem às margens do rio, porque eles/as tinham as suas casas alagadas no período de fortes chuvas. Após esse ato público, conseguimos garantir que seis famílias tivessem acesso à moradia popular.

No ano de 2012, o Coletivo Formate organizou, juntamente com os demais movimentos sociais de Viana, um debate eleitoral entre o candidato e a candidata a Prefeito/a de nosso município.

Fotografia 02 – Reunião de Planejamento do Debate Eleitoral



Fonte: William Ângelo.

A preparação desse momento exigiu dos/as organizadores/as muita dedicação, empenho e companheirismo, pois os nossos encontros aconteciam durante a semana, no horário da noite, e algumas dessas reuniões acabavam por volta de 01 hora da manhã, e todos/as os/as envolvidos/as eram trabalhadores/as, que sacrificavam horas de sono por ousarmos acreditar na renovação política em nosso município. Com relação a esse assunto, podemos enfatizar que

[...] muita gente não se recorda sequer em quem votou. Há que se valorizar a democracia. Não só é preciso saber em quem votamos, mas também saber o que estão fazendo aqueles e aquelas em quem votamos, pedir-lhes que prestem contas, denunciá-los se não as cumprem, para não voltarmos a elegê-los em próximas eleições. Temos que vigiá-los. [...] denunciar os candidatos que estão descumprindo suas promessas é uma forma de luta, uma forma de romper o isolamento. Este é apenas um exemplo do que se pode fazer (FREIRE, 2008, p. 40).

Fotografia 03 - Debate eleitoral entre os candidatos a Prefeitos de Viana



Fonte: William Ângelo.

Neste mesmo ano, realizamos o Dia dos Movimentos Sociais de Viana, que foi muito positivo, por ter nos possibilitado um espaço de formação política para discutirmos sobre os desafios vivenciados pelos movimentos de resistências comunitárias e também compartilharmos um pouco das experiências e saberes presentes nos

diferentes grupos e movimentos sociais, pois “necessitamos reinventar as formas de ação política” (FREIRE, 2008, p. 40), ao intervimos no mundo mostrando que os/as oprimidos/as se organizam de forma coletiva com o intuito de mudar a realidade opressora.

Fotografia 04 - Organização do Dia dos Movimentos Sociais de Viana



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

O Coletivo Formate, durante algum tempo, reivindicou a implementação de políticas públicas envolvendo a educação ambiental e a juventude e, nesse contexto, ocupamos espaços de representatividade, propondo a realização de políticas públicas com a juventude vianense, pensadas a partir das problemáticas e potencialidades ecológicas locais. Entretanto, ao tentarmos atuar de forma conjunta com os gestores municipais, vivenciamos momentos de tensão e conflitos, próprios de movimentos que pensam e agem coletivamente, dialogando com uma perspectiva política de educação ambiental, comprometida com a criação de espaços de diálogo com as comunidades e, principalmente, com a juventude.

A partir de nossos estudos no mestrado com as pesquisas em educação ambiental política, percebemos o quanto as ações do Coletivo Formate foram fundamentais em nossa formação política a fim de que pudéssemos compreender a nossa presença no mundo, sendo as intervenções comunitárias, reflexo do nosso amor, esperança e desejo de transformar o mundo (FREIRE, 2017b), o que também permeia a minha formação como pesquisadora e professora.

Nesse sentido, a escrita deste capítulo foi pensada no movimento freireano de dialogar e aprender com a própria história, compreendendo que essas trajetórias com a educação ambiental contribuíram para nos reconhecermos, enquanto coletivo e pesquisadora, como sujeitos da história (FREIRE, 2017a), e que, como tal, reinventamos outras formas de resistir, assumindo o compromisso de não nos adaptarmos, mas de mudar o mundo, a partir das nossas comunidades. Sobre esse assunto, Freire menciona

[...] o fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história (FREIRE, 2017a, p. 53).

Por esse motivo, nós militantes do Coletivo Formate, comprometidos com o enfrentamento das problemáticas ambientais locais, aos poucos fortalecemos nossos diálogos com os movimentos sociais e as comunidades vianenses, o que nos possibilitou realizarmos práticas pedagógicas de educações ambientais, pensando, assim como o professor Marcos Reigota, em uma educação ambiental política, cidadã e participativa com o princípio de “estimular a participação comunitária e/ou coletiva para a busca de solução e alternativas aos problemas cotidianos” (REIGOTA, 2012, p. 14), exercitando outros modos de intervenção no e com o mundo.

A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (REIGOTA, 2012, p. 13).

Pensando na educação ambiental política e na desconstrução das relações opressivas e de exclusão social, trazemos à tona a pedagogia freireana (1980), que

nos ensina que a educação como prática da liberdade surge dessa relação entre os/as oprimidos/as que reconhecem as situações de opressão vivenciadas e se colocam como instrumento de transformação. Nesse sentido, o Coletivo Formate organizou inicialmente encontros com jovens e adolescentes, mas, posteriormente, ampliou-se para pessoas de diferentes faixas etárias.

Fotografia 05 - Momento de imersão em Biriricas – Domingos Martins



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

No ano de 2015, tivemos a oportunidade de conhecer o Assentamento Santa Clara, situado na zona rural do município de Viana, criado em 2003, pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), destinado às famílias integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em resposta à mobilização, participação, organização e luta popular pelo direito à terra, moradia e agricultura familiar, conforme menciono no artigo intitulado: “Práticas pedagógicas e saberes

socioambientais comunitários de um assentamento rural”⁴ (SANTOS, 2019), no qual narramos as práticas realizadas pelo Coletivo Formate.

O encontro do Coletivo Formate com as famílias do Assentamento Santa Clara surgiu após termos recebido um convite de uma das lideranças locais para organizarmos, em conjunto com as famílias, práticas pedagógicas culturais, que, segundo Paulo Freire, respeitassem os “saberes que foram socialmente construídos na prática comunitária” (FREIRE, 2017a, p. 31) e estivessem articuladas e imbricadas com a realidade concreta do assentamento.

Fotografia 06 - 1º Mostra Cineclubista em Santa Clara



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

⁴ O artigo “Práticas pedagógicas e os saberes socioambientais comunitários de um assentamento rural”, foi apresentado na 39ª Reunião Nacional da ANPED, que ocorreu na Universidade Federal Fluminense, no período de 20 a 24 de Outubro de 2019. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_16_1.

Organizamos uma mostra cineclubista como forma de estreitar as relações comunitárias solidárias e o diálogo amoroso (FREIRE, 2017b). Desta mostra, com a parceria entre o coletivo e o assentamento, surgiu um cineclube local, com animações exibidas e relacionadas às problemáticas ecológicas locais, seguidas de rodas de conversas.

Fotografia 07 - Oficina de Caneca de Bambu



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

Com esses encontros e diálogos de saberes surgiu o projeto Ecoteca, voltado para o incentivo à leitura, com práticas pedagógicas e de educações ambientais, destinado inicialmente às crianças e adolescentes do assentamento, mas que teve também a adesão dos/as adultos/as, uma vez que os assuntos abordados foram problematizados a partir do cotidiano daquela comunidade, o que colaborava com o envolvimento das pessoas, dando significado às práticas interventivas e educativas (SANTOS, 2019).

Essas vivências com o projeto de leitura colaboraram com os membros do Coletivo Formate no sentido de que pudéssemos iniciar o processo de descolonização dos nossos pensamentos, ao desmontar as práticas pedagógicas opressoras que

habitam e permeiam os nossos cotidianos, possibilitando-nos experimentar outras relações educativas.

Por entendermos que os livros transformam as nossas mentes e vidas, escolhemos compor o acervo da biblioteca local com literaturas infanto-juvenis que não só pudessem alimentar os nossos sonhos, como também possibilitassem reinventarmos modos de convivência amorosa com a Terra e de existirmos com a natureza, pois “[...] o cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (KRENAK, 2019, p. 17). Esses momentos foram essenciais para nos encharcarmos dessas relações de solidariedade comunitária, tecendo outras experiências e saberes ambientais de forma coletiva.

Ao conhecermos e problematizarmos as contribuições políticas, pedagógicas e ecológicas dos/as oprimidos/as e marginalizados/as, reconhecemos o quanto essas ações cotidianas e de resistência na comunidade e os saberes ecológicos destes sujeitos foram fundamentais para pensarmos de modo freireano a educação como prática da liberdade (FREIRE, 1980), por meio do diálogo e da autonomia dos sujeitos, respeitando seus saberes cotidianos e as suas leituras de mundos.

Seguindo as trajetórias com as educações ambientais que foram me constituindo e ao Coletivo Formate, vivenciamos diferentes práticas educativas ambientais que possibilitaram nosso engajamento atual nos processos de descolonização de nossas mentes (FREIRE, 1978), pensando em outros modos de apropriação da vida que sejam tecidos na coletividade e na solidariedade, resistindo às forças coloniais que ainda sobrevivem nas nossas mentalidades.

Outra experiência marcante na minha trajetória com a educação ambiental foi ter sido coordenadora do Serviço de Acolhimento Institucional (SAI) para adolescentes do sexo masculino. Nessa ocasião, possibilitamos o encontro entre os adolescentes e seus saberes e suas leituras de mundo, no sentido de dialogarem e aprenderem com suas histórias.

Com os encontros e diálogos para compartilharmos saberes, os adolescentes passaram a conviver melhor não apenas entre eles, mas também com os

educadores sociais e a equipe técnica. Além disso, passaram a criar seus projetos de vida, retomar os estudos, atuar nas oficinas de artesanatos com peças confeccionadas de materiais recicláveis, participar dos espaços de participação locais e municipal, contribuindo com a humanização do Serviço de Acolhimento Institucional. Podemos destacar que durante esse processo todos/as nós fomos ressignificados/as, tanto quem educa quanto quem é educado.

A partir dessas trajetórias com as educações ambientais e na militância no Coletivo Formate, recebemos o convite para integrarmos à Federação dos Movimentos Sociais de Viana, entidade representada por dois membros do Coletivo Formate no Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente (Comdema), entendendo que ao ocuparmos esses espaços, estamos ampliando as nossas resistências e formando outras relações de saberes, reinventando estratégias a fim de não paramos de lutar.

Quando pensamos em educar para se viver em outra sociedade, temos que nos libertar das relações opressoras, apostar em práticas pedagógicas anticoloniais, contra-hegemônicas e que reconheçam o ser humano “[...] enquanto ser cultural, histórico, inacabado e consciente do inacabamento” (FREIRE, 2017a, p. 50), a fim de que possamos aprender com o outro a dimensão do encontro do ser e do existir.

Na minha trajetória ao longo de uma década com as educações ambientais, no Coletivo Formate, nos diversos movimentos sociais, nos encontros e práticas pedagógicas, coletivas e comunitárias que realizamos com os/as moradores/as, as famílias assentadas, os adolescentes em situação de abrigo, por fim, com as leituras e pesquisas no Mestrado Profissional de Educação, entendemos, em diálogo com o pensamento freireano, que “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens [e as mulheres] se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2017b, p. 96, grifo nosso), porque a educação libertadora não dialoga com práticas dominadoras, colonizadas e bancária de ensino e aprendizagem.

Portanto, as minhas trajetórias e experiências com as educações ambientais a partir do meu engajamento com coletivos sociais foram fortes inspirações para cursar o mestrado e pesquisar o cotidiano no qual estou mergulhada, tendo a possibilidade

de aprender a dialogar com a minha própria história. Por isso, acreditamos “que ‘conhecer-se’ e ‘situar-se no mundo’ e com o ‘outro’ são princípios fundamentais da construção da identidade pessoal e pública do/a educador/a ambiental” (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 128).

Nos encontros com o grupo de pesquisa e por meio de estudos, reencontrei-me com a obra de Paulo Freire, e, desse reencontro, gostaria de destacar um aspecto presente na introdução do livro “Pedagogia do oprimido” (2017b), quando Paulo Freire questiona sobre o nosso “posto no cosmos”, alertando-nos da necessidade de admitirmos que pouco sabemos de nós. Assim, inspirado na pedagogia freireana, acreditamos na urgência em combatermos à opressão, à exclusão, à degradação ecológica e à desolação da vida no planeta, e em lutar por uma educação mais humana e como prática da liberdade.

Com as leituras e estudos que realizei em algumas obras de Paulo Freire, a partir do ingresso no mestrado, percebi o potencial ético, político, pedagógico e ecológico das leituras de mundo dos sujeitos da pesquisa. E, com seus engajamentos sociais, foi possível, aproximar-me das obras de bell hooks e aprender como a pedagogia engajada busca “fazer de sua prática de ensino um foco de resistência” (hooks, 2013, p. 34), ao se preocupar com a participação coletiva nos processos de aprender e de ensinar, escapando das pedagogias do silêncio, das concepções bancárias de educação e das relações de dominação.

Atualmente o Coletivo Formate conta com 12 (doze) integrantes com formação em diversas áreas como Técnico em Meio Ambiente, Engenharia Ambiental, Educação Ambiental, Gestão Cultural, Educação Musical, Pedagogia, Jornalismo, Produção Audiovisual, Produção Cultural, Ciência da Computação, Psicologia, Serviço Social, Recursos Humanos e Administração. Ressaltamos que esses/as militantes participam dos Conselhos de Direitos como o Conselho do Parque Municipal Rota das Garças e da Comissão Interinstitucional da Política Municipal de Educação Ambiental, ambos em Viana.

Após muitas leituras, tenho compreendido que participar dos movimentos sociais, como o Coletivo Formate, é uma maneira que encontramos de formar pequenos

quilombos com a intenção de ampliarmos os nossos horizontes existenciais, resistindo à ideia de pertencermos a uma humanidade homogeneizada, que tenta padronizar as nossas experiências coletivas, tentando retirar de nós a alegria de circular pelo mundo, atraindo uns aos outros pelas nossas diferenças e pelo desejo que temos de vivenciar outras ecologias e educações ambientais, com o intuito de suspendermos o céu e assim adiarmos o fim do mundo, como nos ensina Ailton Krenak.

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim (KRENAK, 2019, p. 26-27).

Com a intenção de continuarmos adiando o fim do mundo (KRENAK, 2019) ao experimentarmos o prazer de estar vivos, iremos apresentar e problematizar, a seguir, algumas práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das narrativas e bio:grafias de moradores e moradoras locais e membros de movimentos sociais vianenses.

CAPÍTULO 2: NARRATIVAS DAS EDUCAÇÃO AMBIENTAIS PRATICADAS EM UMA COMUNIDADE E NOS COTIDIANOS ESCOLARES

A proposta de tecermos esse capítulo de forma dialogada com os/as moradores/as de Marcílio de Noronha é um convite para mergulharmos nas narrativas e bio:grafias contadas a partir dos grupos sociais oprimidos, pensando o mundo de forma descolonizada, ao trazermos à tona os saberes e as contribuições políticas, pedagógicas e ecologistas de moradores/as que são envolvidos em práticas de educação ambientais realizadas em prol da preservação do rio Formate.

Por isso, apostamos nas bio:grafias dos moradores e moradoras de Marcílio de Noronha e membros dos movimentos sociais vianenses, enquanto movimento teórico, metodológico, epistemológico e pedagógico de dialogar e de aprender com a própria história, por estarem mergulhados nos espaços potencializadores de aprendizagens com suas práticas comunitárias e ecológicas.

Numa breve definição dizemos que bio:grafia é uma tentativa de narrar nossa presença no mundo (grafia) e relações existenciais, profissionais e políticas (bio) em busca de mudanças radicais que possibilitem a construção, através de práticas sociais e pedagógicas cotidianas, de uma sociedade justa, sustentável e democrática e que nos (auto)identificam como sujeitos da história [...] (REIGOTA, 2008, p. 12).

A noção de bio:grafias foi inspirada no pensamento político e pedagógico freireano, ao possibilitar a produção de narrativas contra-hegemônicas, descolonizadas que enfatizam as aprendizagens coletivas vivenciadas pelos sujeitos que vêm das margens, e como os/as oprimidos/as se veem nessa relação com o mundo, ao intervirem em suas realidades locais que são atravessadas pela temática ambiental.

Outro aspecto fundamental na definição das bio:grafias são as características do seu conteúdo pautado nas trajetórias pessoais relacionadas prioritariamente com a temática ambiental, nos seus aspectos culturais, políticos, sociais, econômicos e ecológicos, e por serem resultantes de processos pedagógicos (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 129).

As bio:grafias dos moradores/as que residem próximo ao rio Formate foram tecidas com a intenção de evidenciar saberes que socialmente foram construídos por eles/as através de suas práticas cotidianas, que buscam “[...] não é na resignação mas na rebeldia em face das injustiças [se reafirmarem]” (FREIRE, 2017a, p. 76),

visto que novas formas de re-existências são reinventadas a partir de situações concretas.

Nesse sentido, a noção política e cultural inerente às bio:grafias rompe com a rotina normativa e apática e da visibilidade a outras possibilidades, desconhecidas, menosprezadas, desqualificadas ou silenciadas pelas estruturas normativas que definem o que é ou não passível de ser levado em consideração, em escalas de valores definidas em espaços culturais e políticos hegemônicos (REIGOTA; PRADO, 2008, p. 130).

Além disso, destacamos que aprender a dialogar com a própria história é um convite para revisitarmos as nossas histórias, compartilhando as experiências de circular, transformar e (re)escrever o mundo, pois “[...] o nosso aprendizado se dá na prática geral da qual fazemos parte, na prática social [...], é fazendo história que a gente aprende a história” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 24). Por isso, o encontro com os moradores/as de Marcílio de Noronha nos possibilitou a realização de outras leituras de mundo, ao contribuir com a nossa formação e reafirmação diante das injustiças sociais, raciais e ambientais cotidianas.

Veremos a seguir, que as narrativas dos/as moradores/as apresentam saberes que emergem dessa relação com o rio Formate, contrapondo-se ao descaso histórico com relação às pessoas que moram às margens do rio, as quais estão sendo representadas nas reportagens e nos discursos oficiais a partir da ausência de políticas públicas e situação de pobreza, pois quem detém o monopólio da palavra são os dominadores, portanto, as imagens veiculadas, nesses meios, são pensadas e projetadas com o intuito de representar o pensamento colonizador.

Por isso, devemos criar nossos *personagens conceituais* (ALVES, 2019) com a intenção de trazer à tona outras narrativas e imagens que se diferenciam dos discursos e das imagens veiculadas pela mídia e pela opinião pública sobre o município de Viana. Isso representa um posicionamento político e contra-hegemônico a favor dos sujeitos da história, que historicamente são representados/as pelo olhar colonizador, que desconsidera e apaga as potencialidades existentes.

Diante desse contexto vivenciado nas comunidades vianenses e a partir da leitura dos textos da autora Nilda Alves (2015, p. 142), entendemos que “[...] ao lidar com o

cotidiano preciso, portanto, ir além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, me dedicando a buscar outras fontes, todas as fontes, na tessitura de novos saberes necessários”, isto é, ao ampliarmos e diversificarmos as fontes de saberes, traçando outros caminhos, aprendemos diferentes formas de registrar a vida cotidiana.

Por esse motivo, o diálogo com esses moradores/as nos impulsionou nas nossas leituras de mundo (FREIRE, 1989), que acontecem antes de aprendermos a ler as palavras, porque está relacionada ao modo como compreendemos e interpretamos o mundo, dando sentido e significado a nossa existência a partir das experiências concretas de aprendizagem que emergem da relação entre a linguagem e a realidade. Para Freire (1989, p. 9):

[...] A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não pode prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto ao ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto [...].

Ao pensarmos na educação ambiental política sendo praticada a partir das realidades locais, destacamos os movimentos de re-existências ecologistas que são praticados pelos/as moradores/as que residem próximo do rio Formate, pois entendemos “[...] como questões ecológicas não só o meio ambiente, mas também as relações sociais e a subjetividade” (REIGOTA, 1999, p. 15), que contribuem com práticas contra-hegemônicas e outros modos de se viver. A educação ambiental é por princípio:

[...] questionadora das certezas absolutas e dogmáticas; é criativa, pois busca desenvolver metodologias e temáticas que possibilitem descobertas e vivências, é inovadora quando relaciona os conteúdos e as temáticas ambientais com a vida cotidiana estimula o diálogo de conhecimentos científicos, étnicos e populares e diferentes manifestações artísticas; e crítica muito crítica, em relação aos discursos e as práticas que desconsideram a capacidade de discernimento e de intervenção das pessoas e dos grupos independentemente e distantes dos dogmas políticos, religiosos, culturais e sociais e da falta de ética (REIGOTA, 2012, p. 15).

Apostamos na perspectiva ecologista de educação (1999) pelo fato desta ampliar as possibilidades de se pensar a educação ambiental ao romper “[...] com as representações sociais naturalistas sobre a questão ecológica [...]” (REIGOTA, 1999,

p. 15) e ao reafirmar a sua dimensão ética, estética, política e anticolonial com práticas pedagógicas de re-existência presentes nas lutas cotidianas, que não se acomodam diante da realidade e que dialogam com as linguagens literárias e as diversas formas de expressões artísticas, contribuindo assim, com outras possibilidades para pensarmos o processo de escrita da pesquisa.

Pensando nos ambientes educativos e formativos que emergem dos espaços comunitários, destacamos que as narrativas e bio:grafias dos/as moradores/as de Marcílio de Noronha mostra um compromisso com a vida, destacando as memórias afetivas e as práticas de re-existências que acontecem em defesa do rio Formate, que semelhante ao rio Doce está em coma, devido à ação provocada pelos devoradores de mundos que buscam transformar as montanhas, as florestas e os rios em recursos naturais com a finalidade de se tornarem mercadorias, conforme menciona Ailton Krenak (2019). Além disso, como um dos efeitos da colonialidade, temos presenciado rios sendo transformados em lama (rio Doce) e esgoto (rio Formate).

Trazemos para a pesquisa as contribuições dos diários de Carolina Maria de Jesus, pois as suas obras e escrita memorialística e de re-existência dialogam com as nossas vivências e nos fazem pensar nas contribuições éticas, políticas, ecológicas e pedagógicas dos saberes e fazeres tecidos nas relações comunitárias que foram narradas e bio:grafadas pelos moradores e moradoras do bairro Marcílio de Noronha e membros dos movimentos sociais vianenses.

O município de Viana está localizado na Região Metropolitana da Grande Vitória. De acordo com os registros históricos oficiais, disponível no site da prefeitura local, o surgimento da cidade de Viana ocorreu no século XVII, com o início da “ocupação” dos colonizadores portugueses. Esse processo se intensificou com o incentivo da imigração europeia no século XIX, principalmente de alemães e italianos, que receberam terras, casas e os insumos para trabalharem na agricultura.

Ao lermos a historiografia oficial da cidade de Viana, conforme mencionado no site deste município⁵, percebemos a semelhança com os acontecimentos ocorridos no cenário nacional, pois a história de Viana foi forjada pelos dominadores e contada de forma hegemônica. Por isso, a maneira como a colonização portuguesa é apresentada dificulta o nosso entendimento acerca dos conflitos que ocorreram a partir da “presença civilizatória” dos colonizadores que provocaram o genocídio da população nativa, formada pelos indígenas da tribo Puris, que lutavam pela defesa dos seus territórios e contra a dominação colonial.

O incentivo à imigração europeia em Viana, seguindo o contexto político, econômico e social da época, foi uma prática de branqueamento social da população brasileira, formada, até então, majoritariamente por negros, indígenas e mestiços. Segundo Sueli Carneiro (2019), a ideia de branqueamento social estava fundamentada no projeto de eugenia, que representava as teorias científicas racistas criadas para justificar a suposta inferioridade biológica e intelectual, o atraso cultural presentes nos grupos sociais oprimidos e a afirmação da superioridade branca, que era considerada pelos estudiosos eugenistas a evolução da espécie humana.

Portanto, da forma pela qual a sociedade brasileira enfrenta estas questões depende o projeto de nação inclusiva que todos desejamos ou da consolidação do projeto de nação excludente que vem sendo construído a mais de 500 anos de extermínio dos povos indígenas e de marginalização social dos negros em prol do desejado embranquecimento racial, étnico e cultural do país (CARNEIRO, 2019, p. 142).

De acordo com o autor Silvio Almeida (2019), advogado, filósofo, professor, escritor, pesquisador, militante negro e diretor-presidente do Instituto Luiz Gama, em diálogo com as teorias do direito, economia, ciência política e filosofia, apresenta o racismo estrutural como dominação naturalizada no processo histórico, econômico, social, cultural, político e institucional presentes nas normas e padrões da sociedade brasileira.

[...] A tese central é a de que o racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade. O racismo fornece o sentido, a

⁵ A história deste município consta no site da Prefeitura Municipal de Viana/ES. Disponível em: <http://www.viana.es.gov.br/site/pagina/historia>. Acesso em: 19 out. 2019.

lógica e a tecnologia para a produção das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea (ALMEIDA, 2019, p. 20-21).

Como a idéia de sociedade moderna e civilizada está associada ao ser branco, entendemos o motivo da forte influência da colonização européia no município de Viana, presente nos casarões e nas festividades religiosas do Divino. Essa situação mostra por que os gestores municipais não se preocupam em garantir as tradições culturais da tribo dos Puris.

As práticas de dominação e descaso com a cultura, língua e história dos povos colonizados vem sendo reproduzidas historicamente através da representação da colonização como marco civilizatório. Sobre esse assunto, Freire (1978) menciona que

[...] a história dos colonizados "começava" com a chegada dos colonizadores, com sua presença "civilizatória"; a cultura dos colonizados, expressão de sua forma bárbara de compreender o mundo. Cultura, só a dos colonizadores. A música dos colonizados, seu ritmo, sua dança, seus bailes, a ligeireza de movimentos de seu corpo, sua criatividade em geral, nada disto tinha valor. Tudo isto, quase sempre, tinha de ser reprimido e, em seu lugar, imposto o gosto da Metrópole, no fundo, o gosto das classes dominantes metropolitanas (FREIRE, 1978, p. 15-16).

Por esses motivos históricos e políticos, abordaremos, nesta pesquisa, as histórias dos povos vianenses, suas relações de solidariedade, de ecologias, de ancestralidade, e a organização social e coletiva em prol da preservação do rio Formate, que não estão presentes nos documentos oficiais, como é o caso das famílias que residem no Assentamento Santa Clara e no Acampamento Cigano.

A exceção a esse grupo é a comunidade quilombola de Araçatiba, símbolo da resistência cultural negra de Viana, que inspirou a publicação de dois livros: Araçatiba: Patrimônio e Cultura⁶ e Araçatiba: Arte e Cultura, ambos foram produzidos a partir das narrativas dos/as moradores/as.

A seguir apresentaremos o campo problemático da pesquisa a partir das trajetórias, encontros e experiências que vivenciei nos diferentes *espaçostempos* da pesquisa, trazendo como aportes metodológicos os escritos e anotações do diário de campo,

⁶ Esses livros são resultado do trabalho do grupo de pesquisa do Laboratório de Extensão e Pesquisa em Artes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), publicado em 2017.

fotografias e narrativas de moradores, moradoras e militantes dos movimentos sociais vianenses, bem como as vivências do cotidiano escolar.

2.1 Movimentos sociais vianenses, rio Formate e outras educações ambientais

No município de Viana, campo problemático da pesquisa, podemos destacar que os movimentos sociais são atuantes em relação à participação, mobilização e controle social, ao atuarem nos conselhos de direitos, como os da saúde, da criança e do adolescente, da pessoa com deficiência, da educação, da assistência social e do meio ambiente.

Além disso, esses movimentos organizam audiências públicas, atos públicos, palestras, atividades esportivas para área infanto-juvenil, oficinas educativas nas escolas e aula de artesanato. Também ofertam cursos profissionalizantes e outras atividades nas suas comunidades. Essas ações são realizadas pela Femopovi, Asiarfa, Coletivo Formate, Movimento de Pequenos Agricultores (MPA), Associação Cultural Esportiva Ecológica Raízes da Natureza Vanderlei Karate (AceeranVankate), Movimentos Comunitários, Associação de Catadores de Materiais Reciclados do Município de Viana (Ascamavi) e o grupo Artesanarte.

Já as mulheres militantes, sujeitos da história e praticantes da pesquisa, residem em diferentes bairros do município de Viana. Essa situação nos permite compor diálogos com os movimentos sociais que tecem as suas práticas pedagógicas ambientais comunitárias entrelaçadas à atuação e à participação feminina, em respostas às demandas que emergem de suas comunidades e que nos possibilitam problematizarmos acerca das potencialidades presentes nesses espaços de aprendizagem coletiva. Essas mulheres estão inseridas na Asiarfa, na Ascamavi, no Grupo Artesanarte, no Coletivo Formate e na Femopovi.

A *Asiarfa* atua nos municípios de Viana e Cariacica realizando a sensibilização, reflexão e ações educativas nas escolas, visando reduzir as problemáticas ecológicas que o rio Formate enfrenta devido à ocupação desordenada de sua bacia hidrográfica. Os integrantes desse grupo participam dos conselhos de direitos,

palestras, seminários, fórum e demais eventos ligados à educação ambiental. Além disso, promovem campanhas sobre a não privatização dos recursos hídricos e discutem sobre as condições de moradia da população que margeiam o rio.

Fotografia 08 - Participação na caminhada ecológica



Fonte: arquivo da Asiarfa.

A *Ascamavi* é uma cooperativa que trabalha com resíduos sólidos, cujos/as associados/as recolhem, separam, prensam e comercializam os materiais reciclados e dividem igualmente o lucro entre os/as cooperados/as. As mulheres deste grupo realizam o trabalho de sensibilização nas escolas, unidades de saúde, comércios e demais espaços comunitários que fazem parte da área de abrangência da cooperativa. Elas também participam das reuniões e encontros entre os catadores e catadoras de materiais reciclados da Grande Vitória a fim de fortalecerem o processo de luta por melhores condições de subsistência.

Fotografia 09 - Visita a Ascamavi



Fonte: arquivo pessoal.

O grupo *Artesanarte* é formado por mulheres artesãs que organizam o seu trabalho a partir da economia solidária, reaproveitamento, customização e inclusão produtiva. Neste grupo, as mulheres já realizaram oficinas com idosos, pessoas com transtornos mentais, no sistema prisional, Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), Serviço de Acolhimento Institucional e na comunidade quilombola de Araçatiba.

Fotografia 10 - Grupo Artesanarte de Viana



Fonte: arquivo do grupo Artesanarte.

O *Coletivo Formate* é um grupo formado por militantes ecológicos que realizam ações, oficinas, projetos e formações comunitárias ambientais com crianças, adolescentes e adultos moradores da área urbana e rural de Viana. Também atua em parceria com o SOS Mata Atlântica, monitorando a qualidade das águas do rio Formate e do rio de Biriricas. Além disso, realiza juntamente com outros movimentos sociais ações de reflorestamento e participa dos conselhos de direitos municipais ligados à temática ambiental.

Esse grupo realiza oficinas de materiais reciclados, roda de leitura, sessões cineclubistas. Nesses encontros, os diálogos com as comunidades estão relacionados à agroecologia, agrotóxicos, produtos transgênicos, moradias alternativas, plantas medicinais, preservação e despoluição dos recursos hídricos, reciclagem, consumismo e valorização dos movimentos sociais (MST, Movimento

Negro, Movimento indígena, dentre outros), buscando mudanças de hábitos que colaborem com a realização de intervenções individuais e coletivas.

Fotografia 11 - Reunião do grupo Coletivo Formate



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

A *Femopovi* é uma entidade sem fins lucrativos, em que os/as integrantes deste grupo participam do controle social, por meio dos conselhos de direitos na área social, ambiental e educacional. Além disso, colaboram com a organização das Associações de Moradores e Movimentos Comunitários locais. A *Femopovi* organiza audiências públicas e reuniões com assuntos de interesse popular (moradia popular, a reforma da previdência e defesa do Sistema Único de Saúde), promove a entrega de mantimentos quando recebe doações e organiza atos públicos e ações ecológicas, também discute sobre saneamento básico municipal.

Fotografia 12 - Diretoria da Femopovi



Fonte: arquivo da Femopovi.

A partir dos encontros, experiências, convivências e diálogos com esses grupos, surgiu o interesse em pesquisar o tema *Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES)*, que acontecem, apesar das problemáticas ecológicas envolvendo o rio Formate, no perímetro urbano, que está sendo poluído com esgoto doméstico, industrial e materiais descartáveis.

Essa situação é agravada pela retirada da vegetação nativa, assoreamento, perda da fauna local e ocupação desordenada de suas margens. No período de fortes chuvas, ocorrem pontos de alagamento nos bairros próximos ao rio. Além do mais, falta fiscalização pública nas construções às margens desse rio e não há programas nem projetos municipais de educação ambiental para a população local.

Apostamos no encontro com esses diferentes saberes como possibilidades de enfrentarmos as problemáticas ecológicas que estão ganhando destaque no espaço

político por “[...] não obedecerem fronteiras geográficas, exigindo e envolvendo pessoas com diferentes características sócio-culturais na tentativa de se encontrar alternativas e soluções” (REIGOTA, 1999, p. 55), para situações enfrentadas no nosso cotidiano. A seguir, apresentaremos as educações ambientais que emergem com os coletivos sociais de Viana a partir de episódios cotidianos vividos pela pesquisadora e que fazem parte desses momentos comunitários os quais foram registrados no diário de campo.

Episódio 1: O maior potencial de um lugar são as pessoas

No último semestre de 2019, pude vivenciar uma das experiências mais prazerosas da minha vida que foi conversar com os moradores/as de Marcílio de Noronha, para reconstruirmos a história desta comunidade a partir das práticas de educações ambientais e das relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, nessa relação de re-existência da memória contra o esquecimento.

Ressaltamos que esses encontros cotidianos, que a vida nos proporciona ao caminharmos pelo bairro, aconteceram em diferentes dias, horários e espaços da comunidade, como na unidade de saúde, academia popular, jardim comunitário, supermercado, feira do bairro, ônibus, residência dos moradores/as, na pracinha e no campo de futebol.

O bairro Marcílio de Noronha, localizado no município de Viana, surgiu em 1984, com o início da construção do Conjunto Habitacional (Cohab) destinado às famílias de trabalhadores/as, que em sua maioria, atuavam nas empresas Real Café e Braspérola. Oficialmente, a história desse bairro, assim como das demais comunidades vianenses, não foi sistematizada pelos gestores do nosso município. Por isso, recorreremos às narrativas dos/as moradores/as mais antigos, assim, este diálogo é um convite para conhecermos um pouco das suas experiências coletivas.

Fotografia 13 - Bairro Marcílio de Noronha na década de 90



Fonte: arquivo de um dos moradores.

Atualmente a comunidade de Marcílio de Noronha representa o maior pólo comercial vianense. Além do comércio, essa comunidade possui cinco escolas públicas, a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae) e concentra os serviços da rede socioassistencial municipal. Temos ainda os espaços de uso coletivo como praças, campo de futebol, quadra poliesportiva, feira livre, academia popular, horta comunitária e jardim.

A escolha dessa comunidade como campo problemático da pesquisa ocorreu por estar localizada às margens do rio Formate, ter um número significativo de moradores/as que residem próximo ao rio que participam de movimentos sociais, espaços de controle social e representação comunitária e possuir escolas que realizam práticas pedagógicas ambientais. Esse bairro também concentra grande parte dos sujeitos dessa história e praticantes da pesquisa.

De acordo com os/as moradores/as, as famílias que vieram morar no bairro Marcílio de Noronha e que não tinham acesso ao abastecimento de água fornecido pela Companhia Espírito Santense de Saneamento (Cesan) realizavam as suas atividades domésticas como cozinhar, tomar banho e lavar roupa buscando água no rio Formate. Aliás, as mulheres que viviam às margens do rio costumavam

confeccionar vassouras artesanais para o uso pessoal, colhendo algumas espécies de plantas nativas da região. Uma moradora narrou que:

A minha avó contava muitas histórias do rio Formate. Quando mudou para Marcílio, ela lavava roupa no rio, e meu avô pescava. Nos finais de semanas, as pessoas se reuniam para tomar banho no rio e fazer piquenique. Ela só limpava o quintal com vassoura feita de folhas que ela pegava na beira do rio (Vivian Ribeiro, moradora de Marcílio de Noronha).

Através das narrativas, registramos as relações dos/as moradores/as, suas ancestralidades e devoções e fé, as quais permanecem vivas nas memórias e lembranças que não foram apagadas pela colonização. De acordo com os relatos, uma prática comum entre os/as moradores/as era levar as pessoas doentes, principalmente crianças para serem benzidas, sendo as benzedoiras uma referência em assuntos relacionados à saúde. Essas mulheres recorriam às rezas com ramos de plantas e gestos, a fim de trazer a cura aos enfermos. Elas também compartilhavam os seus saberes no preparo de chás, remédios caseiros e banhos de ervas que eram indicados de acordo com a enfermidade apresentada, Ana Lucia menciona que

Na minha infância, eu e os meus irmãos brincávamos tomando banho no rio. Nós costumávamos ver as mães levando as crianças para serem benzidas, nós ficávamos quietos somente no momento da reza e aproveitávamos para ser benzidos também. Depois da reza, o galho era colocado no rio e levado pela correnteza. Deve ser, por isso, que ninguém morreu afogado, apesar do rio na época ser fundo, eu só tomava banho na parte mais rasa (Ana Lucia Gonçalves, moradora de Vila Bethânia/Viana).

O relato da moradora Ana Lucia traz a memória de um tempo em que os diferentes saberes de tradição oral, ancestral, realizado por mulheres, em sua maioria negras, idosas, mães e religiosas, deixaram de ser praticados nessa comunidade. Essa mudança nos provocou alguns questionamentos como: por que as práticas de benzimentos por estarem associadas às religiões de matriz africana não são aceitas pela maioria das igrejas tradicionais cristãs? De que forma a intolerância religiosa contribui com a reprodução do pensamento hegemônico colonizador? E como o crescimento da indústria farmacêutica colaborou com a perda dessa tradição na região?

O crescimento das igrejas evangélicas como expressão da única forma de verdade religiosa intensifica as práticas de intolerância, racismo e crimes cometidos contra as religiões de matriz africana, sendo essas situações naturalizadas nos canais televisivos de hegemonia evangélica, que ao se expandirem, colaboram com a perda da diversidade religiosa e da herança cultural de origem africana. Essa é uma das estratégias de dominação dos corpos e pensamentos negros, já que várias lideranças religiosas reproduzem discursos que buscam inferiorizar as religiões de matriz africana, na tentativa de aproximação e aceitação da população negra do “suposto” marco civilizatório europeu cristão (CARNEIRO, 2019).

Constatamos ainda que os/as moradores/as mais antigos utilizavam plantas medicinais do entorno do rio Formate ou dos seus quintais para prepararem chás e xaropes caseiros no tratamento de várias doenças, e a argila do rio era utilizada para aliviar a dor. Isso mostra o quanto eles/as compartilhavam os seus saberes, mas com o tempo, essa prática não foi mantida, o que nos leva a pensar de que forma a chegada da medicina moderna, através da Unidade Básica de Saúde (UBS), intensificou o distanciamento das práticas de tratamento alternativo entre os/as moradores/as e contribuiu com o surgimento das farmácias existentes nesta comunidade?

Não tínhamos unidade de saúde, e como tudo era distante e quase não passava ônibus aqui, o jeito era beber chá, bebíamos muito chá de boldo, arnica, cidreira, capim santo e arruda. Isso era para tratar qualquer tipo de dor. Um/a vizinho/a ensinava ao/a outro/a a prepararem os chás e xaropes caseiros e dava tudo certo. Minha mãe só levava a gente ao médico quando a doença era grave (Célia Regina dos Santos, moradora de Marcílio de Noronha)

Minha tia morava pertinho do rio, eu lembro que ela tinha um fogão a lenha, com acabamento feito do barro tirado da beira do rio. No domingo, minha família se reunia na casa dela para comermos moqueca de peixe da água doce, feita na panela de barro ou peixe assado. Meu pai pescava e minha tia preparava o peixe. Quando eu e minha irmã mais velha pegamos caxumba, minha mãe passava argila do rio em nós, depois amarava uma fralda de pano no nosso rosto, não podíamos correr para caxumba não descer e bebíamos chá de arnica. Minha mãe também levou a gente para benzer. Isso tem quase 40 anos, eu me lembro desses momentos com muito carinho (Eva Maria dos Reis, moradora de Marcílio de Noronha).

Conversar com os/as moradores/as de Marcílio de Noronha, pensando nas práticas de educações ambientais e ecologistas que emergem do cotidiano do rio Formate e suas contribuições histórica, política, cultural, ecológica e de resistência foi um

momento de descobertas e reflexão. Percebemos que os/as moradores/as que residem na área com maior incidência comercial destacaram em suas narrativas, como sendo potencialidades dessa comunidade, a infra-estrutura e a localização geográfica do bairro.

Eu gosto muito de morar aqui em Marcílio de Noronha, porque não preciso sair daqui pra comprar nada, o comércio é bom, faço exercício ali na academia popular, a unidade de saúde fica perto da minha casa (Dona Francisca, moradora do Bairro Marcílio de Noronha).

Moro aqui, desde quando as casas eram da Cohab (Conjunto Habitacional). Esse bairro mudou muito, antigamente, quase não tinha comércio. Eu levo os meus netos para brincar na pracinha com frequência, toda quarta-feira vou à feira comprar minhas verduras. Faço parte do grupo de idosos do CRAS, vou à igreja, gosto de fazer curso na área de artesanato oferecido pela prefeitura. Daqui até Campo Grande (Cariacica) é rapidinho (Dona Benedita, moradora do Bairro Marcílio de Noronha).

Ao pensarmos nos processos de identificação que acontecem nessa comunidade, a partir da produção de sentido coletivo e das suas leituras de mundo, percebemos que os/as moradores/as que residem próximo ao rio Formate evidenciaram, como potencialidades locais, as relações humanas, as ações positivas e de solidariedade que faziam ou fazem parte do cotidiano dessa comunidade, assim como a organização, mobilização e engajamento social comunitário.

As pessoas representam o maior potencial de um lugar, por isso precisamos cuidar das relações humanas, deixar de olhar o/a outro/a como ameaça e observar as suas possibilidades e contribuições. Nós, não podemos perder a nossa capacidade de sonhar, porque as grandes revoluções acontecem quando somos tocados por aquilo que estamos vivenciando, a ponto de mudarmos a nossa maneira de agir (Wilberth da Silva, morador de Marcílio de Noronha).

Temos pessoas muito boas e dedicadas na nossa comunidade, que são um exemplo a ser seguido, um deles é o seu Zé que cuida do jardim do bairro sozinho há mais 20 anos. Ali onde fica o jardim, era um lixão, e ele mantém o lugar com os seus recursos. A dona Maria que cuida da nossa horta comunitária é outra pessoa que pensa no bem estar coletivo (Antônio Pacheco, Morador de Marcílio de Noronha).

Logo, quando o nosso bairro começou (há 37 anos), as pessoas eram mais solidárias, aconteciam os mutirões para a construção das moradias, participavam as mulheres, as crianças e os homens. Nessa época, nós não tínhamos água encanada, ônibus, unidade de saúde e escola. Todas as reuniões que eram feitas, lotava de gente. As melhorias foram realizadas através das nossas reivindicações e as pessoas foram deixando de participar, poucos permaneceram buscando as melhorias para a nossa

comunidade (Dona Hortência Clementino, moradora de Marcílio de Noronha).

Esse momento de diálogo com os/as moradores/as de Marcílio de Noronha nos possibilitou tecer novas aprendizagens com relação ao rio Formate, que aconteceu de forma descolonizada, a partir dos registros, memórias e encontros que fizeram emergir situações cotidianas entrelaçadas ao rio, a saber: no período em que estava limpo, as pessoas utilizam as suas águas para realizarem as atividades domésticas, nadar, pescar, brincar e praticar os rituais de benzimento. Além disso, comiam as frutas do entorno do rio, utilizavam as plantas medicinais que ficavam as suas margens. Soma-se a isso, o fato da argila também ser utilizada com a finalidade medicinal a fim de aliviar a dor e para acabamento dos fogões à lenha, já a areia do rio era a matéria-prima da confecção dos blocos usados para murar ou ampliar as casas. Algumas moradoras tinham o hábito de confeccionar vassouras de folhas que colhiam próximo ao rio.

Nas conversas tecidas com os/as moradores/as do nosso bairro, vieram à tona situações que mostram como algumas pessoas da comunidade possuem histórias de vida entrelaçada com o rio Formate e que essas relações afetivas, de respeito e cuidado com o rio, como se fosse um ente da família, despertou neles/as o interesse pela participação nos movimentos populares, produzindo novos saberes nessa relação com o mundo, conforme veremos nas narrativas a seguir.

Episódio 2: Brincar, nadar e se alimentar do rio

No dia 10 de outubro de 2019, quinta-feira, ao entardecer, fui visitar o companheiro, militante e camarada Antônio Pacheco Gonçalves para conversarmos um pouco sobre a sua vivência e atuação nos movimentos de resistência envolvendo o rio Formate. Mesmo depois de uma árdua jornada de trabalho, o Pacheco me recebeu juntamente com a sua família e carinhosamente prepararam um café da tarde, com frutas e lanches que uma pessoa vegana pode comer. Me senti muito acolhida.

Conheci a horta e o jardim, trocamos experiência sobre adubo orgânico e fui presenteada com frutas que levei para minha casa. No horário da noite,

conversamos sobre o rio Formate, e o companheiro Pacheco compartilhou algumas narrativas e bio:grafias.

Quando eu mudei para Marcílio de Noronha, as residências eram construídas pela Cohab. As moradias, por serem muito pequenas, quase não atendiam à realidade das famílias que vieram morar aqui. Por esse motivo, as pessoas retiravam a areia perto do rio para fazerem blocos e aumentarem os cômodos da casa ou construírem os muros.

Já comi muito peixe desse rio. Hoje, próximo ao campo do Bola Oito, era o local onde ficavam os pescadores, por ser a parte mais funda do rio, havia poucas casas, e os peixes se concentravam naquele lugar. As pessoas pescavam para alimentar as suas famílias e alguns conseguiam complementar a renda com os peixes que vendiam.

Fotografia 14 - Pacheco (pai) e José (filho) no plantio às margens do rio



Fonte: Antônio Pacheco.

Na minha infância, brincávamos de pique-esconde e pique-alto no entorno do rio Formate. Uma das nossas diversões era pegar frutas na beira rio, como: manga,

ingá, abacate, goiaba, cana e banana. Nós fazíamos a travessia pelas árvores e aqueles/as que caíam aproveitavam para nadar um pouco. Já as novas gerações olham para o rio Formate e veem um valão ou esgoto a céu aberto. Meu filho e filhas não puderam vivenciar essa mesma experiência de brincar, nadar e se alimentar do rio.

Fotografia 15 - Ação de plantio às margens do rio Formate



Fonte: Arquivo da Femopovi.

Nas nossas conversas, mencionamos que um dos movimentos sociais que surgiu dessa relação com os cotidianos escolares (ALVES, 2019) foi o grupo Coletivo Formate, sendo essa uma das poucas iniciativas, talvez porque seja um desafio romper com as práticas de educação bancária enquanto instrumento de opressão, que reforça o ensino e a aprendizagem desassociados das situações concretas vivenciadas pelos/as estudantes e a comunidade escolar, podendo esse problema também interferir na participação comunitária com relação ao enfrentamento das problemáticas relacionadas ao rio Formate.

No decorrer do nosso diálogo, destacamos o fato de termos um quantitativo significativo de moradores/as que residem próximo do rio Formate e que fazem parte da associação comunitária, movimentos sociais, pastoral da criança e conselhos de direitos. Podemos dizer que nessa relação com o rio surgiram algumas inquietudes,

que nos fizeram pensar nas práticas ecologistas que emergem do cotidiano dos moradores/as que margeiam esse rio.

Esse encontro nos fez refletir que mesmo quase sem vida na área urbana, o rio Formate está presente nas discussões da Femopovi, do Coletivo Formate e da Asiarfa, assim como nas ações que realizamos, como o plantio de mudas no entorno do rio, nas reivindicações junto ao poder público, nas práticas educativas ambientais, pois apoiamos as iniciativas das comunidades e das escolas da região.

Assim, acreditamos que vivenciar o processo de “descolonização das mentes” (FREIRE, 1978) é transformar a educação herdada do colonizador, superando-a através da criação de novas práticas educativas que estejam comprometidas com outra concepção de educação e de sociedade e que considere todo o processo histórico e cultural dos povos colonizados. Portanto, a retomada do controle das nossas histórias é uma decisão política.

Episódio 3: Rio Formate...esse rio é seu, esse rio é meu, esse rio é nosso

No dia 06 de novembro de 2019, quarta-feira, à tarde, fui ao encontro do companheiro, militante e camarada Wilberth Rodrigues da Silva, para dialogarmos sobre as suas relações cotidianas, a participação social e o rio Formate.

Aproveitamos a ocasião para ouvir música, ver fotos, preparar chá, comer, sugerir livros, filmes, andar descalço pela chácara, pegar muda de plantas medicinais, recordar situações que vivenciamos no período escolar e conhecer o ateliê/estúdio, um espaço criativo de produção. Após uma tarde muito agradável, fluíram nossas conversas a respeito do rio Formate, em que o Wilberth narrou:

Desde que eu me lembro, o rio já faz parte da minha vida. Quando éramos criança, depois da partida de futebol, era sagrado o mergulho no rio. Na escola, onde estudei o ensino médio (EEEFM Theodomiro Ribeiro Coelho), havia muitas atividades educativas com o rio, organizávamos ações de limpeza, sensibilização das comunidades do entorno do rio, caminhadas ecológicas, eu lembro que fizemos uma

camisa que tinha a seguinte frase - Formate: esse rio é seu, esse rio é meu, esse rio é nosso.

Na minha infância compartilhamos histórias com esse rio e também conhecimento entre duas cidades (Viana e Cariacica), o rio é vida e está presente na nossa história. Eu costumo tomar banho no rio Formate, lá em Nova Campo Grande (Cariacica), ainda preservo esse contato com o meu bom e velho amigo rio. A falta de cuidado com o rio Formate reflete as ações humanas de não cuidar de si e do outro nem das nossas relações sociais e do meio ambiente. Parece que a palavra de ordem é extrair e destruir tudo enquanto houver vida.

Eu acho que todos/as nós que moramos na beira do rio deveríamos ser guardiões das águas, por isso, é importante as ações de sensibilização e as formações. Temos que continuar apostando na vida de todos os seres. Cuidar de si e do outro deveria ser algo do ser humano. Mas, a maioria de nós fomos educados/as para competir e dificilmente para construir possibilidades em conjunto. Hoje, para mim, permanecer acreditando e fortalecendo o coletivo é um ato de resistência.

Fotografia 16 - Wil nas suas andanças distraídas por Viana e Cariacica



Fonte: Wilberth Rodrigues.

Quando conheci o Coletivo Jovem de Meio Ambiente, eu fiquei encantado com a proposta, por não ser algo hierarquizado, mas, ao mesmo tempo, me preocupava com a identidade local. O primeiro projeto que escrevi com uma amiga foi de revitalização do rio Formate, que seria realizado juntamente com a nossa comunidade. Eu era adolescente, não me recordo nem a idade que tinha na época, mas a vontade de fazer algo pelo rio permanece até hoje.

O interesse pela biodiversidade surgiu dessa relação com o rio Formate. As experiências que tivemos na escola, e depois quando conheci o Coletivo Jovem de Meio Ambiente, despertaram em mim esse desejo de atuar em defesa do nosso rio. Reuni um grupo de amigos/as e, assim, nasceu o Coletivo Formate.

A narrativa do Wilberth nos possibilita dialogar a respeito da contribuição da escola na formação de estudantes comprometidos com a transformação do mundo, a partir do seu cotidiano. Pensamento este que vai ao encontro das práticas pedagógicas freireana, que nos apresenta a educação como uma forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2017a), porque fazemos parte de uma história em construção, na qual a realidade não é estática, mas sim transitória, portanto, é possível propormos alternativas para superarmos as relações de dominação.

Por entendermos que, “[...] não há consciências vazias; por isso os homens [e as mulheres] não se humanizam, senão humanizando o mundo” (FREIRE, 2017b, p. 28), é que podemos experimentar outros modos de se viver, em que possamos contestar as formas de organizações sociais, nas quais os dominadores tidos como os mais fortes exerçam o domínio sobre os mais fracos.

Ao questionarmos as relações de dominação, nosso intuito não é ocupar o lugar dos opressores, perpetuando as relações desiguais de poder, ou se tornar o opressor daqueles que nos oprimia, mas, compor um movimento de libertação e humanização de todos/as, a partir de outras relações sociais (FREIRE, 2017b).

O Wilberth reflete sobre a nossa existência quando narra que a falta de cuidado com o rio é resultado do não cuidado de si e do outro, porque nós fomos ensinados que os seres humanos estão separados da natureza, “[...] se existe uma ânsia por

consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades — as nossas subjetividades” [...] (KRENAK, 2019, p. 32), não nos permitindo vivenciar outras relações individuais, comunitárias e ecológicas que possam promover a nossa integralidade ao planeta terra.

O ser humano contemporâneo vive profundas dicotomias. Dificilmente se considera um elemento da natureza, mas um ser à parte, como um observador e ou explorador dela. Esse distanciamento da humanidade em relação à natureza fundamenta as ações humanas tidas como racionais, mas cujas graves conseqüências exigem, neste início de século, respostas pedagógicas e políticas concretas para acabar com o predomínio do antropocentrismo (argumento de que o ser humano é o ser vivo mais importante do universo e que todos os outros seres vivos têm a única finalidade de servi-lo). Desconstruir essa noção antropocêntrica é um dos princípios éticos da educação ambiental (REIGOTA, 2012, p. 16).

Durante o encontro, percebemos que o militante Wilberth se refere ao rio Formate como pessoa, ao chamá-lo de amigo, relação semelhante a dos indígenas da tribo Krenak, que se consideram netos do rio Doce, conforme menciona Ailton Krenak (2019, p. 40), “o rio Doce, que nós, os Krenak, chamamos de Watu, nosso avô, é uma pessoa, não um recurso, como dizem os economistas. Ele não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo [...]”. As duas narrativas mostram os seres humanos integrados ao ambiente em que vivem e revelam como esse pensamento descolonizado alimenta as nossas re-existências, criatividades e sonhos.

Episódio 4: Temos que fazer a diferença no lugar onde estamos

No dia 21 de dezembro de 2019, no sábado, à tarde, ao sair de casa para visitar uma amiga, me deparei com um senhor cuidando do único jardim público do bairro Marcílio de Noronha. Embora eu soubesse que o seu José era o responsável pela iniciativa de transformar aquele local, que antes era um ponto viciado de lixo, em um jardim, ainda não havia tido a oportunidade de conversar com ele a respeito do que havia despertado o seu interesse em manter um jardim comunitário com tanta dedicação há mais de 20 anos.

Ao contemplar de perto as flores e os diversos artesanatos, fui recepcionada pelo seu José, que de maneira muito cordial me convidou para conhecer o Jardim. Naquela tarde, o seu José estava compartilhando os seus ensinamentos como artesão com um jovem. Ele me presenteou com uma muda de violeta e conversamos sobre o que lhe inspirou a manter um jardim. O seu José narrou:

Moro em Marcílio de Noronha há muitos anos, e quando as pessoas começaram a jogar lixo aqui, eu não me conformava com essa situação, principalmente por causa do mau cheiro. Naquela época as pessoas jogavam de tudo aqui, e isso acabava atraindo roedores, insetos e outros animais que fazem mal à saúde. Todo aquele lixo me deixava preocupado, por causa da dengue e hoje também temos que nos preocupar com a chikungunya e o zika vírus.

Pensei em fazer algo diferente, que valorizasse o bairro e também servisse de exemplo para os meus filhos, porque ter referência positiva é primordial para qualquer cidadão/ãs. Nós, como cidadãos/ãs, muitas vezes, reclamamos demais, porém, não fazemos o que está ao nosso alcance para mudar a nossa própria realidade. Nós não temos que esperar pelo/a outro/a, precisamos fazer a diferença no lugar onde estamos.

Eu vendo flores e artesanatos para manter o jardim e quando é necessário organizo alguma ação entre amigos (rifa) para conseguir fazer a manutenção do local. Eu já tentei diversas vezes conseguir tela e cerca com o poder público, mas, até o momento, esses materiais não chegaram para realizarmos os reparos no jardim.

Através do trabalho que realizo, evito que a prefeitura tenha gastos com o adoecimento da população do entorno do jardim, não há necessidade de gastarem com o transporte do material que estava acumulado aqui. Além disso, todas as residências são valorizadas, pois se ainda persistisse o lixão, quem iria sofrer com a desvalorização imobiliária seria os/as moradores/as dessa região.

Quando comecei a retirar os entulhos e a cuidar dessa área, não tinha conhecimento sobre jardinagem. Fui aprendendo na prática, no começo apanhei bastante até aprender as técnicas. O solo desse lugar não era de boa qualidade devido à

quantidade de lixo que recebia, foram necessárias várias aplicações de adubo orgânico. Depois aprendi a podar as plantas para o jardim ficar esteticamente bonito. Aqui dentro não é necessário ser um especialista em jardinagem para mantê-lo, basta se dedicar.

Fotografia 17 - Seu José cuidando do Jardim



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Muitos moradores daqui do bairro não entendem o motivo dessa dedicação que tenho ao jardim, dizem que esse lugar só gera gastos e não obtenho vantagens financeiras. Eu acredito que não devemos basear as nossas relações pensando apenas no lucro.

Hoje as pessoas costumam vir aqui tirar fotos de casamento, aniversário de 15 anos, batismo, formatura, para mim é gratificante saber que esse simples gesto tem gerado frutos. As crianças da educação infantil já vieram aqui. Eu sou uma pessoa que acredito no ser humano, acho que se aprendemos a destruir a natureza,

também podemos colaborar com a sua reconstrução e ter consciência de que precisamos preservar.

Nasci na área rural do Município de São Gabriel da Palha, que fica no norte do Espírito Santo. Sou filho de pequenos produtores rurais, meu pai era carpinteiro. Na minha juventude, morei 10 anos em Rondônia, nessa época aprendi muito sobre plantas, a vegetação local, e pude ter contato com uma diversidade de animais que jamais imaginei que seria possível.

Quando eu morava em Rondônia, havia a exploração predatória da madeira, em pouco tempo as árvores centenárias foram destruídas, os pequenos produtores foram obrigados a venderem suas terras para as indústrias madeireiras, que causaram o desmatamento, provocaram o desaparecimento e extinção de muitas espécies de animais e plantas nativas. O solo tão fértil se tornava improdutivo, havia muito barulho causado pela serra elétrica, os caminhões, as árvores sendo derrubadas, os gritos dos animais e as densas nuvens de poeira, era muito assustador.

Infelizmente, eu e meu irmão também fomos obrigados a vender as terras, não tínhamos subsídio do governo e a vida no campo ficou insustentável. Durante algum tempo, eu precisei trabalhar em uma dessas madeireiras, vi de perto a devastação, não apenas em Rondônia, mas no Mato Grosso e Acre. As árvores, cujas madeiras eram mais valorizadas no mercado, já haviam sido quase todas retiradas. Essa destruição da região amazônica se intensificou muito na década de 80. Eu fiquei trabalhando lá até conseguir comprar uma passagem para vir embora.

Em 1992, retornei ao Espírito Santo, não tinha profissão, foi quando conheci um grupo de artesãos que trabalhavam no Centro de Vitória. Aprendi com eles/as as técnicas para fazer brinco, pulseira, anel, colar, piercing, alargador e outros artesanatos com estilo mais rústicos. Eu praticamente sustentei a minha família com a renda do artesanato, tudo que conquistei financeiramente é fruto da profissão de artesão.

Como artesão, tive a oportunidade de conhecer vários municípios do Espírito Santo e viajar para outros estados. Nas minhas viagens, conheci muitas pessoas generosas, trocávamos experiências profissionais, conversávamos sobre a nossa vida pessoal e sonhos. Eu aprendi a conviver e a respeitar as religiões de matriz africanas, a entender a diversidade sexual, a luta feminista e dos/as trabalhadores/as do campo, o Movimento Hip Hop e a pensar outras formas de estar e se relacionar com o mundo a partir da convivência com os/as artesãos/as.

Conversávamos sobre esses assuntos na década de 90. Hoje as escolas estão debatendo essas questões. Eu não pude me dedicar aos estudos, mas trabalhar como artesão me possibilitou grandes conquistas pessoais, eu aprendo e ensino bastante. Assim como me ensinaram a ser artesão, eu estou disposto a colaborar com os/as jovens que queiram aprender essa profissão. Eu me sinto uma pessoa feliz e realizada com tudo que conquistei na vida.

Essa preocupação do seu José com a dengue é pertinente, até porque em Janeiro deste ano, o jornal A Gazeta (LOPES, 2020) divulgou uma matéria sobre o aumento do número de casos de dengue no Espírito Santo, que registrou 79.245 novos casos e 43 óbitos em 2019, de acordo com os dados fornecidos pela Secretaria de Estado de Saúde (SESA). Isso mostra o quanto as iniciativas de combate à dengue como a realizada pelo seu José são importantes para reduzirmos a incidência desta doença.

Esse compromisso do seu José com os espaços de uso coletivo nos fez refletir sobre a coleta de lixo em Marcílio de Noronha que é realizada na segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira, no horário da noite, sendo esses dias insuficientes, por causa da quantidade de resíduos sólidos gerados pela área comercial do bairro. Além disso, temos poucas lixeiras na comunidade que não atendem às especificidades do comércio.

As experiências cotidianas narradas pelo morador José Brum evidenciam um sentimento de pertencimento à comunidade que está inserido, pois entende de acordo com o diálogo com o autor Marcos Reigota (2012, p. 19) que “os problemas ambientais foram criados por homens e mulheres e deles virão às soluções. Estas não serão obras de gênios, de políticos ou tecnocratas, mas sim de cidadãos e

cidadãos”, por isso, ele busca em sua formação de base, o engajamento político e pedagógico para continuar apostando em outras possibilidades de saberes ecológicos.

O seu José também vivenciou a situação de ter sido expulso do campo quando morava em Rondônia, realidade essa que tem se intensificado na região amazônica com a ascensão de um governo reacionário e de extrema direita que defende os interesses do agronegócio, o que propicia o aumento dos conflitos e dos assassinatos no campo.

De acordo com os dados da Comissão Pastoral da Terra (CPT) de 2019, os conflitos por terra na região norte apresentaram um crescimento de 24,5%; na região centro-oeste, registrou-se 63,4% novos casos; já na região sul, houve a predominância dos conflitos, tendo sido registrado 84,6% novos casos. Nesse cenário, 32 pessoas foram assassinadas no território brasileiro, sendo 20 vítimas moradoras da região norte e 06 da região nordeste e 06 de outras regiões do país. Os assassinatos ou tentativas de assassinatos foram contra lideranças indígenas, quilombolas, sem-terra, posseiros/as, camponeses/as, sindicalistas, trabalhadores/as rurais, assentados/as e funcionários/as públicos.

Episódio 5: Práticas educativas ambientais nos cotidianos escolares

A escolha do CMEI Izabel Merscher Helmer para realizarmos as práticas pedagógicas entrelaçadas ao rio Formate com os/as estudantes, deu-se pelo fato dessa unidade de ensino está localizada próximo ao rio, realizar ações na comunidade em defesa e preservação do rio Formate e serem referência em educação ambiental no município de Viana.

O CMEI Izabel Merscher, desde 2015, realiza o projeto: Guardiões da Natureza em Ação, sendo este um projeto de práticas pedagógicas ambientais, com o objetivo de transformar a realidade escolar e da comunidade local, já que as ações são contínuas e contam com o envolvimento dos pais e o engajamento de outros/as moradores/as das comunidades do entorno da escola.

Há cinco anos, a escola começou com o projeto de horta, que foi pensado e organizado com os/as professores/as, estudantes e os seus familiares. Podemos destacar, como um diferencial dessa iniciativa, a parceria com os/as moradores/as da comunidade, principalmente aqueles/as que tiveram a experiência de morar na área rural e de cultivar horta, pois esses/as moradores/as compartilham os seus saberes e fazeres com as crianças e funcionários do CMEI.

Fotografia 18 - Plantio de mudas de vegetais na horta da escola



Foto: arquivo pessoal.

O cuidado diário da horta faz parte do cotidiano escolar, e os/as professores/as se organizam, juntamente com os/as estudantes de cada turma e turno, para regar, limpar, adubar (adubo orgânico), replantar, colher e higienizar. Eles também comem os alimentos da horta quando as cozinheiras preparam a merenda escolar e doam parte dos alimentos colhidos para as famílias que são atendidas no CRAS de Marcílio de Noronha.

Após a organização da horta, a gestora escolar observou que as crianças começaram a adquirir hábitos alimentares mais saudáveis. Como forma de evitar o desperdício alimentar, foi adquirido um self-service. Além disso, os/as professores/as com os/as estudantes realizam as oficinas de confecção de brinquedos reciclados e preparam materiais educativos sobre reaproveitamento alimentar. A escola realiza a captação da água da chuva para irrigar a horta e incentivam a separação dos resíduos sólidos do material orgânico. As crianças também recebem mudas para serem plantadas nas suas residências.

No entorno da escola, foram plantadas mudas ornamentais e frutíferas, tendo essa iniciativa sido realizada em parceria com a comunidade, evitando o acúmulo de lixo na área de abrangência escolar. Os/as professores/as e as crianças produzem o adubo orgânico, organizam a caminhada ecológica, distribuem folders sobre a importância dos rios e como evitar a dengue, zika e chikungunya. Também realizam mutirão de limpeza do leito do rio Formate, plantio de mudas e fixação das placas educativas no entorno do rio.

No segundo semestre de 2019, comecei a acompanhar o cotidiano escolar das crianças do CMEI Izabel Merscher, em especial dos/as estudantes do grupo pré-escolar II. Fiquei uma semana conhecendo as atividades pedagógicas propostas para as crianças da educação infantil. Ouvir e dialogar com esse grupo de estudantes a fim de tentar entender o momento de aprendizagem de cada criança e saber o que eles e elas gostam de fazer na escola, foi importante para pensarmos com a professora regente as práticas educativas ambientais que pudessem contribuir com a formação cidadã desses/as estudantes.

Durante esse período, plantamos novas mudas na horta, dialogamos sobre o solo, falamos sobre adubo orgânico, alimentação sem agrotóxico e fizemos tinta ecológica com a terra do quintal que cada criança levou para a escola. Produzimos diversas tintas, depois separamos por cores, e os/as estudantes realizaram desenhos livres. Além disso, assistimos a vídeos educativos sobre casas ecológicas de barro, artesanatos, confecção de telhas e tijolos. Cada criança teve um tempo para brincar com argila, com o objetivo de mostrar que a terra não é algo sem valor, pois é um

organismo vivo. Falarmos dos povos da floresta e de todos/as aqueles/as que buscam defender seus territórios e que produzem alimentos orgânicos.

Fotografia 19 - Momento de plantio



Fonte: arquivo pessoal.

Participamos da revitalização do jardim da escola e assistimos ao desenho *O Diário de Mika*, que narra a vida das abelhas. Em sequência dessa atividade, as crianças conheceram as plantas que atraem as abelhas, conversamos sobre o uso dos agrotóxicos como o principal causador do desaparecimento desse inseto, e como isso impacta na vida dos seres vivos. Depois os/as estudantes confeccionaram o papel reciclado com sementes de flores que são alimentos para as abelhas e cada criança plantou o papel em um recipiente e levou para casa a fim de cuidarem da planta.

Conversamos sobre reaproveitamento alimentar e obesidade infantil. Também confeccionamos composteiras em garrafa pet e o adubo produzido foi utilizado na horta da escola. Aprendemos a preparar chás com cascas de frutas, conversamos sobre jardinagem infantil e lemos o *Meu Primeiro Livro de Jardinagem* e demos continuidade aos cuidados com o jardim da escola.

Participamos da organização da caminhada ecológica com as crianças, pais e responsáveis que acontece em parceria com a unidade de saúde local. As professoras juntamente com a sua turma prepararam um momento de apresentação cultural. Foram distribuídas mudas de árvores frutíferas às famílias, e no pátio da escola, as crianças plantaram uma árvore e no final do encontro foram servidas frutas aos participantes da caminhada.

Fotografia 20 - Caminhada ecológica



Fonte: arquivo pessoal.

Fotografia 21 - Plantio de muda após a caminhada ecológica



Fonte: arquivo pessoal.

Tivemos momentos de contação de história, pois as crianças ganharam um livro em formato de árvore que contava a história dos animais que moram na floresta. Aproveitamos para levá-las ao pátio, para interagirem com a árvore que fica nas dependências da escola e esse contato com a raiz, caule, folhas, flores, frutos, sementes, pequenos animais e insetos que estavam na árvore, despertou nelas o interesse de compartilharem as suas experiências com as árvores do seu quintal, rua, casa de familiares, algumas crianças até disseram que têm balanço e que brincam na sombra da árvore. Em seguida, as crianças aprenderam uma cantiga sobre árvore e fizeram atividade de pintar, recortar, montar e colar.

No dia seguinte, as crianças trouxeram de casa folhas das árvores frutíferas, plantas medicinais e flores. Cada estudante compartilhou com os demais colegas da turma os seus saberes com relação às folhas que trouxeram. Contamos a história da árvore generosa, dialogamos sobre as árvores enquanto seres vivos, que produzem o nosso alimento, oxigênio, que mantém o ciclo da água, que fazem aflorar as nascentes, e também como local de moradia para os animais. Pensamos nas nossas relações de afeto, respeito às diferenças e à diversidade. Assistimos aos vídeos: *Os plantadores de água*, *Máquina de fazer água* e *Os rios voadores*; e refletimos que nós seres humanos não somos os mais importantes do planeta terra e fui surpreendida com a seguinte pergunta: tia, por que as pessoas cortam as árvores?

Conversamos sobre alimentação saudável e propomos como atividade pedagógica produzir com as crianças tintas extraídas dos vegetais e formamos as cores secundárias; também apresentamos imagens de pintura corporal presentes nas culturas indígenas e africanas. Aprendemos novas canções infantis e assistimos a um desenho animado sobre o desperdício de alimentos. As crianças trouxeram e cortaram as folhas de revistas e cadernos usados para confeccionarmos o papel reciclado.

Para ensinarmos às crianças a confeccionarem o papel reciclado, contamos a história do Chico papeleta, que dialoga com os/as estudantes sobre como surgiu o papel, o desmatamento, fala da reciclagem, descarte inadequado do papel, ensina a fazer papel reciclado e origami. Confeccionamos o papel reciclado e, com a tinta

extraída dos vegetais, as crianças pintaram diversos desenhos e fizemos origamis. Falamos do trabalho realizado pelos catadores e catadoras da Ascamavi de Viana, pensamos em práticas educativas sendo realizadas em grupo, fortalecendo as relações de solidariedade entre as crianças.

Fotografia 22 - Preparando o papel reciclado



Fonte: Arquivo pessoal.

Iniciamos um diálogo sobre o rio Formate, tendo esse momento sido inspirado no livro *Planeta água*, que narra a história de uma criança encantada pela vida marinha, que ao perceber como a poluição dos rios, mares e oceanos afetam a nossa existência, começa a realizar pequenas ações envolvendo os/as amigos/as e familiares e quando ele cresce se torna biólogo e passa a organizar projetos de despoluição dos rios. Além disso, assistimos a vídeos educativos de despoluição dos rios, confeccionamos um filtro para mostrar aos/as alunos/as que na prática essas mudanças são possíveis, desde que haja uma organização comunitária. E aprendemos a canção infantil água.

Contamos a história do rio Formate que nasce na Reserva Biológica de Duas Bocas, localizado na região montanhosa de Cariacica, e que as margens desse rio promovem o encontro entre os municípios de Viana e Cariacica, possibilitando a travessia entre os moradores/as dessas duas cidades. Esse rio possui aproximadamente 30 quilômetros de extensão, atravessando várias localidades, dentre elas as áreas agrícolas de intensa vegetação e as regiões urbanas.

As crianças assistiram à primeira parte de um vídeo mostrando como é o rio Formate na área rural. Em seguida, dialogamos a respeito de sua importância para as famílias que moram no campo, pois suas águas são utilizadas para irrigar as plantações que alimentam muitas famílias daquela região, realizar as atividades domésticas (lavar, cozinhar, beber e tomar banho), manter a vida da fauna e flora local, sendo também utilizada para momentos recreativos e de lazer, além de ser fonte de renda para as famílias que sobrevivem da pesca dos peixes da água doce.

A segunda parte do vídeo enfatizava como as águas do rio Formate na área urbana foram poluídas com o lixo e o esgoto doméstico e industrial sem tratamento. Apesar desse rio está quase sem vida na região urbana, a maior parte do seu percurso é de águas cristalinas, sua beleza é alterada a partir do encontro com os bairros Novo Horizonte, Flor de Piranema e Operário, localizados em Cariacica e também nos bairros Marcílio de Noronha e Industrial, situados em Viana. Ressaltamos que os/as alunos/as da educação infantil moram nessa região de abrangência do rio Formate.

As crianças desenharam o rio Formate que conhecem e o rio Formate que gostariam de ter, cada aluno/a explicou o seu desenho e refletimos sobre o que podemos fazer para mudar essa realidade. Mencionei que um grupo de moradores/as de Viana e Cariacica estavam organizando uma audiência pública com foco no rio Formate e propomos que as crianças confeccionassem os cartazes para colocarmos no espaço onde aconteceria o encontro e auxiliassem na entrega dos convites aos pais e outros/as moradores/as de sua comunidade. Após a realização dessa mobilização social, os alunos/as receberam o retorno quanto aos encaminhamentos da audiência pública.

As crianças assistiram a um desenho educativo falando sobre o ciclo da água e a estação de tratamento de água e esgoto. Após o vídeo, mostramos imagens de lugares na região do rio Formate onde existem famílias que não possuem água potável e que dependem de caminhão pipa para levar água as suas residências, e que essas localidades não apresentam rede de tratamento de esgoto. As crianças se surpreenderam quando dissemos que a água do rio Formate e de outros rios poluídos na área urbana são tratados e abastecem as nossas casas, por isso, temos que cuidar dos nossos rios, porque nós que moramos na região urbana bebemos esgoto tratado.

Conversamos com os/as alunos/as sobre as fortes chuvas que aconteceram no final de novembro, sendo a chuva apontada por muitos/as moradores/as como a responsável pelo transbordamento do rio Formate, ocasionando diversos pontos de alagamentos. Aproveitamos essa situação para dialogar com os/as estudantes que as enchentes são resultados da destruição do meio ambiente em que vivemos, pois, na área urbana, a retirada da vegetação nativa, a construção de moradias e comércios às margens do rio, o descarte inadequado dos materiais descartáveis, o esgoto, a falta de fiscalização e de ações educativas pelo poder público, colaboram com o aumento de pontos de alagamento no período das fortes chuvas.

Fotografia 23 - Rua Antônio Freire no período de fortes chuvas



Fonte: arquivo de uma aluna da educação infantil.

Fotografia 24 - Imagem de uma das pontes que ligam Viana e Cariacica



Fonte: arquivo de um aluno da educação infantil.

Dialogamos sobre as doenças que surgem após o período de enchentes e sobre o pouco envolvimento das pessoas para mudarem essa realidade, apesar dessa situação não afetar somente os/as moradores/as que residem às margens do rio, pois os ônibus e outros carros precisam desviar das ruas alagadas, muitas pessoas ficam impossibilitadas de saírem de suas casas para irem trabalhar, vários/as alunos/as faltam às aulas por não terem como chegar à escola, a rotina de nossa região é afetada. Por isso, não devemos nos acostumar, naturalizar e se acomodar com o descaso dos governantes frente às problemáticas vivenciadas pelos/as moradores/as das comunidades das regiões periféricas.

Esse período que estive acompanhando e propondo práticas educativas ambientais com as crianças da educação infantil foi muito gratificante, pois as minhas experiências profissionais na educação são com estudantes das séries iniciais do ensino fundamental. Os momentos de diálogos com esse grupo de crianças, que narraram suas experiências de vida, relacionando com os assuntos abordados em

sala de aula, foram surpreendentes. Escutar o/a outro/a, aprender com as suas vivências, observar o que ficou de aprendizagem desses encontros são de fato aprendizados significativos, porque contribuem com outras leituras de mundo.

As práticas pedagógicas, realizadas no cotidiano escolar, dialogam com a concepção de uma educação ambiental política, inspiradas no pensamento freireano, por entendermos que a educação não é um processo neutro, porque expressa a nossa intencionalidade pedagógica, as nossas leituras de mundo, o compromisso com os sujeitos da história, com os quais buscamos, por meio dos diálogos amorosos, produzir outros saberes de forma coletiva, que estejam contribuindo com a solidariedade entre os/as estudantes, a fim de que estes/as conheçam, reflitam e possam participar da transformação da realidade local ao se aproximarem dos movimentos de resistência que estão sendo praticados na bacia do rio Formate.

Através da educação ambiental política, buscamos construir outras relações sociais entre os seres humanos e a natureza, a partir do contexto vivenciado pelos/as estudantes, o que demanda a tomada de consciência a respeito da realidade concreta, a fim de problematizá-la mediante o diálogo, tendo em vista contribuir com a formação cidadã dos/as alunos/as, ao propor a participação e a mobilização dos/as estudantes na busca por ações interventivas no território do rio Formate.

Por compreendermos que a “educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 2017a, p. 96), dialogamos e defendemos as práticas pedagógicas anticolonial, contra-hegemônica e libertadora que, ao produzirem espaços de resistência, pensam a educação como prática da liberdade (FREIRE, 1980), porque “quem atua sobre os homens [e as mulheres] para, doutrinando-os, adaptá-los cada vez mais à realidade que deve permanecer intocada são os dominadores” (FREIRE, 2017b, p. 117), que não possibilitam alternativas para superarmos as relações de dominação.

Ao habitarmos os “*espaçostempos* dos cotidianos escolares” (ALVES, 2019) assumimos o compromisso de propor processos pedagógicos que considerassem a educação ambiental, meio ambiente e as problemáticas ambientais vivenciadas

pelos/as alunos/as, a fim de que os/as estudantes pudessem criar outras percepções de si, do outro e do mundo, intensificando o significado do que é vivido na sala de aula. Acreditamos que ao possibilitarmos a participação comunitária, estamos contribuindo com outros espaços potencializadores de aprendizagem, por isso “é importante viver a experiência da nossa própria circulação pelo mundo [...]” (KRENAK, 2019, p. 27), porque estamos lendo, sentindo e experimentando o mundo.

CAPÍTULO 3: ECOLOGIAS INSUBMISSAS E AS ESCRIVIVÊNCIAS FEMININAS

Neste capítulo dialogaremos com as bases teóricas e metodológicas das educações ambientais, *escrevivências* e as ecologias insubmissas presentes no cotidiano de um grupo de mulheres militantes de movimentos sociais do município de Viana, sendo este também o referencial teórico-metodológico do projeto educacional de cunho formativo em educação ambiental, intitulado *Diálogo de mulheres insubmissas*.

A escrita deste capítulo teve como inspiração as *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo, o diálogo com as autoras feministas negras e o pensamento freireano, por uma questão política, teórica, metodológica e epistemológica, por acreditarmos na educação como prática da liberdade (FREIRE, 1980), pelo fato desta ser uma educação libertadora que não alimenta em nós o desejo de nos tornarmos opressores.

A educação como prática da liberdade “[...] implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 2017b, p. 98). Por esse motivo, a educação como prática da liberdade representa um ato de resistência contemporânea, ao buscar ressignificar as práticas educativas por meio do diálogo, da autonomia e da emancipação dessas mulheres, respeitando e valorizando os seus saberes cotidianos e as suas leituras de mundo (FREIRE, 1989).

Iniciamos trazendo para a conversa algumas reflexões do pensador indígena Ailton Krenak sobre a noção de humanidade, construída pela modernidade ocidental que se considera civilizada e que busca homogeneizar os modos de se habitar o mundo, suprimindo a diversidade.

A ideia de nós, os humanos, nos descolarmos da terra, vivendo numa abstração civilizatória, é absurda. Ela suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. Oferece o mesmo cardápio, o mesmo figurino e, se possível, a mesma língua para todo mundo (KRENAK, 2019, p. 22-23).

Segundo Krenak, ao tentarmos integrar o clube da humanidade homogeneizada, que impõe limites a nossa existência, restringindo a nossa liberdade, criatividade e capacidade de inventar experiências de organizações coletivas e autônomas, estamos aceitando pacificamente a ideia de servidão voluntária que busca transformar cidadãos em consumidores, visto que fomos ensinados a projetar os nossos sonhos, desejos e felicidade no consumo, ao basearmos as nossas relações no descarte da vida.

Enquanto a humanidade está se distanciando do seu lugar, um monte de corporações espertalhonas vai tomando conta da Terra. Nós, a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios. Eles inventam kits superinteressantes para nos manter nesse local, alienados de tudo, e se possível tomando muito remédio. Porque, afinal, é preciso fazer alguma coisa com o que sobra do lixo que produzem, e eles vão fazer remédio e um monte de parafernália para nos entreter (KRENAK, 2019, p. 19-20).

Esse distanciamento da humanidade de sua ancestralidade e lugar de origem colaborou, conforme as reflexões do pensador indígena, para que fôssemos ensinados a separar os seres humanos da terra e a transformar em mercadoria os nossos corpos e tudo que é externo a ele. Além disso, colaboramos com a expulsão dos povos do campo e da floresta, que são retirados dos seus territórios para viverem nas periferias dos centros urbanos.

Quando despersonalizamos o rio, a montanha, quando tiramos deles os seus sentidos, considerando que isso é atributo exclusivo dos humanos, nós liberamos esses lugares para que se tornem resíduos da atividade industrial e extrativista [...] (KRENAK, 2019, p. 49).

Os defensores dessa “humanidade” homogeneizada escondem que o modo predatório que escolhemos habitar o planeta está se dissolvendo e, por ser inviável a sua continuidade, apresentam o fim do mundo como estratégia para continuarem devorando os mundos, os animais, os sonhos e as pessoas ao aniquilarem a vida através do uso da violência cometida principalmente contra os povos e as comunidades que resistem à dominação de seus territórios, corpos e pensamentos, ao se manterem conectados às suas terras e memórias ancestrais.

Há centenas de narrativas de povos que estão vivos, contam histórias, cantam, viajam, conversam e nos ensinam mais do que aprendemos nessa humanidade. Nós não somos as únicas pessoas interessantes no mundo,

somos parte do todo. Isso talvez tire um pouco da vaidade dessa humanidade que nós pensamos ser, além de diminuir a falta de reverência que temos o tempo todo com as outras companhias que fazem essa viagem cósmica com a gente (KRENAK, 2019, p. 30-31).

As ideias para adiarmos o fim do mundo também foram pensadas em nossas práticas comunitárias de educações ambientais em prol da preservação do rio Formate, tanto nos coletivos sociais quanto nos diferentes espaços de formação, nos cotidianos escolares da pesquisa e nos grupos que re-existem de forma insubmissas ao confinamento da vida, apostando na possibilidade de vivenciarem outras experiências de humanidade.

Com os movimentos comunitários vianenses e as escolas situadas próximas ao rio Formate, vivenciamos inúmeras aprendizagens, que aconteceram por meio das narrativas que se entrelaçam com as águas do rio e que possibilitaram a realização de encontros que funcionassem como *espaçostempos* de proliferação de paraquedas coloridos.

De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho. Não o sonho comumente referenciado de quando se está cochilando ou que a gente banaliza “estou sonhando com o meu próximo emprego, com o próximo carro”, mas que é uma experiência transcendente na qual o casulo do humano implode, se abrindo para outras visões da vida não limitada. Talvez seja outra palavra para o que costumamos chamar de natureza. Não é nomeada porque só conseguimos nomear o que experimentamos. O sonho como experiência de pessoas iniciadas numa tradição para sonhar [...] (KRENAK, 2019, p. 65-66).

Com esse desejo de experimentar implodir o casulo do humano que existe em nós (KRENAK, 2019), escolhemos compor um diálogo com o autor Félix Guattari (2001), que propõe uma articulação ética, política e estética, para pensarmos a noção de ecosofia, a partir da integração das três ecologias que envolvem o ambiental, o social e a subjetividade, ampliando as concepções modernas de meio ambiente, não mais como sinônimo de uma natureza externa ao ser humano, mas, como resultado da integração das pessoas com o ambiente físico em que vivemos, das relações sociais cotidianas, pois “[...] os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração” (GUATTARI, 2001, p. 8) e das relações subjetivas que constroem as nossas noções de mundo.

A ecologia mental ou subjetiva é a reinvenção de si, das nossas leituras de mundo, da nossa autonomia como sujeitos históricos no mundo, a fim de resistirmos às ideias conformistas de realidade social e de homogeneização das práticas humanas, provocadas pela sociedade de consumo e mantida pela manipulação midiática e publicitária.

Já a ecologia social, segundo Félix Guattari (2001), promove a reinvenção dos modos de ser coletivo nos diversos grupos sociais, possibilitando a reconstrução das relações humanas, com o intuito de superarmos o sistema de dominação e poder que ampliam as desigualdades de gênero, raciais, econômicas e culturais.

Nesta perspectiva, a ecologia ambiental busca a reintegração dos seres humanos no mundo, compreendendo o ambiente onde vivemos, a fim de fazermos o enfrentamento das problemáticas ambientais que são consequências das relações predatórias que permeiam a nossa maneira de viver, consumir e se relacionar com o outro, colocando em risco a vida no planeta.

Por esse motivo, apostamos nas intervenções comunitárias em prol da preservação do rio Formate, enquanto ações concretas de enfrentamento das problemáticas ambientais locais e globais. Além disso, através da tentativa de rearticulação humana com as três ecologias, podemos problematizar a respeito das ecologias insubmissas que estamos produzindo em nossos cotidianos, as quais expressam esse encantamento com o mundo, sendo estes antídotos contra os relacionamentos tóxicos e o aumento da barbárie, decorrentes do crescimento dos grupos nacionalistas, reacionários e conservadores que defendem a continuidade da opressão patriarcal.

Pensando o cuidado de si, do outro e do meio ambiente, assumimos o compromisso com uma educação ambiental política (REIGOTA, 2012), engajada com as problemáticas cotidianas e entrelaçada ao pensamento pedagógico freireano (2017b), porque entendemos que nos humanizamos nessa relação com o mundo, buscando a libertação e restauração da nossa humanidade enquanto sujeitos oprimidos, que lutam pela humanização dos nossos opressores, comprometendo-se com a participação comunitária na busca por alternativas de práticas pedagógicas

de educações ambientais nas comunidades e nos cotidianos escolares, em prol da preservação do rio Formate.

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre os seres humanos, visando à superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos (REIGOTA, 2012, p. 13).

Por isso, apostamos na educação ambiental que contesta as tendências hegemônicas, dominantes e homogêneas que foram aprisionadas institucionalmente pelas leis e políticas públicas governamentais, que, por sua vez, colaboram com a manutenção das estruturas econômicas, sociais e políticas, promovendo também o apagamento das diferenças, dificultando o surgimento de outras formas existenciais e de intervenção social que consigam contribuir com a transformação da sociedade.

Dessa forma, pensamos, praticamos e evidenciamos as educações ambientais que não estão registradas ou foram oficializadas nos livros, porque se reinventam na vida cotidiana, pois consideram a diversidade presente no território nacional e entendem a educação como “[...] movimento que produza mudança, seja ela no corpo, no espaço ou no pensamento [...]” (BARCHI, 2016, p. 646), não se limitando às práticas educativas escolares.

Apesar da humanidade ocidental supostamente deter o poder de destruição da vida no planeta, somos constituídos pelas ecologias tecidas em nossas relações sociais, subjetivas, e pelo meio ambiente em que vivemos. Por pensarmos nas ecologias de forma mais ampla, temos praticado as nossas educações ambientais comunitárias de forma descolonizada, conforme veremos nas *escrevivências* de um grupo de mulheres militantes dos movimentos sociais vianenses, que apresentaremos mais adiante.

O diálogo com as *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo se intensificou a partir da leitura do livro *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), no qual ela apresenta as narrativas de mulheres negras com nome, sobrenome, família, relações sociais, ancestrais, afetivas e com sentimentos, promovendo esse resgate

da nossa humanidade, tentando preencher esse vazio histórico deixado pela “historiografia oficiosa ou oficial” (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003), que insiste em nos desumanizar, não apresentando a população negra como seres humanos racionais, que produzem conhecimentos, histórias e que possuem sentimentos. Esse compromisso com a humanização dos povos negros permeia as obras da escritora Conceição Evaristo, que nos ínsita a pensarmos outras formas de vivência negra.

Além disso, as personagens desse livro residem em pequenas cidades interioranas, periferias, no campo, vilarejos e quilombo. Algumas delas são comparadas a deusas e rainhas africanas, utilizam remédios caseiros, benzimento, aprenderam a extrair das plantas tintas naturais para as técnicas de pintura, participam de congadas, dançam e cantam para se manterem conectadas às suas ancestralidades, regando os seus sonhos e afetos. Por isso, destacamos alguns trechos do livro, em que a escritora relata quem são essas mulheres e os lugares em que habitam.

Aramides Florença era “[...] chefe do departamento pessoal de uma promissora empresa; ele [esposo], funcionário de um grande banco. Sem muitas preocupações e apertos econômicos, conseguiram montar um modesto, mas confortável, apartamento” (EVARISTO, 2016, p. 11). Ela que sonhava em ser mãe, viu o seu companheiro se tornar uma pessoa agressiva após o nascimento do filho e escolheu criar a criança sozinha.

Mary Bendita, em diálogo com a escritora, referindo-se a sua própria história, mencionou: “mas como uma menina nascida em Manhãs Azuis, a sétima de dez filhos, no seio de uma família de pequenos lavradores, poderia ganhar o mundo, aprender línguas, pintar quadros e tocar piano?” (EVARISTO, 2016, p. 71). Ressaltamos que ela se inspirou e foi acolhida pela tia Aurora, professora de música, que preparou o seu caminho.

Rose Dusreis se tornou “professora de balé clássico, de dança moderna, de balé afro, de jazz, de sapateado e de dança de salão. A sua academia ficava a uma quadra de distância do clube e era a mais procurada da cidade [...]” (EVARISTO, 2016, p. 106). Ela conseguiu romper com os lugares de subalternidades destinados

socialmente aos seus familiares, sendo a primeira bailarina negra de companhias nacionais e internacionais, abrindo caminho para suas irmãs, pois uma delas se tornou professora e as outras duas proprietárias do único hotel da cidade onde moravam.

Nessa obra, a escritora Conceição Evaristo, narra a *escrivivência* de treze mulheres negras enquanto processo de escrita de si, sendo elas: Aramides Florença, Natalina Soledad, Shirley Paixão, Adelha Santana Limoeiro, Maria do Rosário Imaculada dos Santos, Isaltina Campo Belo, Mary Bendita, Mirtes Aparecida da Luz, Lídia Moirã, Lia Gabriel, Rose Dusreis, Saura Benevides Amarantino e Regina Anastácia que vivenciaram situações de opressão racial e sexista, que lhes causaram muita dor e sofrimento, tendo elas diversas realidades sociais e diferentes idades.

Por meio do encontro com a escritora dos contos, as suas vidas foram entrelaçadas e elas decidiram dialogar sobre a solidão das mulheres negras e as experiências de opressões cotidianas, e como buscam se libertarem das relações patriarcais e do racismo através da coletividade e irmandade feminina negra, mostrando que a libertação é um processo coletivo, conforme é narrado nos trechos destacados.

Entre essas histórias está a de Maria do Rosário, criança que foi sequestrada por um casal de turistas brancos, e que antes de dormir contava para si as histórias de seu povo como forma de se manter conectada a eles/as, mostrando que existem vida e história antes da chegada do colonizador. Já adulta, concluindo o segundo grau, conseguiu reencontra sua irmã caçula no evento organizado pela escola sobre crianças desaparecidas.

[...] Quando acordei do desmaio, a moça do relato segurava a minha mão; não foi preciso dizer mais nada. A nossa voz irmandada no sofrimento e no real parentesco falou por nós. Reconhecemo-nos. Eu não era mais a desaparecida. E Flor de Mim estava em mim, apesar de tudo. Sobrevivemos, eu e os meus. Desde sempre (EVARISTO, 2016, p. 54).

Ao chegar à cidade de Rios Fundos, Regina Anastácia juntamente com a sua mãe, contrariando a todos/as de sua família e do vilarejo onde foram morar, escolheram serem donas do seu próprio destino, abrindo um pequeno comércio, mesmo cientes de que naquela região havia uma família latifundiária que era considerada donos da

cidade e das pessoas, porque a eles/as pertenciam o poder político, religioso, econômico, educacional e a imprensa local, desde o período colonial.

[...] Contrariando o desejo do meu pai, que achava mais seguro se minha mãe fosse trabalhar na fábrica de doces ou em uma das padarias do pessoal D'Antanho, ela continuou trabalhando por conta própria. Soubemos que isso foi alvo de deboche. Nem o pessoal da cidade fechada, nem as pessoas da cidade aberta acreditavam que alguém pudesse sobreviver fora do poderio dantanhense. Mas a força da minha mãe vinha do pessoal de outrora, principalmente das mulheres desde lá [...] (EVARISTO, 2016, p. 134-135).

A *escrevivência* desse grupo de mulheres é marcada por uma escrita insubmissa, que incomoda os representantes da casa-grande, pois essas narrativas emergem de espaços não hegemônicos e mostram que as mulheres negras encontraram em seus corpos e vozes a força para fazerem ecoar o desejo de liberdade, porque não há dominação sem resistência.

Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*, a *escrevivência* é uma forma que as mulheres negras encontraram para registrar as suas memórias individuais e coletivas, a partir das experiências dos corpos femininos negros marginalizados, que não se permitem ser capturados e aprisionados, que recorrem também à escrita como possibilidade de se curarem das injustiças e opressões cotidianas, a fim de experimentarem habitar outros mundos (EVARISTO, 2016), evidenciando o que existe de mais humano em nós.

Nesse livro, algumas narrativas nos fazem recordar do período escravocrata. É importante evidenciarmos que a noção de *escrevivência*⁷⁵ foi pensada e construída pela escritora Conceição Evaristo, a partir do processo de escravização das mulheres negras, as quais eram obrigadas a recorrer à oralidade a fim de contarem histórias para adormecer as crianças da casa-grande. Essas mulheres tinham a sua fala e corpos escravizados, sendo estes instrumentos de dominação. Por esse motivo, segundo bell hooks (2019b),

⁷⁵ Entrevista da escritora Conceição Evaristo concedida ao Instituto Tear em 2017, em que ela explica a noção de *escrevivência*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.

Fazer a transição do silêncio à fala é, para o oprimido, o colonizado, o explorado, e para aqueles que se levantam e lutam lado a lado, um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento [...] (hooks, 2019b, p. 38-39).

Nesse trabalho dialogamos com as inspirações teóricas da noção de *escrevivências* como forma de romper com o legado opressor colonial, ao apresentar outro modo de fazer literário enquanto expressão do conhecimento que representa o pensamento feminino negro, sendo essa uma forma de se posicionar no mundo, trazendo à tona narrativas que dão sentido à produção de re-existências negras.

Já na produção literária de Carolina Maria de Jesus, como no diário *Quarto de Despejo* (2014), encontramos em suas *escrevivências* registros das suas ecologias insubmissas, pois ela reivindicava o direito humano de existir por ter dificuldade de acesso à comida, água, moradia, educação, saneamento básico e saúde, problematizando sobre o impacto da falta de políticas públicas ambientais nas favelas, que eram consideradas os quartos de despejos das cidades, e como essa relação provocava o adoecimento dos moradores/as da comunidade do Canindé.

Por esse motivo, adentrava os espaços de decisão política, que raramente eram frequentados por pessoas negras, com o objetivo de falar da realidade dos oprimidos e marginalizados. Ela encontrava nas suas produções artísticas e literárias, espaços de libertação da sua humanidade oprimida, mas não silenciada pelas diferentes formas de opressão, quando se permitia sonhar, reinventar-se e se manter viva. Sobre a necessidade de lutarmos contra a opressão, Paulo Freire menciona

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegaram por acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela (FREIRE, 2017b, p. 43).

A escritora Carolina Maria de Jesus, por meio das suas *escrevivências*, e nesse movimento de aprender a dialogar com a própria história, coloca ordem no mundo, a partir das suas leituras de mundo ao denunciar as situações cotidianas de racismo, machismo, pobreza, desconstruindo o mito da democracia racial, quando evidência

a fome, as desigualdades de oportunidades e os lugares de moradia onde se concentra a população negra, sendo resultados de uma sociedade em que ainda permanece o pensamento e as relações coloniais de dominação.

No artigo “Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero” (2019), a autora Andréia Teixeira Ramos, recorreu à escrita das narrativas autobiográficas em formato de cartas para expressar as suas *escrevivências*, pois, narrar-se é uma maneira de desmontar as opressões patriarcais e raciais que habitam em nós e que dificultam a construção da nossa identidade racial, porque o enegrecimento produz mudança, libertação e comprometimento com as práticas educacionais antirracistas e a reinvenção de si, exalando nossas re-existências no mundo.

Por entendermos que a liberdade faz parte de um movimento contínuo, devemos estender essa reflexão ao campo epistemológico, pois escolhemos dialogar com autoras e escritoras feministas negras com as quais problematizaremos a respeito do eurocentrismo presente nas nossas referências bibliográficas, que reafirmam a hegemonia masculina branca na produção de conhecimento.

Com relação a esse assunto, a autora Djamila Ribeiro (2019b, p. 63) declara que “[...] é raro que as bibliografias dos cursos indiquem mulheres ou pessoas negras; mais raro ainda é que indiquem a produção de mulheres negras, cuja presença no espaço universitário e intelectual é extremamente apagada [...]”. A descolonização do saber ocorre no momento em que praticamos as nossas insubmissões epistemológicas, quando apostamos no enegrecimento do conhecimento, por compreendermos o campo epistemológico como sendo um espaço de poder.

O diálogo com autoras e escritoras feministas negras é uma forma de enfrentamento ao epistemicídio, que tem sido uma estratégia dominante utilizada desde o período colonial com o objetivo de inferiorizar, desqualificar e tentar anular toda produção de conhecimento intelectual de escritores/as e autores/as negros/as. Além disso, busca o rebaixamento da capacidade cognitiva dos povos negros, negando-lhes o acesso à educação de qualidade. Para Sueli Carneiro (2019, p. 8), o epistemicídio é um

[...] conjunto de estratégias que determinam por abalar a capacidade cognitiva das pessoas negras, que conspiram sobre a nossa possibilidade de nos afirmarmos como sujeito de conhecimento, ou seja, todos os processos que reiteram que nós somos, por natureza, seres não muito humanos, e, portanto, não suficientemente dotados de racionalidade, capazes de produzir conhecimento e, sobretudo, ciência.

Por esse motivo, escolher compor o referencial teórico com autoras e escritoras negras que erguem a sua voz através da militância, escrita, publicações e compartilhamento de suas produções, sendo este um ato político, reconhecendo os méritos do conhecimento e das contribuições acadêmicas das feministas negras para desnaturalizarmos o pensamento histórico opressor, que busca legitimar a subalternidade das mulheres negras. Nesse sentido, destacamos que

[...] é preciso que muitas vozes se ergam contra o genocídio da população negra, o aumento crescente da população de rua, o avanço criminoso do agronegócio sobre os territórios indígenas e quilombolas, o assassinato das mulheres cis e trans, as práticas de ódio contra a população LGBT, a criminalização dos movimentos sociais e a repressão ao conhecimento por meio do ataque às escolas e às universidades (hooks, 2019b, p. 14).

Erguer a voz (hooks, 2019b) e vivenciar o processo de descolonização das nossas mentes (FREIRE, 1978) pode ser considerado desafiador, já que buscamos não reproduzir as relações colonialistas, patriarcais, racistas e sexistas que foram construídas ao longo da história em relação ao apagamento da produção das autoras e escritoras negras, pois, entendemos que não podemos continuar reproduzindo o racismo enquanto parte dos sistemas de opressão que nos propomos a combater, porque “[...] a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos – [consiste em] libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 2017b, p. 41).

Desse modo, escolhemos compor um diálogo com a autora Djamila Ribeiro (2019a), Filósofa, feminista negra, escritora, pesquisadora e mestra em Filosofia Política, entendendo o lugar de fala como processo de desnaturalização do discurso hegemônico branco opressor, a fim de questionarmos a origem social das desigualdades e as relações de privilégios.

A autora também menciona que “[...] saber o lugar de onde falamos é fundamental para pensarmos as hierarquias, as questões de desigualdades, pobreza, racismo e sexismo” (RIBEIRO, 2019a, p. 84). Por isso, os grupos sociais historicamente

marginalizados como os de Viana, buscam o reconhecimento de sua existência enquanto sujeitos políticos através da fala, ao trazerem a público outras narrativas e produção de saberes.

Quando refletimos sobre o lugar de fala (RIBEIRO, 2019a) e a educação ambiental política, a partir das *escrevivências* das mulheres vianenses, buscamos contestar a estrutura dominante cuja linguagem e os discursos são reflexos da sociedade patriarcal, machista, racista e sexista em que vivemos, tendo em mente que os privilégios epistêmicos favorecem o apagamento da produção intelectual negra e colabora com a história sendo contada por meio dos discursos dominantes (RIBEIRO, 2019b).

Nesse sentido, gostaria de destacar as contribuições literárias da escritora Conceição Evaristo (2018), que tem sua escrita marcada pela condição de mulher negra, militante, oriunda das classes populares, professora, mestre em Literatura Brasileira, doutora e pesquisadora em Literatura Comparada. Deste lugar de fala (RIBEIRO, 2019a), ela nos apresenta de forma poética as suas *escrevivências* quando diz que “é a escrita que se alimenta da experiência de vida da autora” (EVARISTO, 2018, p. 6) e das histórias narradas por outras mulheres negras.

Esse encontro com a literatura nos aproximou da escritora Carolina Maria de Jesus (2014), mulher negra, autodidata, feminista, dramaturga, romancista, compositora, cantora, atriz, poetiza, favelada, catadora de papelão e mãe solo. Com ela, aprendemos que a escrita alimenta a nossa existência enquanto força revolucionária, sendo um espaço de denúncia ao descaso do governo diante das precárias moradias, do desemprego, do alcoolismo, da violência doméstica, da falta de saneamento básico e da fome. Por esses motivos, ela questionava a democracia, as desigualdades e o posicionamento dos governantes da época. Carolina Maria de Jesus, narrou: “os políticos sabem que eu sou poetisa. E que o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido” (JESUS, C., 2014, p. 39), destacando a poesia como prática de re-existência individual e coletiva.

Desejamos ainda tecer histórias de re-existência com a autora norte-americana bell hooks, professora, escritora, militante antirracista, feminista negra e intelectual, por

reconhecemos que falar no sentido de “erguer a voz” [...] é uma expressão de nossa transição de objeto para sujeito – a voz liberta (hooks, 2019b, p. 39). A fala para os grupos oprimidos representa re-existência contra o patriarcalismo, o racismo, o machismo e o sexismo que compõem sistemas interligados de dominação. Por isso, acabar com as práticas opressivas pode ser considerado um gesto de amor, por manifestar o desejo de vivermos em um mundo onde as pessoas sejam livres. A fala é também um ato de coragem pelo fato de romper com a visão de sujeito único universal e um esforço para reconstruir a nossa humanidade inferiorizada pela opressão colonial. A fala é um compromisso político de educar para a liberdade, porque as ideias não são neutras.

Com a autora Sueli Carneiro (2019), filósofa, pedagoga, escritora, feminista negra, militante antirracista, fundadora do Geledés (Instituto da Mulher Negra), pensamos as relações de dominação presentes nas desigualdades: (a) de gênero, reproduzidas pelo patriarcado que naturaliza a hegemonia masculina e pela homofobia que tem como origem a imposição da heterossexualidade como única forma de relacionamento afetivo e sexual; (b) sociais, pelo elitismo classista que privilegia economicamente e politicamente um determinado grupo social; (c) religiosas, pelo fundamentalismo religioso que promover a intolerância e a não aceitação das práticas religiosas dos grupos sociais historicamente oprimidos (CARNEIRO, 2019); e (d) raciais, pelo racismo - um sistema de opressão que foi estruturado na sociedade brasileira - que nega os direitos sociais da população negra e busca legitimar a supremacia branca ao se reafirmar por meio das desigualdades de oportunidades.

Os diálogos que temos estabelecido com esses autores, autoras e escritoras nos aproximaram das noções de educação como prática da liberdade, *escrevivências*, educação ambiental política, ecologias insubmissas, lugar de fala, erguer a voz, racismo, machismo e sexismo, dando o embasamento teórico e metodológico à pesquisa, pois essas noções serão abordadas no próximo capítulo e no projeto educacional desta dissertação.

CAPÍTULO 4: ECOLOGIAS INSUBMISSAS DAS MULHERES E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL POLÍTICA

A forte presença feminina nos movimentos sociais vianenses nos encoraja a continuarmos apostando no diálogo com aquelas que vêm das margens (REIGOTA, 2010a). Por serem sujeitos políticos, sujeitos de si, ao redescobrirem outros modos de se veem, produzem *escrevivências* e narrativas contra-hegemônicas, contrapondo-se aos discursos dominantes, quando trazem ao espaço público, histórias de mulheres marginalizadas que, ao narrarem os seus cotidianos, contribuem com a sua libertação histórica e cultural.

As conversas tecidas com as mulheres militantes vianenses aconteceram em dias, horários e locais diferentes, como na residência delas, na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), no shopping, no almoço beneficente da Femopovi, na pracinha do bairro Marcílio de Noronha, na sede do grupo Artesanarte e do grupo Ascamavi, sendo esses encontros um convite para pensarmos e dialogarmos sobre as nossas práticas ecológicas insubmissas. Ressaltamos ainda que essas militantes atuam como professoras, assistentes sociais, técnicas de meio ambiente, jornalistas, artesãs e catadoras de materiais reciclados.

Inicialmente, não havíamos pensado em identificar esse grupo de mulheres, do qual sou integrante e pesquisadora, por meio das suas *escrevivências*, mas a iniciativa partiu delas em manterem a identificação de seus nomes, sobrenomes e bairros, pois, tornar pública as suas *escrevivências* é uma forma de se reafirmarem frente os discursos patriarcais, hegemônicos e colonizadores. Ressaltamos ainda que elas também propuseram um encontro para dialogarmos a respeito dos movimentos de re-existências femininas, que ficou conhecido como diálogo de mulheres insubmissas do município de Viana.

Ao dialogarmos com esse grupo de mulheres, constatamos que elas participam de diferentes movimentos sociais, e que esses se conectam ao produzirem práticas políticas, pedagógicas, e ecologias insubmissas que emergem de seus cotidianos, tais como: economia solidária; inclusão produtiva; reaproveitamento; customização; reciclagem; encontros comunitários para formações políticas e ambientais;

monitoramento da qualidade dos recursos hídricos; ações educativas ambientais nas escolas e unidades de saúde; limpeza e plantio de mudas nativas às margens do rio Formate; e os encontros para discussão de saneamento básico.

Encontramos, nas *escrevivências* desse grupo de mulheres, os diálogos amorosos (FREIRE, 2017b), já que o diálogo é resultado do amor ao mundo, aos homens e às mulheres, possibilitando a transformação do mundo que representa o ato de criação e recriação da realidade, entendida como ato de coragem e força revolucionária. Portanto, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens [e as mulheres], não é possível o diálogo” (FREIRE, 2017b, p. 111).

A autora bell hooks (1993) também fala sobre a ação transformadora e revolucionária do amor no processo de re-existência contra o machismo, o racismo, o sexismo e a pobreza, podendo inclusive alterar as estruturas sociais existentes, porque “[...] quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar [com] o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura” (hooks, 1993, p. 12). O amor liberta, nos humaniza e nos permite compor histórias de re-existência com o/a outro/a.

Ao atuarem de forma interventiva, por meio das suas práticas ecológicas insubmissas, essas militantes se reconhecem nessa relação com o mundo e com o/a outro/a e buscam assumir o controle de suas vidas, porque “[...] somos o que estamos sendo. A condição para que eu seja é que esteja sendo. Cada um/a de nós é um processo e um projeto, e não um destino [...]” (FREIRE, 2008, p. 38), conforme veremos a seguir nas *escrevivências* da Maria José Barbosa, Menara Lopes Layber, Juliana Gama, Maria da Penha Lourenço, Josiana Gallina, Lindamaris de Abreu Mariano Pereira, Elenice Tozze Soave Neves, Maria da Penha Leite da Silva e Daniely Lyra de Almeida.

No início do mês de janeiro de 2019, visitei a Ascamavi, para conhecer o trabalho realizado por este grupo. Na ocasião, conversei com a Maria José, que carinhosamente é chamada de Zezé, e é a responsável pela coordenação da Ascamavi. Ela compartilhou um pouco de sua *escrevivência* a frente de uma cooperativa de reciclagem. Foi uma manhã de grande aprendizagem, me senti renovada.

Fotografia 25 – Catadoras de materiais reciclados da Ascamavi



Fonte: Arquivo pessoal

Insubmissa 1: (Re) inventando formas de (re) existir

Maria José Barbosa

“Do ponto de vista do planeta,
Não existe jogar lixo fora:
Porque não existe ‘fora’.”
(AUTOR DESCONHECIDO)

Meu nome é Maria José, tenho 49 anos, 03 filhos, sou moradora do bairro Campo Verde, em Viana, há aproximadamente 30 anos. Trabalho como Catadora de Materiais Reciclados e sustento a minha família com essa profissão. Aqui todos/as me conhecem como Zezé.

Quando fui morar em Campo Verde, essa região era mata, só havia quatro casas. O bairro foi se desenvolvendo aos poucos e nós fomos acompanhando essas mudanças e observando como a urbanização e a falta de saneamento básico impactaram na nossa comunidade. Como a maioria das pessoas, eu já trabalhei de carteira assinada exercendo várias profissões, mas quando ficava desempregada e sem renda para manter as despesas de casa, saía para recolher materiais reciclados. A necessidade me fez enxergar na reciclagem uma possibilidade de obter renda e também colaborar com o meio ambiente.

Durante anos, trabalhei como catadora recolhendo os materiais de porta em porta, jamais pensei que poderia fazer parte de uma associação ou cooperativa. Naquela ocasião, o trabalho era muito árduo; sem equipamentos; no verão, o calor intenso; no frio, eu saía debaixo de chuva, cedo e retornava para casa à noite. Muitas vezes, passava o dia com fome, mas precisava sustentar meus filhos e pagar as contas para sobreviver.

Em 2015, atendendo a uma reivindicação dos/as catadores/as da região, recebemos um convite por parte da Prefeitura Municipal de Viana, que precisava organizar uma associação com os catadores e catadoras de materiais reciclados aqui do entorno por causa do Ministério Público local. Tudo era muito novo para nós, por isso ficamos receosos, mas resolvemos aceitar esse novo desafio.

No início, nossa cooperativa estava localizada no bairro Vila Bethânia. Os moradores dessa comunidade já estavam acostumados com o nosso trabalho, inclusive muitos levavam as doações no galpão ou, quando estávamos na rua, éramos abordados/as pelas pessoas, que já deixavam os materiais separados e ficavam aguardando algum/a catador/a passar para entregar as doações.

Há dois anos, viemos para Nova Bethânia. Aqui passamos por momentos muito difíceis, quase que a cooperativa fechou, nós estávamos sem carro e arrecadando pouco material, em média recebíamos R\$ 100,00 por mês. As dificuldades iniciais fizeram com que muitos catadores/as desistissem, algumas colegas foram trabalhar como doméstica e como auxiliar de serviços gerais, mas, devido à baixa escolaridade, muitas não conseguiram trabalho de carteira assinada.

Nessa época já estávamos participando das reuniões com os/as Catadores/as de Materiais Reciclados da Grande Vitória. Falamos da situação da nossa associação e fomos orientados/as a procurar o Ministério Público de Viana. Por meio de uma decisão judicial foi determinado que a prefeitura local deveria garantir as mínimas condições de trabalho para os/as cooperados/as da ASCAMAVI. Os gestores do município tiveram que providenciar um caminhão que atendesse à cooperativa três vezes na semana.

Através do nosso trabalho árduo e buscando o crescimento da nossa cooperativa, hoje temos um contrato com a prefeitura, onde ficou acordado que parte da nossa remuneração deve ser realizada pelo poder público municipal, bem como as escolas e as empresas precisam doar materiais reciclados para nossa associação.

Embora a profissão de catador/a de materiais reciclados não seja valorizada, considero o nosso trabalho muito importante, pois contribuímos com o meio ambiente, evitamos a proliferação de doenças devido ao descarte inadequado dos materiais recicláveis e estamos gerando renda. Nós organizamos momentos de sensibilização nas escolas, nos CRAS e nos comércios da região, falando sobre a importância da reciclagem e do trabalho que desenvolvemos de preservação ambiental.

No momento, a prefeitura é responsável por pagar o aluguel do imóvel onde funciona a cooperativa, água, energia, empréstimo do caminhão e disponibilizar uma equipe para acompanhar o nosso trabalho. Já os/as cooperados/as realizam o recolhimento, separação, prensagem de todo material doado, participam de reuniões, fazem o trabalho de sensibilização nas comunidades do entorno, se articulam para conseguir doação de materiais permanentes para a associação e comercializam todo material.

Hoje um dos meus filhos trabalha aqui na cooperativa. Nós estamos em cinco mulheres e quatro homens. Temos observado um crescimento no número de jovens que devido à falta de experiência profissional e baixa escolaridade não conseguem emprego formal e acabam vindo trabalhar como catadores/as de materiais reciclados, como é o caso do meu filho, ele tem 19 anos, e esse é o primeiro emprego dele. Na cooperativa, os homens estão de passagem, porque, muitas vezes, eles preferem um emprego como ajudante de obra do que trabalhar como catador de material reciclado.

Aqui todos/as se ajudam: os mais experientes no trabalho repassam aos recém-chegados/as a nossa rotina, a divisão das tarefas, explicamos sobre o uso obrigatório dos equipamentos de segurança e do uniforme. Para termos uma despesa menor, nós cozinhamos no local, por isso, parte do lucro com as vendas dos materiais compramos os mantimentos para o café da manhã e almoço.

Quase todos/as que trabalham aqui moram de aluguel. Eu tenho casa própria e a Leonor recebe o aluguel social. Isso porque em 2016, quando teve a ocupação de um terreno por moradores/as desempregados/as da região, ela foi morar com os/as desabrigados/as e se não fosse a intervenção dos movimentos sociais de Viana, principalmente da Femopovi, ela não receberia esse benefício social.

Eu considero participar dos movimentos sociais muito importante, porque trocamos experiências, lutamos pelos nossos direitos. Se nós não estivéssemos organizados/as com as outras associações de catadores/as, nossa cooperativa já teria fechado. Nós pedimos doações, os materiais permanentes da associação foram todos doados, como: bebedouro, armário, ventiladores, mesa, cadeiras, fogão

e geladeira. Vamos tentar conseguir a doação de mais uma prensa, equipamentos de segurança e uniformes.

A nossa cooperativa é recente, mesmo assim, conseguimos muitas melhorias para a associação. O nosso sonho é ter um caminhão que nos atenda os cinco dias da semana e deixarmos de pagar aluguel. O que temos hoje é resultado do nosso engajamento, união e colaboração.

As ecologias insubmissas da Zezé estão presentes na organização, mobilização e participação social da Ascamavi, por meio delas, a Maria José mantém a subsistência familiar e, juntamente com as demais cooperadas, cuida do local de trabalho, realiza as práticas pedagógicas ambientais na região de localização da cooperativa e participa dos encontros dos movimentos de Catadores e Catadoras de Materiais Reciclados da Grande Vitória.

Ressaltamos que a organização coletiva e as práticas de solidariedade fazem parte dos movimentos sociais e que todas as melhorias que aconteceram na cooperativa são frutos das re-existências femininas, visto que buscam resistir para existir, reciclando vidas, sonhos e possibilidades. Ao falar sobre a organização dos/as oprimidos/as, Freire (2017a, p. 79) declara que

[...] me orgulho de nós todos, companheiros e companheiras, do que temos feito através da nossa luta, de nossa organização. Não é o favelado que deve ter vergonha da condição de favelado, mas quem, vivendo bem e fácil, nada faz para mudar a realidade que causa a favela. Aprendi isso com a luta.

Nessa cooperativa a produção coletiva do saber ocorre por meio das relações horizontais, porque a associação representa uma forma de intervenção no mundo, já que elas conhecem, refletem e transformam a realidade local. Desse modo, podemos destacar que a consciência ecológica da Zezé foi sendo formada a partir de sua vivência como catadora de materiais reciclados, pois suas experiências contribuíram com a sua participação cidadã na busca por alternativas cotidianas ambientais individuais e coletivas. Sobre esse assunto, Reigota (1995) relata que

A participação dos cidadãos [e das cidadãs], em nível individual ou em ONGs e movimentos, na construção de uma sociedade mais justa e ecologicamente sustentável, tem sido crescente, e a sua importância é indiscutível (REIGOTA, 1995, p. 25).

Durante a nossa conversa, ela demonstrou uma visão crítica a respeito do trabalho que realizam e sabe da importância deste para o ambiente em que vivemos, apesar de sua profissão não ser valorizada socialmente. Por isso, há uma rotatividade masculina na associação. Refletimos que talvez essa situação esteja associada ao fato de que historicamente a ocupação dos subempregos tem sido destinada principalmente às mulheres e crianças, com destaque para as mulheres negras.

A *escrivência* da Zezé se aproxima da realidade vivenciada pela escritora Carolina Maria de Jesus, mãe solo e catadora de papelão com quem aprendemos que as experiências cotidianas pela sobrevivência fizeram ecoar as vozes negras marginalizadas e que considerava a fome uma forma de escravização dos povos negros na atualidade, sendo resultado de uma sociedade em que prevalecem as relações coloniais de poder, pois os efeitos da colonialidade são sentidos entre os grupos sociais oprimidos.

As situações problematizadas pela escritora Carolina Maria de Jesus continuam atuais, pois, no livro *Quarto de Despejo* (2014), publicado na década de 60, ela fala do alto custo dos gêneros alimentícios que dificultava a sobrevivência da população empobrecida e da falta de compromisso dos governantes em mudar essa realidade, tal qual temos visto nesse contexto pandêmico, em que os representantes do governo reacionário brasileiro justificam o aumento abusivo dos preços dos alimentos como sendo consequência da pandemia, não pensando em alternativas para que as famílias de baixa renda possam garantir a subsistência.

Em meados de janeiro de 2019, numa tarde ensolarada, fui visitar a Menara, aproveitando que ela estava de férias, para que pudéssemos conversar sobre a sua inserção no Coletivo Formate. Nesse encontro, percebi que apesar de estarmos no mesmo grupo, termos a mesma formação em Serviço Social e organizarmos as práticas pedagógicas ambientais do Coletivo Formate, quase não conhecemos a história de vida das nossas companheiras de luta.

Fotografia 26 – Menara Lopes na manifestação #EleNão



Fonte: Menara Lopes.

Insubmissa 2: Resignificando a minha existência

Menara Lopes Layber

“Eu só peço a Deus
Que o futuro não me seja indiferente
Sem ter que fugir desenganado
Pra viver uma cultura diferente.”
(MERCEDES SOSA)

Eu me chamo Menara, tenho 30 anos, moro em Marcílio de Noronha, sou Assistente Social, concursada pela Prefeitura de Vila Velha, e participo do Coletivo Formate. Eu cresci vendo os meus irmãos participarem dos movimentos sociais. A minha participação nos espaços de representação social começou através do Grêmio Estudantil em 2005, quando eu ainda cursava o ensino médio, na escola Irmã Dulce. Na época, nós tínhamos uma atuação mais marcante, principalmente no Dia do Trabalhador, Dia do Meio Ambiente e da Consciência Negra. Esse grupo de alunos/as era orientado pelo professor de Sociologia e pela professora de História.

Em 2009, fui convidada para participar do Coletivo Jovem Região Formate⁸. Comecei a frequentar as reuniões que aconteciam com foco nas temáticas ambientais, cujas iniciativas estavam voltadas para a juventude; e, por estarmos próximo do rio Formate, as ações contavam com a presença de jovens do entorno do rio, tanto de Viana quanto de Cariacica. Nós realizávamos plantio de árvore, palestras, encontros e as ações cineclubistas⁹ nas escolas.

Já em 2014, com a institucionalização do Coletivo Formate, eu passei a integrar o Conselho Fiscal, acompanhar de forma mais assídua os projetos ambientais comunitários, as ações cineclubistas, o projeto Ecoteca e recentemente elaboramos

⁸ Refere-se ao primeiro nome do Coletivo Formate, no período anterior a 2014, quando não havíamos realizado o nosso grupo. O CJRF era um coletivo de meio ambiente, formado por jovens que residiam em Viana e Cariacica no entorno do Rio Formate.

⁹ Os cineclubes surgiram no começo do século XX, como espaço de legitimação cultural do cinema livre. O conceito de cineclubes é, antes de tudo, político, pois se contrapõe as grandes produções cinematográficas, que se reinventam de acordo com as especificidades locais e que são considerados espaços de resistência, que por meio do diálogo potencializam as discussões políticas, culturais, sociais e econômicas vigentes.

o projeto Eco-cientes¹⁰. Além disso, estou no Conselho de Direito, acompanhando a Comissão do Plano Municipal de Educação Ambiental.

Tenho observado como sendo muito positiva a participação das mulheres nos movimentos sociais, a fim de que possamos conquistar outros espaços na sociedade, sendo reconhecido o nosso direito a voz, representatividade, políticas públicas que atendam as nossas especificidades, principalmente no combate ao feminicídio.

Nós, mulheres, investimos mais na nossa formação acadêmica e, mesmo assim, ganhamos menos e ocupamos o maior percentual de empregos com vínculos fragilizados e com menores remunerações. Percebo que as mulheres negras são as que mais vivenciam as situações de vulnerabilidades sociais e econômicas.

Temos que avançar com as discussões de gênero, principalmente porque a atual ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, que foi criado pelo presidente da extrema direita, reforça a ideia de subalternidade feminina e moralização familiar, desconsiderando o nosso contexto social e a nossa história de luta.

Eu gostaria de lembrar a importância da educação na nossa formação cidadã, a fim de termos outro olhar sobre a nossa realidade e com relação à sociedade que vivemos e buscamos transformar. Por isso, me preocupa a proposta de Escola Sem Partido, uma escola onde os/as professores/as não possam incentivar os/as alunos/as a participarem de atos públicos, manifestações e passeatas ou, até mesmo, falar de assuntos que desperte a consciência crítica e reflexiva dos alunos/as, preparando-os para a vida em sociedade.

Durante a minha formação escolar, sempre estudei em escolas públicas, tive bons professores/as que compartilhavam conosco um pouco do seu engajamento social e político e traziam questões para serem discutidas na sala de aula, partindo da nossa

¹⁰ O Eco-ciente é um projeto de educação ambiental não-formal idealizado pelo Coletivo Formate para ser realizado na comunidade de Areinha – Viana, problematizarmos sobre os resíduos sólidos e formação de base comunitária.

realidade. Esses/as professores/as estavam comprometidos/as com a nossa formação cidadã e não apenas em formar mão-de-obra para o mercado de trabalho.

Lembro que os meus professores/as nos incentivavam a participar dos movimentos sociais. O exemplo deles/as associado ao que eu via em casa com os meus irmãos fizeram a diferença na minha vida. Agora estamos vivenciando esse abismo imposto pelo governo, onde a maioria dos/as professores/as estão sendo chamados de doutrinadores/as, sendo os/as alunos/as incentivados/as a coagirem os/as professores/as, porque o governo quer manter o controle sobre os nossos pensamentos.

Hoje a intenção do governo é acabar com as possibilidades de educação crítica, já que fortalecem modelos educativos, voltados para os interesses do mercado, que reforçam a formação de alunos/as alienados/as pelo sistema, pessoas que aceitam pacificamente as decisões governamentais, que não questionam e que sejam programados/as para obedecer, e não para contestar.

A tentativa de criminalização dos movimentos sociais também é uma forma de evitar a oposição. Querem nos silenciar, porque sabem que oferecemos resistência, criamos possibilidades, contribuimos com a formação crítica dos sujeitos. Esse governo prevê o incentivo aos cursos técnicos e investimento nas faculdades que pertencem ao setor privado, colaborando com a precarização do ensino, [pesquisa e extensão] nas universidades públicas, reforçando o trabalho alienante.

Eu tenho ficado desanimada com todo esse desserviço promovido por esse governo, que afetam a nossa vida pessoal, profissional, saúde mental e a convivência com as pessoas. Hoje conversar sobre política tem provocado desentendimentos e morte, como o que aconteceu com o mestre de capoeira na Bahia, devido a seu posicionamento político e ideológico. Estamos vivendo em um ambiente de tensão que é adoecedor.

Nessa última campanha eleitoral, fiquei envergonhada das propostas de governo do atual presidente. Além disso, ele junto de sua equipe conseguiu disseminar a ideia de que a oposição distribuiria nas escolas um “kit gay”, e me surpreendeu que

muitas pessoas acreditaram nisso, sem sequer questionarem a veracidade da informação.

A educação é a nossa maior possibilidade para formarmos cidadãos/ãs críticos/as, conscientes do contexto social em que vivemos, que sejam atuantes e participativos/as, que aprendam a lutar pelos nossos direitos, a fim de que as injustiças sociais não sejam respondidas com a violência e morte.

Diante de tantas notícias ruins sobre o nosso país, que são evidenciadas pela mídia, pensei em criarmos um jornal livre para noticiarmos boas ações que as pessoas fazem nos seus bairros. Precisamos continuar acreditando na construção de um país melhor, por mais que os tempos atuais sejam muito difíceis e desanimador. Acho que nós do Coletivo Formate poderíamos compartilhar as pequenas ações de cidadania.

Nas *escrevivências* da Menara, verificamos uma aproximação com a fala da autora Djamilia Ribeiro, quando o assunto é desigualdade salarial, “[...] mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos [...]” (RIBEIRO, 2019a, p. 39-40). Como reflexo do racismo, das relações patriarcais e da opressão histórica que foram submetidas, as mulheres negras estão às margens da sociedade, que tenta negá-las o ato de poder existir politicamente e de acessar determinados espaços e lugares.

Com relação ao mercado de trabalho, ao considerarmos os aspectos gênero e raça, observamos que o segmento feminino negro continua ocupando o maior percentual do trabalho doméstico e terceirizado. As mulheres negras são as mais atingidas pelo racismo e sexismo, pois ao tentarem por meio da educação alcançar a mobilidade social, elas tendem a ocupar as profissões com menores remunerações salariais (CARNEIRO, 2019). Conforme mostra a pesquisa:

[...] O fato de 48% das mulheres pretas e 30,5% das mulheres pardas estarem no serviço doméstico é sinal de que a expansão do mercado de trabalho para essas mulheres não significou ganhos significativos. E quando esta barreira social é rompida, ou seja, quando as mulheres negras conseguem investir em educação numa tentativa de mobilidade social elas

se dirigem para empregos com menores rendimentos e menos reconhecidos no mercado de trabalho (LIMA, 1995, p. 495).

A *escrevivência* da Menara traz à tona a importância dos/as estudantes vivenciarem nas escolas a educação como um ato político (FREIRE, 1989), sendo esta construída através dos diálogos, reflexões e problematizações que surgem na sala de aula, e “se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão” (FREIRE, 2017b, p. 32). Por esse motivo, a educação precisa contribuir com a descolonização do pensamento opressor que permeia as nossas relações sociais.

Observamos uma conexão entre os escritos freireanos e a narrativa da Menara, quando enfatiza que as mudanças propostas na educação, pelo atual presidente, têm o objetivo de formar pessoas que não ofereçam resistência à dominação e à opressão, promovidas pelo governo. Freire afirma que é na rebeldia provocada pelas injustiças sociais que nos (re) afirmamos e nos humanizamos no processo de transformação do mundo. Sendo assim:

É preciso, porém, que tenhamos na resistência que nos preserva vivos, na compreensão do futuro como problema e na vocação do Ser Mais como expressão da natureza humana em processo de estar sendo fundamentados para a nossa rebeldia e não para a nossa resignação em fase das ofensas que nos destroem o ser. Não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos reafirmamos (FREIRE, 2017b, p. 76).

Menara também denuncia as relações tóxicas produzidas nesse desgoverno e como dialogar sobre o cenário político brasileiro no contexto atual tem sido um desafio. Essa situação compartilhada por ela dialoga com o dossiê temático de Barchi (2019), que problematiza sobre os efeitos tóxicos da disputa de poder e sobre como a guerra de posicionamentos ideológicos tem gerado conflitos e tensões nos relacionamentos cotidianos, inviabilizando o diálogo entre as diferenças. Diante dessa realidade,

Tornou-se obrigatório reclamar da toxicidade. Tornou-se? Dos discursos, dos pensamentos, das ações, dos parasitismos e dos constantes horrores protagonizados pelas disputas pelo poder. Seja nas esferas micropolíticas, seja nas esferas macropolíticas. O efeito tóxico proporcionado pela guerra

de palavras nas universidades, nas escolas, nos bares, nas redes sociais, enfim, nos espaços públicos e privados, contamina, com saturação cada vez mais intensa, as esferas da vida cotidiana (BARCHI, 2019, p. 01).

Quanto às ecologias insubmissas da Menara, essas estão sendo praticadas desde o período em que cursava o ensino médio ao se inserir no grêmio estudantil, posteriormente com a participação e militância no Coletivo Formate, no qual realizamos as ações comunitárias ambientais. Além disso, ela participa de um dos conselhos de direito, compondo a comissão responsável pela elaboração do Plano Municipal de Educação Ambiental de Viana.

Já no final de janeiro de 2019, conversei com a Juliana (Ju), idealizadora do Cine Colorado. Ela organiza as formações cineclubistas de produções de vídeos e curso de fotografia nas oficinas realizadas pelo Coletivo Formate. Nosso encontro aconteceu em um shopping. Apesar de não ser um lugar que frequento, nesse dia, devido à temperatura elevada, fomos para lá, a fim de utilizar uma das salas disponíveis para trabalho e de uso compartilhado.

Fotografia 27 – Juliana ministrando uma oficina de vídeo



Fonte: Juliana Gama.

Insubmissa 3: O aprendizado vem das pequenas experiências da vida

Juliana Gama

“O pior não é não conseguir, é desistir de lutar”.

(VANESSA DA MATA)

Durante a minha infância, costumava participar da Igreja Católica, principalmente dos encontros das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)¹¹, que tinha um trabalho muito interessante de formação política e cidadã. As campanhas da fraternidade e os ciclos bíblicos abordavam temas relacionados às desigualdades sociais, movimentos sociais e meio ambiente. Nessa época, minha mãe participava ativamente desses movimentos e também da pastoral da criança e dos projetos sociais da igreja.

Na década de 80 e 90, a igreja era muito atuante como instrumento de base de formação política, crítica e cidadã, conversávamos a respeito da necessidade de reforma agrária, exploração do/a trabalhador/a e população em situação de rua. É triste pensarmos que hoje, muitas igrejas ajudaram a eleger um presidente reacionário, e que se restringem aos dogmas religiosos, deixando de lado o compromisso com a luta social. Em minha opinião, não há sentido falar de religião desassociada da formação política, humana e que luta pela vida.

No período em que cursei o ensino fundamental, eu não me recordo de ter sido abordado nas aulas sobre os movimentos sociais, somente quando iniciei o ensino médio que escutei falar de forma superficial dos movimentos estudantis. Embora as escolas sejam um dos principais espaços para a formação cidadã, verificamos que os espaços de educação não formais contribuem de fato com a emancipação social.

A minha história com a militância começou através das ações cineclubistas, mais precisamente no Cine Colorado¹², que surgiu com o intuito de realizar exposições de

¹¹ As Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), é um movimento da igreja católica, que teve início juntamente com a Teologia da Libertação, onde as comunidades que vivenciam uma mesma realidade social se uniam com a finalidade de que a fé fosse transformada em ação social.

¹² O Cineclubes Colorado é um espaço cujo objetivo é reunir pessoas para vê e debater os filmes. O colorado promove a democratização da cultura cinematográfica por meio de exposições de filmes

filmes em Cariacica. Foi a partir do cineclubismo que retomei o contato com a participação e debates de temas relacionados ao contexto social.

Particpei também dos encontros locais e nacionais de formação cineclubista, movimento de organização dos cineclubes capixabas e da criação da filмотeca capixaba. Ambos projetos decorrentes de editais de cultura. Com o Cine Colorado, desenvolvemos a mostra Curta Colorado, evento de exibição de produções capixabas, assim como oficinas de produção audiovisual e cineclubista.

Em 2010 e 2011, conheci um dos projetos realizados pelo Coletivo Formate que era o CineVia Rodando Cultura¹³. Posteriormente, comecei a frequentar o cineclubes que ocorria na Estação Ferroviária de Viana Sede. Fui construindo uma relação de afinidade com os/as integrantes desse grupo, me identifiquei com as práticas ambientais e atualmente faço parte da diretoria desse Coletivo.

Nós mulheres precisamos continuar sendo multiplicadoras sociais, convidar outras mulheres para ocuparem os espaços que antes eram apenas dos homens e temos a difícil tarefa de mudar essa sociedade machista em que vivemos. Apesar de a participação feminina ter crescido nos diferentes movimentos sociais, onde temos conquistado o direito as vozes, por meio da nossa participação, ainda precisamos ocupar de forma mais expressiva a esfera política, dando ênfase à participação das mulheres negras.

Sou formada em jornalismo, e optei por este curso, pela oportunidade que tive em conseguir uma bolsa de estudos. Anteriormente eu cursava o técnico em rádio e TV. Por isso, me identifico com a linguagem audiovisual, inclusive utilizo como instrumento para me comunicar de forma crítica, pois deixo transparecer através da produção de vídeos, videoclipes, documentários e da elaboração do roteiro, a minha visão de mundo e observo o quanto o diálogo e a escuta são essenciais.

independentes, que estão fora do circuito comercial de cinemas, e obras produzidas por realizadores capixabas.

¹³ Cineclubes realizado na antiga Estação Ferroviária de Viana Sede, com frequência semanal e com as exibições de filmes nacionais.

O Coletivo Formate, para mim, é um espaço de constante aprendizagem, eu aprendo e troco experiências com todos/as, porque as nossas reuniões e encontros são muito reflexivos. Estou me preparando para atuar como multiplicadora desses saberes que compartilhamos, apesar de me considerar um pouco tímida. Mas, vejo como é de grande importância as oficinas e demais trabalhos que realizamos na área da educação ambiental.

No decorrer da minha participação no Coletivo Formate, já colaborei na construção da Ecoteca, tanto na parte dos trabalhos manuais, quanto nos registros fotográficos e audiovisuais das atividades. Também tenho contribuído com as tarefas administrativas do grupo, atuo comoicineira na área de produção de vídeos e auxílio na elaboração de projetos pedagógicos ambientais.

Diante dos desafios que surgem como reflexo do cenário político, uma das formas que temos, enquanto movimentos sociais, de nos fortalecermos é construir possibilidades em conjunto. Não basta criticarmos e mostrarmos o nosso descontentamento apenas nas redes sociais, precisamos ocupar as ruas e praças, participar das manifestações e de outros espaços de mobilização e organização social.

Tenho observado que os espaços de socialização, por quase não serem acessados, estão sendo reduzidos, e tem sido um desafio mobilizarmos as pessoas para saírem de casa, se encontrar para debater assuntos de relevância social a fim de evitarmos os enganos disseminados pelas Fake News, que se tornaram aliadas do pensamento conservador de direita e das práticas reacionárias.

As mentiras veiculadas pelos meios de comunicação de massa e nas redes sociais explicam o motivo de tantas pessoas estarem defendendo porte de arma, redução da maioria penal, homofobia, racismo, submissão feminina, escola sem partido e a criminalização dos movimentos sociais. Isso me fez refletir o tipo de sociedade que estamos ajudando a construir.

No que diz respeito às ecologias insubmissas realizadas pela Juliana, estas começaram com a sua participação nos encontros das Comunidades Eclesiais de

Base, engajamento nos cineclubes, tendo sido uma das idealizadoras do Cine Colorado. Atualmente a Ju é militante do Coletivo Formate, organiza as formações cineclubistas de produções de vídeos e curso de fotografia nas oficinas realizadas pelo nosso grupo.

A escrevivência da Juliana nos possibilitou refletir que, embora nos últimos anos a representatividade feminina nos movimentos sociais vianense tenha crescido, ainda temos uma forte influência das relações patriarcais nesses espaços sociais. Por esse motivo, narra-se enquanto a arte de viver a escrita de si é um ato de coragem, autonomia e emancipação feminina, na busca pela libertação do patriarcado. “[...] escrever-se é, portanto, um modo de transformar o vivido em experiência, marcando sua própria temporalidade e afirmando a sua diferença na atualidade” (RAGO, 2013, p. 56), sendo este reconhecimento um ato político.

Esse pensamento vai ao encontro da autora Djamila Ribeiro (2019a), ao enfatizar que historicamente as mulheres foram sendo definidas pelo olhar e discurso masculino. É como se a nossa existência tivesse sentido a partir do valor social dado pelos homens ou em comparação a eles. Por esse motivo, entendemos “a linguagem como mecanismo de manutenção de poder [...]” (RIBEIRO, 2019a, p. 14), e produzir outros discursos e *escrevivências* visa reconhecer as mulheres como “sujeitos políticos”, “sujeitos em si”, de modo que seus saberes, em especial os das mulheres negras, não sejam considerados menores se comparados aos conhecimentos produzidos pelos homens.

Com relação às fake news, citada pela Juliana como aliadas dos governos de extrema direita, a autora bell hooks (2013) menciona que o conhecimento forjado pela história reafirma a dominação patriarcal com o objetivo de manter as relações de poder, o que dificulta vivenciarmos uma revolução de valores, porque a cultura do colonizador reforça os vícios da mentira e negação, que buscam deslegitimar os grupos sociais oprimidos.

Quando o consumo cultural coletivo da desinformação e o apego à desinformação se aliam às camadas e mais camadas de mentiras que as pessoas contam em sua vida cotidiana, nossa capacidade de enfrentar a realidade diminui severamente, assim como nossa vontade de intervir e mudar as circunstâncias de injustiça (hooks, 2013, p. 45).

Destacamos que aparece na escrivência da Juliana o fato de que nós mulheres quase não ocupamos cargos políticos, principalmente as mulheres negras. Sobre esse assunto, a autora Sueli Carneiro (2019) relata que pensar na superação da pouca representatividade feminina negra, ocupando os cargos políticos e de chefia, é desafiador, porque a exclusão social, o sexismo e o racismo institucional, presentes nas instituições públicas e particulares, tendem a naturalizar, privilegiar e reproduzir as desigualdades raciais.

Dessa forma, habituamo-nos a ver as mulheres negras ocupando os lugares de subalternidade na sociedade e, raramente, associamos as suas imagens exercendo cargos políticos e de chefia. Pensando na promoção da igualdade racial e na ocupação das instâncias de decisões e poder pelas mulheres negras, a autora Sueli Carneiro (2019) evidencia que

[...] urge garantir financiamento público para as campanhas eleitorais feministas com recortes de raça. Urge garantir financiamento das candidaturas feministas nos partidos políticos e também levar em consideração a proporção das cotas estimuladas em leis, de modo a assegurar o acesso das mulheres às instâncias públicas. Assegurar, também, que sejam previstos recursos para a capacitação e formação política das mulheres. Radicalizar a democracia participativa fortalecendo os movimentos organizados da sociedade civil e ampliando a participação das 'mulheres no comando e decisão política de movimentos e partidos (CARNEIRO, 2019, p. 285-286).

Através da sua leitura de mundo, a escritora Carolina Maria de Jesus narrou que “o Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome. A fome também é professora” (JESUS, C., 2014, p. 29), mas, infelizmente neste país, os cargos políticos são ocupados pela elite, que não entende a dor, o sofrimento e as necessidades da população empobrecida. Por isso, devemos retomar o compromisso com as formações de base.

No início de fevereiro de 2019, realizei uma visita a militante Maria da Penha (Mariazinha), que mora em um sítio muito aconchegante no bairro Jucu, onde passamos uma tarde agradável conversando sobre movimentos sociais, ela me mostrou os seus artesanatos e olhamos álbum de família. Estivemos na sede do

grupo Artesanarte, onde conheci um pouco dos projetos que estão sendo realizados e fiquei impressionada com o trabalho delas. Ressaltamos que o grupo Artesanarte é um dos poucos movimentos sociais de Viana que possui sede. As mulheres que participam desse grupo geram renda com os artesanatos reciclados, reutilizados e customizados.

Fotografia 28 - Maria da Penha Lourenço



Fonte: Maria da Penha Loureiro.

Insubmissa 4: “Ser sendo” sujeito no coletivo e na relação com o mundo

Maria da Penha Lourenço

“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados
insanos por aqueles que não podiam escutar a música.”
(FRIEDRICH NIETZSCHE)

Na sociedade em que vivemos hoje, participar de movimentos sociais, ser mulher e estar engajada com o social, se sensibilizar e gostar de fazer a diferença na vida das pessoas, parece loucura. Para a maioria, que não ouve essa música, que não tem relação com os espaços de construção coletiva que frequentamos e que ainda não vivenciaram essas experiências, somos considerados/as loucos/as.

É comum as pessoas me perguntarem o que eu ganho participando desses movimentos sociais, acham que é perda de tempo, que isso não vai mudar a nossa realidade, querem mensurar em valor financeiro o que tem relação com a minha vida e visão de mundo. Reunir um grupo, discutir sobre as situações que nos aflige e buscar alternativas é algo que já faz parte de mim.

Minha mãe participava ativamente das atividades desenvolvidas pela Igreja Católica, que buscava transformar a realidade social através das Comunidades Eclesiais de Base. Nós morávamos na área rural e mesmo trabalhando na lavoura, minha mãe costurava, bordava, educava os/as filhos/as e realizava as atividades domésticas. Eu cresci vendo ela envolvida com o social. Ainda criança comecei a costurar as roupinhas das minhas bonecas, logo me interessei pelo bordado e hoje sou artesã.

Aos 14 anos, fui estudar no Colégio Ruy Barbosa, localizado em São Paulo. Nessa época, fui escolhida como representante da turma, pois me identificava com os espaços de organização social. Eu sempre fui muito questionadora, isso herdei da minha mãe. Depois dessa experiência não parei mais.

Eu já trabalhei como doméstica, cuidadora de crianças, idosos e pessoas com deficiência. Quando me casei, vim morar no Bairro Jucu – Viana. Logo me engajei nos Movimentos Sociais da nossa cidade, participei da Femopovi, ajudei a fundar a

Associação de Moradores da nossa comunidade, junto com alguns colegas que já militavam pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Já tive a oportunidade de trabalhar comoicineira de artesanato no Complexo Penitenciário de Viana, Comunidade Quilombola de Araçatiba, nos Bairros Piapitangui, Canaã e Areinha, nos CRAS de Viana Sede, Marcílio de Noronha e Vale do Sol, inclusive organizando peças de teatro com os/as idosos/as.

Através da experiência no presídio, aprendi a ser mais perseverante, foi um período intenso de troca de técnicas de bordado. Quando fui trabalhar nesse lugar, já imaginava que primeiro teria que aprender com o outro para depois ensinar, compreender quem é esse outro, qual o seu contexto de vida, se quisesse fazer um trabalho diferente que pudesse contribuir de alguma forma com a vida daqueles homens.

Já trabalhei comoicineira de artesanato dando aula para pessoas com transtorno mental. No início é comum, eles/as ficam receosos/as com a nossa chegada, mas com carinho, compreensão e respeito, muitas vezes, conseguimos realizar um bom trabalho. A pessoa com deficiência tem limitações, isso não quer dizer que sejam incapazes de apreender, já que as habilidades são desenvolvidas ao longo da vida. Durante as aulas, fui surpreendida com peças artesanais muito criativas. Nós precisamos enxergá-los/as para além da “loucura”, ver o potencial humano.

No momento, estou atuando como militante na área artesanal, porque me identifico com esse trabalho e gosto muito de ensinar e principalmente de aprender. Hoje me sinto feliz por ter contribuído com o surgimento do Projeto Artesanarte, que é desenvolvido em parceria com a Prefeitura Municipal de Viana.

Além disso, auxiliamos no surgimento de alguns grupos de artesanatos, a partir daí, conseguimos formar um grupo para discutir a Inclusão Produtiva¹⁴ fruto de uma

¹⁴ De acordo com o Ministério da Cidadania (2015, n.p.), “a inclusão produtiva urbana articula ações e programas que favorecem a inserção no mundo do trabalho por meio do emprego formal, do empreendedorismo ou da Economia Solidária. Reúne iniciativas de apoio a microempreendedores e a cooperativas de economia solidária [...]”.

articulação promovida pela Jane Coutinho e Maria Peixoto, que nos levaram para participar do Fórum de Economia Popular Solidária do Espírito Santo (FEPS-ES)¹⁵.

O nosso grupo de artesanato desenvolve a proposta de inclusão produtiva associada à economia solidária¹⁶, que eu particularmente amo, porque tenho a oportunidade de gerar renda, sendo esta dividida igualmente entre nós. Isso demanda novos valores sociais e culturais, visto que envolve uma mudança no modo de produzir, comercializar e consumir os produtos.

Na economia solidária, nós compartilhamos o lanche, histórias de vida, trocamos experiências profissionais e os materiais de trabalho, não existe o meu, existe o nosso. No nosso grupo de artesanato, temos como proposta de trabalho o reaproveitamento de materiais, customização, formação do sujeito e alternativa econômica. O nosso artesanato é confeccionado a partir de uma história e seu significado. O cartão de apresentação desse grupo tem como símbolo um dos maiores patrimônios culturais do nosso município, a igreja de Nossa Senhora da Ajuda.

Durante os anos, em que participo do grupo Artesanarte, posso dizer que a chegada da Penha e da Marlene foi algo grandioso, ambas vieram aprender artesanato por recomendação médica, pois estavam realizando o tratamento de câncer. Por isso, o médico as orientou que estivesse participando de algum grupo, como forma de ajudá-las a superar essa fase da quimioterapia. Nas nossas conversas, elas mencionam que o grupo as salvou da depressão, baixa imunidade e lhes devolveu a alegria de viver. Os problemas são superados, pois as soluções e as curas surgem desses nossos encontros.

¹⁵ O Fórum de Economia Popular Solidária do Espírito Santo (FEPS-ES) foi criado em 2001, com a finalidade de proporcionar um espaço de troca de experiência e ajuda mútua e organizar e executar ações para o fortalecimento da economia solidária no Estado, tendo em vista o desenvolvimento sustentável e propor políticas públicas adequadas, formuladas e reivindicadas pelo conjunto de atores envolvidos neste processo.

¹⁶ Em entrevista Paul Singer definiu a economia solidária “como um modo de produção que se caracteriza pela igualdade. Pela igualdade de direitos, os meios de produção são de posse coletiva dos que trabalham com eles – essa é a característica central. E a autogestão, ou seja, os empreendimentos de economia solidária são geridos pelos próprios trabalhadores coletivamente de forma inteiramente democrática [...]” (OLIVEIRA, 2008, p. 289).

Na economia solidária existe espaço para todos/as, como: desempregados/as, mulheres, negros/as, indígenas, homossexuais, pessoas com deficiência, idosos/as, aqui nós não excluimos pessoas, pelo contrário, nós as aceitamos e acolhemos. Trata-se de uma formação onde cada um aprende a viver bem consigo e com o/a outro/a, compartilhar e dar as mãos aos que consideramos diferente, todos/as nós podemos contribuir com a formação de uma outra sociedade.

O que aprendemos na economia solidária, nós colocamos em prática na nossa vida e comunidade. Esse trabalho agrega um valor social muito maior do que qualquer valor financeiro. Por causa disso, o artesanato possibilita mudança de vida, arte e renda. Somos multiplicadores dessa ideia.

O ano de 2019 começou muito difícil. Esse presidente tem destruído as nossas conquistas sociais, desrespeitando a demarcação das terras indígenas e quilombolas¹⁷ e se mostrando favorável à bancada ruralista, ao agronegócio, querendo promover reformas trabalhistas, tudo isso mostra que precisaremos ser ainda mais resistentes.

Estou impressionada com esse novo crime ambiental, que foi o rompimento da Barragem de Brumadinho¹⁸ (Minas Gerais), semelhante ao que aconteceu na cidade de Mariana (MG), essa situação mostra o descaso e a falta de fiscalização do Estado, no cumprimento das leis ambientais.

Infelizmente temos assistido essas “tragédias anunciadas”, porque o governo pouco se preocupa com as comunidades que serão impactadas com as barragens de minério. Não se discute com os moradores/as dessas localidades os riscos que

¹⁷ No dia 02/01/2019, foi aprovada a Medida Provisória 870/2019 e o Decreto 9.667/2019 que transfere a competência da demarcação de terras indígenas e Quilombolas para o Ministério da Agricultura.

¹⁸ “Desastre” ocorrido no dia 25/01/2019, devido ao rompimento de uma barragem de mineração da Vale S/A, localizada na Cidade de Brumadinho – Minas Gerais. Essa suposta “tragédia”, que é na verdade um crime ambiental, provocou a morte de mais de 200 pessoas, fora as que estão desaparecidas. Soma-se a isso, os prejuízos ambientais causados na região e o aparecimento de doenças infectocontagiosas e parasitárias

eles/as correm por estarem próximo às barragens, já que prevalece sempre o interesse econômico.

Tenho pensado muito na continuação dos movimentos sociais, na falta da formação de base, que reflete na falta de consciência política, na não ocupação dos espaços de construção coletiva. E ao deixarmos de participar das manifestações e dos espaços de controle social, passamos a não reivindicar melhores condições de vida para nós que fazemos parte da população empobrecida.

Nós mulheres somos fortes por natureza, somos resistentes, alternativas, sempre se reinventando, trabalhamos fora, em casa, cuidamos dos/as filhos/as e aos finais de semana fazemos salgadinhos, bolos e outros quitutes para vender e complementar o orçamento familiar, sem perder a alegria de que dias melhores virão, por isso seguiremos resistindo.

Observamos que as ecologias insubmissas da Mariazinha foram tecidas na convivência com a mãe que era costureira e participante das Comunidades Eclesiais de Base. Além disso, se fortaleceram na adolescência quando se tornou representante da turma na escola onde estudava e quando, ao mudar para Viana, se inseriu na Femopovi e no movimento comunitário de Jucu.

Soma-se a isso, o fato dela ter participado da organização do grupo Artesanarte e estar como militante da economia solidária e inclusão produtiva em nosso município. Ela encontrou no artesanato uma alternativa para intervir no mundo com práticas pedagógicas descolonizadas, que contribuem com outros modos de ser, agir e sentir a nossa existência no mundo.

Pensando nesse grupo de artesanato como espaço de criação, recriação e decisão, podemos refletir que as mulheres inseridas no Artesanarte não assumem uma posição de acomodação, adaptação ou passividade diante do mundo, mas buscam humanizar a realidade em que vivem, colaborando com a sua própria libertação. Freire enfatiza que

A partir das relações do homem [e da mulher] com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura (FREIRE, 1980, p. 43).

Através das práticas comunitárias, a Mariazinha evidencia a possibilidade de se corporificar as palavras pelo exemplo (FREIRE, 2017a) ao reduzir a distância entre o que é narrado e vivido. Dessa forma, ela busca dar outros sentidos sociais a sua existência, contextualizando-a com o momento histórico vivenciado.

Na *escrevivência* da Mariazinha, percebemos o quanto ela se identifica com a confecção do artesanato e como é comprometida em ensinar e aprender, porque entende essa relação como algo inerente ao processo de aprendizagem, tendo como objetivo a produção de outros saberes e leituras de mundo. Além disso, a sua narrativa se assemelha com a citação de um trecho do livro *Pedagogia da Autonomia* (2017a), que diz:

Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que nos conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém (FREIRE, 2017a, p. 25).

Outra situação que emerge da *escrevivência* da Mariazinha é a preocupação dela com a falta de formação de base que influencia a ocupação dos espaços de representatividade social, visto que reconhece que os direitos sociais são frutos da resistência, participação e envolvimento popular. Ela também dialoga sobre a importância de fortalecermos “[...] uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política [...]” (FREIRE, 1980, p. 12), que contribua com a nossa humanização para vivermos em outra sociedade.

No mês de fevereiro de 2019, foi realizado o almoço beneficente da Femopovi. Aproveitei a ocasião para conversar com a Josiana (Josi), militante do Coletivo Formate, que narrou um pouco de como o seu engajamento social acabou a conduzindo para a educação ambiental, podendo vivenciá-la no seu ambiente de trabalho e espaço de militância.

Fotografia 29 – Josi na oficina de pipa da Ecoteca



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

Insubmissa 5: Revolução é uma palavra feminina

Josiana Gallina

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

(EDUARDO GALEANO)

Meu nome é Josiana Gallina, sou formada em música e trabalho na Secretaria Municipal de Viana. Eu comecei a participar dos movimentos sociais por influência de três pessoas da minha família, meu pai, minha mãe e irmã mais velha. Quando eu era criança, meu pai trabalhava em uma empresa, e nessa época, ele teve contato com o movimento sindicalista, participou da Associação de Moradores de Viana Sede¹⁹, sempre de forma muito atuante.

Já a minha mãe, muito religiosa, participava da igreja católica, se envolvia de fato com as campanhas da fraternidade, tendo esse olhar mais aguçado para os problemas sociais. E minha irmã fazia parte das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação²⁰. Ela me levava para esses encontros dos movimentos político ideológico a favor das massas. Eu fui muito influenciada por ela, que me emprestava livros que despertavam no/a leitor/a o interesse de transformar a realidade local e que faziam fortes críticas ao contexto social, político e econômico vigente.

Desde então, passei a me interessar pelos movimentos sociais e pelas pessoas, principalmente aquelas em situação de empobrecimento. Durante o meu percurso

¹⁹ Trata-se do movimento comunitário local, em que os membros do bairro escolhem por meio de votação a diretoria que será responsável pela articulação, junto ao poder público, das reivindicações visando às melhorias para a comunidade.

²⁰ A Teologia da Libertação surgiu na Igreja Católica, mais precisamente na América Latina. No Brasil, esse movimento ganhou força a partir da década de 60, devido ao contexto social, político e econômica provocada pelo Regime Militar. Nessa época, muitos líderes religiosos faziam severas críticas às desigualdades sociais e convidavam os membros da igreja a se unirem para combater as mazelas provocadas pelo Regime Militar. Havia o incentivo à formação de base crítica dos membros desta igreja.

de vida, não aprendi a me conformar com as injustiças sociais e a aceitar pacificamente o que nos é imposto pela lógica dominante.

Quando trabalhei como professora, isso me possibilitou uma atuação mais direta com os/as alunos/as. Eu não era somente a educadora, eles/as me procuravam para conversarmos sobre situações pessoais. Quantas vezes, na sala de aula, surgiam assuntos relacionados ao dia a dia. E como quase todos/as assumiam uma postura conformista, diante do contexto social, político e financeiro, eu fazia uma análise de conjuntura com eles/as.

Na escola, refletíamos sobre a importância de oferecermos resistência, buscar alternativas, a fim de transformar a nossa realidade que é passiva de mudança, mas, para isso, precisamos acreditar e fortalecer os espaços de luta e construção coletiva.

Eu cheguei a participar da associação de moradores do meu bairro, mas como esse espaço estava sendo utilizado por algumas pessoas a fim de terem visibilidade para uma projeção política, que tinham o interesse de se candidatarem, optei em não mais continuar, já que o grupo não estava disposto a caminhar de forma mais democrática e participativa.

Hoje estou concursada pela Prefeitura Municipal de Viana, embora esteja como coordenadora das bandas, devido a minha formação na área de música, tenho atuado mais especificamente na educação ambiental, organizando a formação de professores/as. Eu me identifico muito com essa atividade, que está relacionada com a minha visão de mundo. Durante as formações, tenho observado que vários/as educadores/as possuem uma visão restrita de meio ambiente. É muito comum ficarmos conversando com eles/as após o término dos encontros, porque querem compartilhar as experiências pessoais adquiridas a partir do processo de formação na área da educação ambiental.

Nesses próximos quatro anos, teremos que ser mais resistentes do que nunca, já que indiretamente “ajudamos” a eleger um presidente reacionário, que no primeiro dia do mandato retirou a demarcação de terras indígenas e quilombolas, demonstrando estar a serviço da bancada ruralista, a favor do agronegócio, do

desmatamento, e que permite o uso de forma indiscriminada de agrotóxicos²¹. Sem falar no fato do Ministro do Meio Ambiente ter desrespeitado a memória de Chico Mendes²², alegando desconhecimento sobre a importância dele na luta social e ambiental.

Acredito que a educação ambiental pensada, proposta e dialogada de forma política enfrentará grandes desafios, porque os/as governantes/as reacionários/as e conservadores/as não se preocupam com o meio ambiente. E como fortalecem o sistema capitalista, a lógica é esgotar tudo, pois se trata de um sistema econômico predatório, inclusive de pessoas.

Atualmente, temos vivenciado grandes retrocessos em relação aos direitos sociais e ambientais, e o Chefe do Executivo Nacional disse que as legislações ambientais prejudicam o desenvolvimento econômico do país. Pouco tempo depois, acontece o crime em Brumadinho que somado ao que aconteceu na cidade de Mariana são crimes cometidos visando ao acúmulo infinito de capital.

Além disso, centenas de rios estão sendo mortos, inclusive o rio Formate, que deu origem ao Coletivo Formate, e a nossa luta ambiental e social, nasce atrelada a esse rio e temos assistido tudo isso acontecer de forma pacífica. Precisamos ocupar novamente as ruas como forma de protesto e resistência.

Nos governos progressistas, um dos grandes erros cometidos pela maioria dos movimentos sociais foi deixar de ser atuante, de dar continuidade a militância de forma efervescente²³ e de investir na formação de base. Isso enfraqueceu e

²¹ Em 2019, a poderosa bancada ruralista brasileira, financiada pelo agronegócio, conseguiu conquistar um recorde histórico de aprovações de agrotóxico, com 475 novos produtos sendo liberados pelo governo Bolsonaro.

²² Em entrevista realizada no dia 12/02/2019, o Ministro do Meio Ambiente, quando questionado pelos jornalistas sobre qual seria sua opinião sobre Chico, Ricardo Salles disse que “não conhece Chico Mendes”. Depois falou que o “pessoal do agro diz que Chico Mendes manipulava seringueiro para se beneficiar”. Neste momento, foi interrompido por um jornalista: “Beneficiar com o quê? Ele morreu pobre”. Salles respondeu: “Chico Mendes é irrelevante. Que diferença faz quem é o Chico Mendes nesse momento?”

²³ Muitos(as) colegas, pouco antes e principalmente durante o primeiro governo Lula, deixaram de lado as relações que sustentam o ideário político ecologistas de solidariedade, colaboração e perspectiva de construção de uma sociedade mais justa, sustentável e pacífica pelo pragmatismo do poder passageiro e pelos benefícios do capital simbólico oferecido pelo aparelho do Estado, dos

desarticulou muito o nosso processo de luta, e desde então, estamos perdendo os direitos sociais e políticas públicas. Uma das alternativas que eu vejo é a educação ambiental, sendo praticada para além das nossas relações de consumo.

O que temos visto acontecer hoje, no nosso país, é resultado da nossa falta de trabalho de base, que os sindicatos, igrejas católicas e outros movimentos sociais realizavam. A educação ambiental que almejamos é a de formação política, que questione toda a estrutura social que está posta e problematize acerca das questões de gênero, da situação dos refugiados, do feminicídio, da luta feminista, da importância das políticas afirmativas, da desigualdade social, do racismo, da valorização da cultura indígena e quilombola. Por isso, qualquer governo que tenha o interesse de favorecer a população empobrecida e fazer a diferença no meio ambiente deveria investir na educação ambiental.

A educação ambiental pensada de forma política e ampla, envolvendo tudo, inclusive questões que achamos que não têm conexão com a educação ambiental, nos possibilita compreendê-la melhor. É importante que esse movimento de mudança seja pensado e organizado de baixo para cima. Além disso, a economia criativa e a economia solidária são formas de fortalecermos os laços de solidariedades locais, agregando às pessoas, mostrando na prática, alternativas, também na área econômica.

A minha participação de fato em um grupo só ocorreu quando conheci o Coletivo Formate. Anteriormente, eu organizava ações de forma solitária, mas sempre voltadas para o social, o ambiental e a causa feminista. Esses assuntos me afetam enquanto cidadã, por isso, tenho buscado estudar e pensar alternativas que estejam relacionadas a essas questões.

Em 2011, eu conheci o Coletivo Formate por acaso, fui convidada para trabalhar na Secretaria de Cultura de Viana, para ministrar uma oficina de produção audiovisual. O Coletivo estava se constituindo enquanto grupo, experimentando uma fase bem

revolucionária. Esse grupo me chamou muito atenção pelo engajamento e potencial humano. Somente em 2013, eu de fato me tornei membro do Coletivo Formate.

Desde então, começamos a escrever projetos na área cineclubista, pensamos na institucionalização do Coletivo Formate, desenvolvemos ações na área da cultura, por quase não dispormos de atividades voltadas para os/as jovens vianenses. Quando em funcionamento no espaço da antiga Estação Ferroviária de Viana²⁴, o CineVia Rodando Cultura proporcionou um espaço de troca entre os artistas da cidade, articulação com outros movimentos mais jovens, sendo um espaço de vivência e convivência da juventude. Além disso, recebemos visitas de jovens de outros municípios. Nós transformamos um lugar que estava abandonado em um ponto de cultura e interação jovem.

Surgiram também o Cine Terra Mãe²⁵ e o Cine Santa Clara²⁶, cujas sessões estavam ligadas à temática ambiental, até por estarem localizados na área rural de Viana. Outro trabalho muito legal que realizamos foi a Ecoteca, por ser um projeto de incentivo à leitura, associado à educação ambiental, onde utilizamos como recursos pedagógicos as oficinas e as sessões cineclubistas. As crianças e adolescentes nos ensinaram muito.

Participar dos movimentos sociais é um trabalho árduo, cansativo, que está na contramão da história, porque visa ao bem-estar coletivo. Temos pessoas que dedicam grande parte da sua existência a estes espaços e que, na maioria das vezes, não são reconhecidas e valorizadas, mas que mesmo assim não desistem. Os nossos direitos foram garantidos por meio de luta, suor e sangue de pessoas que morreram por amor à causa.

Para mudar a realidade que temos hoje, é fundamental fortalecermos outras propostas educacionais que possibilitem pensar no bem comum, ao buscar a

²⁴ Trata-se de um patrimônio cultural local, que está desativado e era um ponto de encontro utilizado pelos membros do Coletivo Formate para realização do CineVia Rodando Cultura.

²⁵ Cineclube realizado no sítio Terra Mãe, que está localizado na área rural da comunidade de Piapitangui. As exibições eram realizadas com foco nas temáticas ambientais e direcionadas aos pequenos agricultores.

²⁶ Cineclube realizado no Assentamento Santa Clara, que está situado na área rural Vianense. As exibições eram mais voltadas para as crianças e adolescentes, por isso, recorriamos às animações, que dialogassem com a realidade local e com a temática ambiental.

preservação da vida, qualidade das relações sociais, formação cidadã crítica e ter um olhar mais sensibilizado em relação aos demais seres vivos. A educação formal deveria nos tornar pessoas melhores, ou do contrário, não haveria necessidade de passarmos tanto tempo na escola, se não for para transformarmos a realidade social.

Apesar de estamos no evento dos movimentos sociais, quem são as pessoas que falam? Que cantam? Sobre o que cantam? Isso é reflexo do que acontece no nosso município, quem geralmente ocupa os cargos de gestão são os homens. Hoje, mais do que nunca, precisamos retomar as formações de base, a fim de termos pessoas para continuarem esses movimentos de resistências, que não se conformem com as injustiças sociais, raciais, ambientais e que busquem o diálogo e a não violência como estilo de vida.

A *escrevivência* da Josi busca subverter as representações hegemônicas impostas pelo patriarcado e também denuncia, por meio de sua narrativa, situações cotidianas em que o poder de decisão é dos homens. Isso acontece também nos movimentos sociais em que estamos inseridas, já que as lideranças são majoritariamente masculinas.

Apesar dos movimentos sociais em Viana serem espaços de participação, emancipação, organização social e política dos grupos oprimidos, ainda assim, nos deparamos com as relações de dominação e de opressão patriarcal, que são frutos desse legado histórico-cultural colonizador que marca as convivências sociais. Por isso, a Josi destaca a importância de problematizarmos a relação de gênero e raça, a fim de não reproduzirmos, aceitarmos e naturalizarmos as relações de dominação masculina.

A Josi narrou que ela não foi educada para aceitar de forma pacífica as relações de dominação. Essa parte da sua *escrevivência* interage com a reflexão da autora bell hooks (2013), quando esta menciona que vivemos em uma cultura de dominação e que precisamos adquirir outros valores e hábitos sociais que demonstrem o nosso compromisso em educar para a liberdade.

Nos ensinam a crer que a dominação é “natural”, que os fortes e poderosos têm o direito de governar os fracos e impotentes. O que me espanta é que, embora tanta gente afirme rejeitar esses valores, nossa rejeição coletiva está longe de ser completa, visto que eles ainda prevalecem em nossa vida cotidiana (hooks, 2013, p. 43).

Percebemos também na *escrevivência* da Josi o quanto é fundamental os encontros de formação com os/as professores/as em educação ambiental, sendo pensada e praticada como educação política, integrando o conhecimento produzido nas escolas à realidade dos/as alunos/as, tendo em vista contribuir com a participação, intervenção e mudança de comportamento dos/as estudantes e educadores/as.

A educação ambiental escolar deve enfatizar o estudo do meio ambiente onde vive o aluno e a aluna, procurando levantar os principais problemas cotidianos, as contribuições da ciência, da arte, dos saberes populares, enfim, os conhecimentos e as possibilidades concretas para a solução deles (REIGOTA, 2012, p. 46).

Quanto às ecologias insubmissas da Josi, essas são resultado da convivência familiar, comunidades eclesiais de base, contato com autores/as que problematizam a realidade de forma crítica e inserção na militância no Coletivo Formate. Destacamos que a sua consciência coletiva, engajamento e participação social também foram construídos por meio das suas práticas pedagógicas cotidianas e das re-existências comunitárias, porque compreendemos que o processo de aprendizagem precisa ser vivenciado, ressignificado e compartilhado.

Ressaltamos ainda que a Josi dialoga acerca das problemáticas ecológicas que emergem do cenário nacional, dando ênfase ao rompimento da barragem de minério de Brumadinho. Ela participa de espaços que discutem sobre a despoluição do rio Formate e realiza o monitoramento das águas dos rios Formate em Viana e Biriricas em Domingos Martins.

Já no final de fevereiro de 2019, estive na casa da Lindamares (Linda) que, apesar da pouca idade, é muito engajada e possui um histórico de participação em diversos movimentos sociais, sendo um deles o Coletivo Formate. Conversamos sobre os desafios de sermos veganas, rimos bastante ao relembramos algumas situações vividas no Coletivo Formate, nos tempos em que comíamos pão com mortadela e andávamos de Kombi sem banco para participarmos dos atos públicos.

Fotografia 30 – Linda na Conferência Municipal de Juventude



Fonte: arquivo do Coletivo Formate.

Insubmissa 6: Revolucionar sem perder a ternura

Lindamaris de Abreu Mariano Pereira

“A não-violência leva-nos aos mais altos conceitos de ética, o objetivo de toda evolução. Até pararmos de prejudicar todos os outros seres do planeta, nós continuaremos selvagens.”

(THOMAS EDISON)

Eu não me recordo de ter escutado falar sobre os movimentos sociais no período em que estudava, ou de algum professor do ensino básico que tenha incentivado a nossa participação social. Na minha família não há nenhum militante.

Comecei a atuar nos movimentos sociais, através da Pastoral da Juventude (PJ) da Igreja Católica aqui do Bairro Canaã, que na época demonstrava o interesse de lutar contra a opressão, possibilitar a voz dos/as marginalizados/as, incentivava e valorizava a nossa participação social. Quando fui para a PJ, eu tinha 12 anos, nós organizávamos eventos culturais, participávamos do ‘Grito dos Excluídos’ todos os anos. Esse período foi de grande aprendizagem.

Já em 2012, recebi o convite para participar de uma oficina de vídeo organizada pelo Coletivo Jovem Região Formate. A aproximação com esse grupo me possibilitou adquirir outra visão de mundo; dessa forma, pude compreender novos conceitos sociais e atuar visando o bem-estar comum a todos/as. Isso inclusive influenciou a escolha da minha formação acadêmica em Jornalismo.

Com relação aos movimentos de base, comecei a atuar no Coletivo Formate, conheci a Federação dos Movimentos Populares de Viana, posteriormente passei a acompanhar as reuniões da Associação de Moradores daqui do bairro e fiz parte desse espaço de representação local. Também representei a Femopovi no Conselho de Educação.

Eu me sinto privilegiada por ser mulher e poder participar de alguns movimentos sociais, e ver como tem crescido a participação feminina nos diferentes espaços, embora saibamos que, para nós mulheres, os desafios são maiores. Mas, a mulher

é um ser de luta, sempre foi em todos os sentidos, e estamos tendo mais direito à voz graças à representação dos movimentos feministas.

Apesar da maior parte da população brasileira ser composta por mulheres, politicamente ainda somos representadas por homens. Hoje, negros/as e pardos/as compõem mais de 50% do contingente populacional do país, mas quem são os escolhidos para representá-los/as são geralmente homens brancos. Deveríamos ser representados por aqueles/as com os quais compartilhamos a mesma visão de mundo e nos identificamos.

Reconheço como sendo um avanço os partidos políticos terem cotas para mulheres, a fim de garantirem minimamente a participação feminina, porque as poucas políticas públicas que beneficiam diretamente as mulheres acabam sendo discutidas e formuladas por homens, mas atendendo às reivindicações dos movimentos feministas. A partir da inserção feminina nos cargos políticos, as questões que nos afetam, como as relações de gênero, mercado de trabalho, feminicídio, violência contra as mulheres e racismo tendem a ser mais discutidas e ganham mais visibilidade.

Posso dizer que a minha consciência crítica e política está sendo formada no Coletivo Formate e em outros espaços de representação social. Por isso, acho fundamental a participação de cada cidadão e cidadã em pelo menos um movimento social, como forma de nos envolvermos nos assuntos pertinentes a todos/as. Acredito que as escolas poderiam ser um dos principais espaços de incentivo, participação e organização popular.

Diante dessa nova conjuntura política de intolerância com relação aos homossexuais, movimentos sociais e pessoas de visão política esquerdista, podemos considerar que os retrocessos na educação aconteceram com o objetivo de desconstruir tudo que havíamos conseguido mediante a organização social.

Uma das frases que o atual presidente disse durante a campanha eleitoral, que me deixou muito receosa, foi a de que 'não pode ter este ativismo xiita no Brasil'. A proposta de criminalização dos movimentos sociais surge nesse contexto de

retrocesso e pensar fora da caixinha e reivindicar mudanças é um tipo de militância política.

É muito grave você ouvir um presidente defender a extinção de movimentos sociais, é voltarmos para o período da ditadura militar. Não poder lutar pelo que acreditamos é uma afronta aos movimentos sociais, é um desrespeito a todas as pessoas que inclusive morreram por acreditarem na democracia. De certa forma, quem garante um pouco mais de qualidade de vida para a população são os movimentos sociais. Um dos exemplos é o MST, que luta por moradia, reforma agrária, valorização dos/as pequenos/as produtores/as rurais.

Desde setembro de 2016, eu, meu esposo e a Josi [do Coletivo Formate], estamos em parceria com o projeto voluntário 'Observando os Rios²⁷', da Fundação SOS Mata Atlântica. Recebemos um convite para aderirmos ao projeto, e desde então, estamos envolvidos com essa missão. Nós monitoramos²⁸ dois rios: o rio Biriricas, em Domingos Martins, e o rio Formate, em Viana.

Atualmente, eu faço parte da rede 'Bike Anjo', que tem como projeto principal ensinar pessoas de diferentes faixas etárias a andarem de bicicleta. Ensinamos sem cobrar nenhum valor monetário, e incentivamos também na promoção da saúde, pois as pessoas podem se exercitar enquanto têm um momento de lazer. Além disso, militamos por melhores condições de mobilidade urbana, trânsito humanizado e diminuição do CO2 na atmosfera.

Em maio de 2017, eu e o meu esposo nos tornamos veganos, porque nos solidarizamos com o sofrimento, exploração e tortura dos animais; devido ao desmatamento e por questões de saúde. Hoje, optar por não comer carne é algo desafiador, porque exige de nós outro tipo de comportamento. Essa prática requer

²⁷ O Observando os Rios é um projeto que reúne comunidades e as mobiliza em torno da qualidade da água de rios, córregos e outros corpos d'água das localidades onde elas vivem.

²⁸ O monitoramento das águas é realizado com um kit desenvolvido pela SOS Mata Atlântica. Os voluntários fazem a medição uma vez por mês e enviam os resultados pela internet, a fim de verificar a qualidade dos recursos hídricos.

aprender a conviver de maneira harmônica com os outros seres vivos, repensando a nossa existência nesse planeta.

Considero ser vegano/a um movimento de resistência em relação à preservação da vida, seja da espécie humana, dos animais e do meio ambiente. Além disso, se recusar a consumir carne e derivados animais é mostrar para a sociedade e as empresas que comercializam os animais que não concordamos com a maneira como eles/as são tratados e mortos.

O despertar para o veganismo, que estava adormecido em mim, aflorou o cuidado com as plantas e animais, pois vejo que a vida de todos/as é importante, sejam humanos ou não. Desde então, tenho me preocupado mais com a nossa sobrevivência no planeta, que é a nossa casa, lugar onde habitamos.

As ecologias insubmissas da Linda são praticadas desde a sua atuação na pastoral da Juventude, mas se intensificaram com a participação no Coletivo Formate, que lhe possibilitou maior aproximação e inserção na Femopovi, no Conselho Municipal de Educação e na Associação de Moradores/as do Bairro Canaã. Hoje, além da militância pelo Coletivo Formate, ela também participa da Fundação SOS Mata Atlântica, do Bike Anjo e atua nos espaços que discutem sobre o veganismo.

Enfatizamos que a Linda, na sua escrevivência, traz à tona o veganismo como posicionamento político em defesa da vida humana e dos animais e contra o desmatamento causado pela expansão da agropecuária, o que reflete no cuidado com a nossa existência no planeta Terra. Sobre esse assunto, o autor Maturana²⁹ nos possibilitou pensar a respeito do antropocentrismo que estamos vivendo, fruto da modernidade.

Não há uma racionalidade no mundo, não há finalidade nele. Apenas existe um conjunto de interações. O mundo segue à deriva. À Terra não se importa em nada que a vida se extinga, não seria o primeiro planeta a morrer. Insisto: a conservação não é pela Terra, não é pela biosfera, é por nós. A biodiversidade é importante para nosso bem-estar fisiológico,

²⁹ Entrevista concedida a Omar Sarrás Jadue. Disponível em: http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=845. Acesso: 28 dez. 2019.

psíquico, estático. O grande dom dos seres humanos é que podemos criar tecnologia, mas, também, podemos detê-la, nos livrar das máquinas quando deixam de adequar-se ao que queremos; é uma questão de desejo (MATURANA, [2017?], n.p.).

A preocupação da Linda com a qualidade de vida de todos os seres também é compartilhada por Reigota (2012), ao mencionar que a educação ambiental deve favorecer uma “nova aliança” entre humanos e a natureza, visando, por meio de processos educativos, garantir a sobrevivência de todos/as com dignidade.

Pensar as nossas relações cotidianas com os outros seres humanos e espécies animais e vegetais e procurar alterá-las (nos casos negativos) ou ampliá-las (nos casos positivos) numa perspectiva que garanta a possibilidade de se viver dignamente é um processo (pedagógico e político) fundamental e que caracteriza essa perspectiva de educação (REIGOTA, 2012, p. 13).

As questões suscitadas pela Linda mostram que os conflitos de interesse no cenário político têm se intensificado, com a finalidade do governo se impor novamente, por meio do controle do suposto caos, causado pela participação social e garantia de direitos. Além disso, muitos governantes recorrem ao discurso conservador no âmbito familiar, a fim de continuarem reproduzindo a opressão patriarcal. Por essa razão, bell hooks (2013) diz que

A Nova Direita e os neoconservadores costumam explicar essas mudanças como uma tentativa de impor ordem ao caos, de volta a um passado (idealizado). Na noção de família citada nessas discussões, os papéis sexistas são proclamados como tradições estabilizadoras. Não surpreende que essa visão de vida familiar seja associada a uma noção de segurança que implica que estamos sempre mais seguros junto a gente do nosso próprio grupo, raça, classe, religião e assim por diante (hooks, 2013, p. 43).

A Linda na sua *escrivivência* questiona a função social da escola que deveria contribuir com a participação popular nos assuntos pertinentes à coletividade, a fim de que as nossas práticas educativas se distanciem e não reproduzam a educação bancária, ao problematizarmos acerca das experiências cotidianas, entendendo a educação como ato político. Sabemos que “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção [...]” (FREIRE, 2017a, p. 47), visto que os/as professores/as e estudantes são sujeitos ativos no processo de ensino e aprendizagem.

Em março de 2019, estive visitando a Elenice, militante da Femopovi, que já atuou no movimento comunitário do bairro onde reside. Ela participa dos Conselhos de Direitos Municipais e atua nos movimentos de base da Igreja Católica. Nas nossas conversas, comentei que lhe admiro, porque na sua família todos participam dos encontros da Femopovi, ela, o esposo e o filho que é jovem. Foi um encontro muito especial.

Fotografia 31 – Elenice na reunião da Femopovi



Fonte: arquivo da Femopovi.

Insubmissa 7: Seja você mesmo, mas não seja sempre o mesmo

Elenice Tozze Soave Neves

“A ordem é ninguém passar fome
Progresso é o povo feliz
A reforma agrária é a volta
Do agricultor à raiz
Esse é o nosso país
Essa é a nossa bandeira”
(BETH CARVALHO)

Meu nome é Elenice, sou natural da cidade de Castelo. Na época em que cursei o ensino fundamental, os/as professores/as conheciam a realidade vivenciada pelos/as alunos/as, debatíamos assuntos pertinentes à vida em sociedade e tínhamos um núcleo sobre política e causas sociais na escola. Agregávamos o conhecimento escolar ao contexto vivenciado.

Eu morei com a minha família no interior até completar os meus 18 anos. Nasci em um lar católico. Por isso, quando cheguei em Vitória, me engajei nas Comunidades Eclesiais de Base, Pastoral da Juventude, nas atividades sobre fé e ação. A partir dessas vivências, passei a ampliar a minha visão de mundo, consegui me enxergar e a enxergar o/a outro/a como sujeitos de direito.

Minha vida mudou desde que comecei a participar dos movimentos sociais, eu já participei dos Congressos da CUT (Central Única dos Trabalhadores), assembleias sindicais, Movimento das Diretas Já e dos congressos municipais, estadual e nacional da Juventude Operária Católica (JOC), onde discutíamos a situação da jovem e do jovem trabalhador. Era desses movimentos de base que surgiam as novas lideranças.

Quando eu e o Ademir começamos a namorar, participávamos dos movimentos sociais juntos, era um desejo que tínhamos em comum. Essa relação foi construída e continuamos até hoje, porque somos apaixonados pela causa. Aqui em casa tudo é dialogado, compartilhado e um entende o outro, e nos apoiamos.

Na década de 90, nós militantes já conversávamos e compreendíamos que ocupar o poder não significava eleger um presidente que representasse a classe trabalhadora, porque a esfera política é apenas um dos aparelhos ideológicos do Estado, tendo em vista que a mídia, a polícia, o poder judiciário, o legislativo, o executivo, a escola, a igreja e a família dão sustentabilidade ao poder hegemônico. Nós já ocupamos o governo, mas ainda não estivemos no poder. Por isso, apoiamos as formações de base para mudarmos a sociedade.

Através da participação nos movimentos sociais, compreendi a importância de atuar em nossa defesa enquanto população empobrecida. Por isso, participei da associação de moradores aqui do bairro Nova Bethânia. Todas as melhorias que conseguimos vieram da nossa organização social, como: iluminação pública, abastecimento de água, transporte, pavimentação, escola e a sede do Movimento Comunitário. Isso mostra que a organização social faz toda a diferença.

Nesse atual desgoverno, nós da esquerda precisamos nos reinventar, repensar as nossas falhas, não permitir a extinção dos Conselhos de Direito, formar novas redes de solidariedades, incentivar o surgimento de novas associações de moradores/as e atuar na formação de lideranças para continuarmos lutando em defesa da vida. O governo que temos hoje é reflexo da nossa desarticulação política, falta de diálogo e formação política de base.

Hoje um dos nossos maiores desafios enquanto movimentos sociais é a formação de base, criar estratégias para envolver as comunidades, caso contrário, os espaços de construção coletiva vão enfraquecer e com o tempo podem deixar de existir. Não estamos formando novas lideranças para assumir o lugar daquelas pessoas mais experientes e que já estão cansadas. Precisamos de um renovo, novos homens e mulheres comprometidos com o coletivo.

Durante esses anos em que participo da Femopovi, nosso grupo já passou por momentos muito difíceis, inclusive perdemos um companheiro de luta, pois ele foi assassinado por fiscalizar e denunciar de forma incisiva as irregularidades que aconteciam em Viana.

Essa situação, de certa forma, se assemelha ao ocorrido com a Vereadora Mariele Franco, no Estado do Rio de Janeiro, pessoas com esse tipo de atitude incomodam. Mesmo diante dessa tentativa de nos silenciar enquanto movimento social, e apesar do medo, continuamos atuando.

Nesses anos que participo da Femopovi, nós conquistamos várias melhorias para o município de Viana, com destaque para a área ambiental, saúde, controle social por meio dos conselhos de direitos. Ainda enfrentamos muitas dificuldades, mas mesmo assim, a Femopovi não deixa de ser um espaço de aprendizagem. Por isso, não desistimos da luta. Fazer parte da Femopovi e ter atuado como diretora geral dessa instituição me proporcionou muitos conhecimentos, eu aprendo, ensino e me torno uma pessoa melhor, nós vamos formando a nossa consciência política no dia a dia.

As ecológicas insubmissas da Elenice se expressam nesse compromisso com os movimentos de base política da igreja católica, no núcleo de política na escola onde estudou, nas assembleias sindicais, nos congressos da CUT, no movimento comunitário, nos conselhos de direitos e na Femopovi. Ela também participa de espaços e reuniões com assuntos de interesse coletivo que acontecem no bairro onde reside e em outras comunidades de Viana, mostrando-nos que os nossos momentos de balburdias são essenciais para renovação das nossas esperanças a fim de construirmos possibilidades de enfrentamento às opressões.

A *escrevivência* da Elenice parte desse lugar vivido mediante as aprendizagens comunitárias, e nesse diálogo com Freire (2017a, p. 75), entendemos que “[...] ninguém pode estar no mundo, com o mundo e com o outro de forma neutra [...]”, porque a intervenção na realidade demanda o reconhecimento de que nós e o/a outro/a somos sujeitos da história, sendo essa percepção fruto das experiências cotidianas e coletivas. Através dessa relação, compreendemos que

Para o indivíduo comum, um dos pressupostos da idéia de “sujeitos da história” passa necessariamente pelo seu auto-reconhecimento como sujeito e reconhecimento da mesma condição no outro: reconhecer-se e reconhecer o outro como sujeitos diferenciados de uma história comum. Essa fórmula, que aparentemente com facilidade traduz um pensamento complexo, apresenta muitas possibilidades (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003, p.10).

Refletimos sobre os assassinatos dos representantes populares, como de um membro da Femopovi em 1998, da vereadora Marielle Franco em 2018 e de tantas outras lideranças que tiveram a vida interrompida pelas forças patriarcais como tentativas de silenciamento dos povos oprimidos e marginalizados, sendo essa violência uma tentativa de nos afastar dos espaços decisórios de poder, mantendo assim a hegemonia de supremacia branca. Mesmo enfrentando dolorosas perdas, enquanto houver opressão, seguiremos resistindo. Diante desse contexto, Freire (2017a, p. 78) nos ensina que

Não posso proibir que os oprimidos [...] votem em candidatos reacionários, mas tenho o dever de adverti-los do erro que cometem, da contradição em que se emaranham. Votar no político reacionário é ajudar na preservação do status quo. Como posso votar, se sou progressista e coerente com minha opção, num candidato em cujo discurso, faincante de desamor, anuncia seus projetos racistas?

Na sua *escrevivência*, Elenice menciona que a Femopovi é um espaço onde os saberes se complementam e se renovam, nesses encontros e reuniões que são atravessados pelas questões vividas, dando sentido e significado as nossas completudes, produzindo outras re-existências, aprendizagens e leituras de mundo, por isso, dialogamos com hooks (2013), acerca da educação como prática da liberdade.

Nesse campo de possibilidades temos a oportunidade de trabalhar pela liberdade, de exigir de nós e dos nossos camaradas uma abertura da mente e do coração que nos permita encarar a realidade e ao mesmo tempo em que, coletivamente, imaginamos esquemas para cruzar fronteiras, para transgredir. Isso é a educação como prática da liberdade (hooks, 2013, p. 273).

Nesse diálogo e ensino para transgressão, a professora norte-americana bell hooks (2013), no livro *Ensinado a transgredir: a educação como prática da liberdade*, nos apresenta a teoria como lugar de cura, libertação coletiva e revolução. Para ela, “a teoria não é intrinsecamente curativa, libertadora e revolucionária. Só cumpre essa função quando lhe pedimos que o faça e dirigimos nossa teorização para esse fim [...]” (hooks, 2013, p. 86), por esse motivo os grupos sociais marginalizados precisam utilizá-la no seu processo de libertação.

Em março de 2019, encontrei a professora Maria da Penha na pracinha de Marcílio de Noronha, por acaso, e ali mesmo, conversamos sobre a sua militância na Asiarfa. Depois começou a chover, fomos para a sua casa, ela preparou um lanche, compartilhamos vídeos, filmes e músicas. Tivemos uma ótima tarde, regada de afeto e muitas experiências.

Fotografia 32 – A prof. Penha no almoço beneficente da Asiarfa



Fonte: Maria da Penha Leite.

Insubmissa 8: Raízes fortes: compartilhando saberes

Maria da Penha Leite da Silva

“Quando a última árvore for derrubada, o último peixe for morto e o último rio for poluído é que o homem perceberá que não pode comer dinheiro”.

(PROVÉRBIO INDÍGENA)

Meu nome é Penha, sou formada em pedagogia, gosto de escrever poesia, pintar paisagens, sou natural do Córrego Bel Monte, localizado no município de Mutum – Minas Gerais. Minha família trabalhava no campo, quando casei passei a acompanhar o meu esposo nos movimentos de base. Nós éramos muito católicos, nessa época, havia o trabalho de formação política, através das Comunidades Eclesiais de Base e da Teologia da Libertação. Sinto falta desse período, em que a Igreja Católica contribuía com a visão crítica dos/as trabalhadores/as.

Posso dizer que trago na memória algumas recordações do tempo de criança, quando observava o meu pai trabalhar na lavoura e, devido às dificuldades com a manutenção da plantação, ele teve que fazer um empréstimo no banco e precisava seguir todas as recomendações, e uma das cláusulas estabelecia o uso de agrotóxicos. Caso o agricultor não se submetesse às exigências, ficava sem condições financeiras para custear as despesas com a produção.

Após pulverizar os pesticidas na lavoura, meu pai sem saber como fazer o descarte corretamente daquele veneno, deixou o litro vazio fincado em uma bananeira. Como havia chovido muito, o litro foi levado pela correnteza e teve contato com o córrego, matando quase todos os peixes do lugar. Naquele dia, percebemos o poder destruidor dos agrotóxicos.

Na década de 70, trabalhei como professora em duas escolas do campo. Eu recebia meio salário mínimo, a escola ficava aproximadamente 50 quilômetros de distância do município, onde aconteciam as reuniões e encontros periódicos para os/as educadores/as. Atuava em uma sala de aula multiseriada, de 1º a 4º série. O/A professor/a tinha duas funções: limpar e ensinar, porque não havia merenda.

A escola Osvaldo Cruz funcionava na residência de um primo do meu pai. Ele havia construído o imóvel para abrigar os meeiros, mas, como a casa estava desocupada, fomos mantendo a escola naquele local. Um ano depois, fui trabalhar na Escola Visconde do Rio Branco que estava localizada dentro de um paiol. Tudo era improvisado, mas a vontade de ensinar e aprender eram enormes, e me realizava vendo a alegria dos/as alunos/as sendo alfabetizado/a, isso me recompensava.

Uma situação que marcou a minha carreira quando eu estava no interior, foi o fato de ter uma aluna, de 09 anos que não conhecia as vogais, ela apresentava muita dificuldade de aprendizagem. Ao conversar sobre a situação dessa criança, os pais me orientaram a recorrer ao uso da palmatória, porque alegavam que a aluna era preguiçosa.

Durante as aulas, essa criança quase não conversava, ficava o tempo todo em silêncio e o caderno permanecia em branco. Então, decidi ir à casa dela, conversar com os seus responsáveis para entender o que acontecia com a aluna. Apesar do receio, fui ao sítio onde a aluna morava, conversei com seus pais, e eles se comprometeram em ajudá-la. Através da colaboração familiar e do trabalho pedagógico realizado, a aluna conseguiu superar a dificuldade de aprendizagem.

O resultado dessa experiência foi muito gratificante, consegui romper com a relação professor/a e aluno/a restrita à sala de aula, fui conhecer a realidade da criança, dialogar com os pais, incentivá-los a acreditar que ela poderia aprender sem sofrer castigos físicos, como era um costume da época, construímos uma alternativa para aquela criança. Para mim, ensinar requer esgotar as possibilidades a fim de que os/as alunos/as possam aprender.

Posso dizer que ensinar é algo que já faz parte de mim, eu fui professora dos meus irmãos. Quando a minha mãe faleceu, eu tinha que realizar os afazeres domésticos, cuidar dos meus irmãos menores e ajudava cada um nas suas tarefas da escola. O interesse de ser professora surgiu dessa relação, eu não sonhava em ter uma formação acadêmica.

Infelizmente precisei interromper o sonho de continuar trabalhando como professora, porque casei e vim morar em Marcílio de Noronha. Meu esposo não me permitia trabalhar, estudar, passear e não pagava o meu INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), sofria muito com toda essa situação. Ele faleceu em 2002, mas, somente em 2012, pude concluir o curso de pedagogia, que para mim foi uma grande conquista.

Em 2017, comecei a participar da Asiarfa, fui de certa forma atraída pelo trabalho de revitalização do rio Formate, me identifico com essa atividade. Nesse grupo, a participação feminina é ativa, nós organizamos os eventos, pensamos e propomos novos trabalhos, visando à melhoria do nosso rio. Nós desenvolvemos algumas ações nas escolas parceiras, como a semana do rio Formate, da água, do meio ambiente e da árvore. Os membros da diretoria participam de Congressos, Fóruns e Conselho Municipal de Meio ambiente.

Considero muito importante o trabalho que realizamos de identificação³⁰ das construções irregulares localizadas às margens do rio Formate. O que dificulta a resolução desse problema é a falta de políticas públicas de moradia para as pessoas de baixa renda. Sem opção, muitas famílias vão morar em lugares improvisados. No período de enchentes, essa situação se agrava bastante, as pessoas perdem as poucas mobílias e algumas até mesmo a vida.

Na Asiarfa, nos preocupamos com as nascentes que estão sendo aterradas; com a qualidade de vida da população, porque quem mora nas cidades bebe esgoto tratado; o uso de agrotóxico nos alimentos é algo assustador e ainda precisamos de saneamento básico. Essas problemáticas precisam ser discutidas por todos/as, em especial pelos nossos governantes já que o meio ambiente é a nossa casa comum.

Em 2018, participei do Fórum Alternativo Mundial das Águas (FAMA)³¹ que aconteceu na cidade de Brasília. As discussões foram sobre a não privatização dos

³⁰ A identificação das moradias e pequenos comércios localizados às margens do rio Formate ocorrem com a intenção de requerer junto as prefeituras dos municípios de Viana e Cariacica a destinação de políticas pública para a população ribeirinha e pensar em estratégias para evitar a poluição do rio Formate.

³¹ Em março de 2018, ocorreu o Fórum Alternativo Mundial da Água (FAMA) em Brasília. Esse fórum foi um encontro de diversas experiências coletivas de vivência com a Água. Foi espaço de trocas de sucessos e adversidades na luta em defesa da Água como direito e não como mercadoria, seu

recursos hídricos. Essa experiência foi gratificante. Ao retornar desse encontro, paramos em Goiás para almoçar, como o restaurante ficava próximo ao rio São Francisco, finalmente pude realizar o sonho de conhecer esse rio.

Hoje eu tenho um terreno na roça, plantei café e também vou plantar feijão, não estou usando agrotóxico, isso requer mais gasto com a produção, porém sei que estarei produzindo alimentos que não irão envenenar as pessoas. Nós pagamos para sermos envenenados/as. A Monsanto/Bayer detém a patente da produção de sementes transgênicas, nos envenenam com uma variedade de pesticidas e agora vão produzir os nossos medicamentos. Esses assuntos são pouco discutidos nas mídias voltadas para a população em massa. No entanto, é muito comum, as pessoas imaginarem que nós militantes ambientais, ou de qualquer outra área, somos baderneiros/as, desocupados/as, os/as insatisfeitos/as, aqueles/as que só sabem reclamar de tudo. Vejo o quanto a educação poderia fazer a diferença na desconstrução dessa visão.

O nosso atual cenário político é desanimador na área ambiental e na educação, o presidente eleito trouxe como proposta de campanha expurgar o pensamento Freireano das escolas, alegando doutrinação comunista. Isso mostra um total desconhecimento a respeito do que Paulo Freire representa para a educação no Brasil, principalmente para todas aquelas pessoas que foram alfabetizadas por ele.

A *escrivência* da Penha nos possibilitou dialogarmos sobre as relações patriarcais presentes na organização da sociedade em que vivemos, que reforçam os relacionamentos abusivos, no qual o controle sobre os corpos femininos, desejos e sonhos é uma forma de castração da liberdade das mulheres, negado-lhes, muitas vezes, o direito de existir publicamente, ao serem confinadas ao ambiente doméstico. “Fomos educadas para cuidar dos outros, dos nossos companheiros, de nossos filhos, de nossos pais. Durante muitos séculos a obrigatoriedade desses cuidados foram fatores de opressão [...]” (CARNEIRO, 2019, p. 115). A retomada do

objetivo foi enriquecer as práticas de seus participantes, estreitar as relações entre os diversos movimentos e, ao mesmo tempo, ser contraponto ao Fórum Mundial da Água (FMA).

controle da existência feminina ocorre através da recusa a submissão, separação ou falecimento dos companheiros.

Ela também problematiza sobre a produção de alimentos orgânicos, o consumo dos produtos transgênicos, o alto índice de agrotóxico presente na alimentação brasileira, que colaboram com o nosso adoecimento e contribui com o aumento do consumo de medicamentos farmacêuticos.

Além disso, ela narrou acerca da união das empresas Monsanto que monopoliza o mercado de produção de sementes transgênicas e de agrotóxicos e a Bayer que detém o monopólio sobre a produção dos medicamentos. A sua *escrevivência* tem conexão com o artigo “A Monsanto no Brasil: discursos publicitários e tecnocientíficos sobre os transgênicos”, do professor Marcos Reigota (2010b), que enfatiza

[...] “Quem perde com os transgênicos?”, quando se enfatiza que perde, “o produtor, o meio ambiente, a economia e até a autonomia nacional (...) porque as multinacionais passam a dominar o mercado de sementes impondo seus preços, suas variedades, suas regras sem que o País possa intervir neste processo de dominação e imposição de culturas e produção de alimentos do seu povo” (REIGOTA, 2010b, p. 10).

Dialogamos com as *escrevivências* da Penha no sentido de repensarmos as relações de produção de alimento, a qualidade do que estamos consumindo, o impacto do agronegócio na saúde humana e no ambiente em que vivemos, pois a monocultura aniquila a diversidade ecológica. Por isso, é importante discutirmos acerca das resistências promovidas pelos povos do campo e das florestas, construindo outras possibilidades de enfrentamento da elite nuvem de gafanhoto que se desloca devorando mundos, sonhos, esperança e subjetividades.

Através da sua *escrevivência*, a Penha enfatizou que precisamos desconstruir as imagens reproduzidas pela mídia e pela opinião pública com relação aos movimentos sociais. Ela destacou que as práticas pedagógicas ambientais realizadas pela Asiarfa, movimento social em que atua, têm contribuído com a formação pessoal, pois se aprende a lutar, lutando e ampliando as leituras de mundo. Ela reconhece que a Asiarfa é um espaço de re-existência, que colabora

com a transformação da realidade social, tendo em vista a formação de outra sociedade.

As ecologias insubmissas realizadas pela Penha estão presentes nas suas poesias, pinturas, artesanatos, nos relatos da infância quando observava o pai tendo que se submeter ao uso de agrotóxico para conseguir o empréstimo no banco, quando atuou como professora da educação do campo e participou das Comunidades Eclesiais de Base. Hoje ela está inserida na Asiarfa e produz alimentos sem agrotóxicos. A sua participação nos movimentos sociais contribuiu com a desnaturalização do processo de opressão conjugal que vivenciou.

Ainda no mês de março de 2019, encontrei com a Daniele (Dani), do Coletivo Formate, na UFES; e como a nossa conversa acabou se estendendo, marcamos outro momento na residência dela. Nesses quase 10 anos do coletivo Formate, vivenciamos muitas histórias, boas e más recordações. Mas, permanecemos juntos/as e fortalecidos/as para enfrentarmos outros desafios. A Dani tem uma linda trajetória de participação, resistência e persistência.

Fotografia 33 - Daniely Lyra



Fonte: Dani Lyra.

Insubmissa 9: A família que eu escolhi

Daniely Lyra de Almeida

“Felicidade se acha é em horinhas de descuido”.

(GUIMARÃES ROSA)

Eu sou a Dani, tenho 26 anos, sou Técnica de Meio Ambiente, estou desempregada, no momento trabalho como cuidadora de crianças e moro em Viana Sede com os meus pais e irmão. Faço parte do Coletivo Formate, desde os meus 15 anos.

Os movimentos sociais me foram apresentados pelo Wilberth (Will) que é nosso amigo em comum e idealizador do Coletivo Formate. Quando trabalhávamos na Prefeitura Municipal de Viana, eu e o Will nos reuníamos após o nosso expediente na calçada, ele sempre levava o violão, e cantávamos e conversávamos bastante. Ele compartilhava comigo as suas experiências na JOC, onde conheceu alguns membros dos Coletivos Jovens de Meio Ambiente.

A partir desses encontros, bem descontraídos, conheci um pouco do trabalho realizado pelos Coletivos Jovens de Meio Ambiente. Posso dizer que foi assim, que o Will despertou em mim esse desejo de fazer parte dos movimentos sociais e discutir sobre a educação ambiental.

Em 2009, iniciei de fato minha caminhada como militante na área ambiental, pelo Coletivo Formate. No período que antecedeu a nossa institucionalização, dois eventos foram significativos para mim: um deles foi o debate eleitoral entre os Candidatos a Prefeitos que ocorreu em 2012, e o outro, Dia dos Movimentos Sociais Vianenses, onde atuamos como protagonistas junto com a Femopovi.

Em 2014, formalizamos a Associação Coletivo Formate. Nessa ocasião, eu havia sido aprovada no IFES (Instituto Federal do Espírito Santo), para cursar o Técnico de Meio Ambiente em Ibatiba. Após dois anos, retornei e comecei a participar ativamente das ações do nosso grupo, passei a acompanhar o Cine Santa Clara e o Cine Terra Mãe.

Em 2015, pensei na possibilidade de o Coletivo Formate desenvolver um projeto de incentivo à leitura para as crianças e adolescentes do Assentamento Santa Clara. Recordo-me que você [Edilene] se propôs a colocar no papel o sonho da Ecoteca, que era apenas uma ideia. O Betinho (membro do Coletivo Formate) também contribuiu muito na elaboração desse projeto, que iniciamos de fato em 2016. Nesse trabalho pude atuar como facilitadora e educadora ambiental.

Tudo foi um aprendizado: conseguir aprovar esse projeto pela Secretaria Estadual da Cultura (Secult), montar a biblioteca e depois realizar as atividades de educação ambiental. No início, achei que iria à Santa Clara para ensinar, mas acabei aprendendo muito mais com as crianças e adolescentes daquela comunidade, do que ensinei.

Quando penso nesse projeto, tenho refletido no quanto eu errei e que poderia ter me empenhado mais. No entanto, é difícil você representar um sonho e ao mesmo tempo um grupo como o Coletivo Formate, onde as pessoas possuem uma formação política aguçada, além de ser desafiador lidar com as crianças e os/as adolescentes no sentido de construir possibilidades, compartilhar sonhos de forma lúdica e sem impor. Fomos aprendendo com a prática.

Eu nunca imaginei que o sonho de termos uma Ecoteca poderia ir para o papel, ganhar um prêmio e nos proporcionar um título de utilidade pública municipal. Isso mostra o quanto é importante sonharmos e acreditarmos que podemos transformar a sociedade em que vivemos.

Desde que comecei no Coletivo Formate, eu me considero uma pessoa melhor e mais feliz, por conviver com cada um/a de vocês, isso me acrescenta muito como pessoa. Não tenho propriedades, carros e outros bens materiais, e sou desapegada a isso, talvez os conflitos em casa sejam resultado desse desapego, que também tem relação com a minha visão de mundo, porque dou mais importância às pessoas do que aos bens materiais.

Tenho observado que as nossas escolhas profissionais caminham no sentido de atendermos às demandas do próprio Coletivo Formate, porque temos uma relação

de identificação e pertencimento. Fomos todos/as ressignificados/as a partir desse contato um/a com o/a outro/a, nós sonhamos juntos/as, somos idealizadores, o coletivo é a experiência concreta do nosso sonho, da nossa utopia.

Somos um grupo, que compartilhamos saberes, essa é uma necessidade que nos une. Por acreditarmos na construção de uma sociedade mais justa, organizamos estratégias coletivas a fim de envolvemos cada vez mais pessoas nas ações que organizamos. Posso dizer que estamos passando por um processo de formação, estamos nos encontrando e nos conectando com o mundo.

Nós membros do Coletivo Formate atuamos nos espaços de participação, mobilização e controle social. Além disso, compartilhamos o sonho de mantermos a nossa sustentabilidade financeira a partir do trabalho que realizamos neste grupo, por meio das nossas formações acadêmicas, expertises e habilidades. Nós também pensamos em ter uma sede, que esteja localizada na zona rural, que seja construída a partir da técnica do superadobe³².

Eu me lembro que quando comecei a frequentar o Coletivo Formate meus pais não queriam que eu participasse de movimentos sociais, recordo-me que em uma das reuniões os membros do grupo fizeram vaquinha para que eu tivesse condições de continuar participando dos encontros, já sai de Viana de bicicleta para ir às atividades do coletivo, que aconteciam no bairro Marcílio de Noronha, mesmo sem dinheiro e enfrentando conflitos em casa, eu continuei participando.

Agora o coletivo se reúne aqui em casa, meus pais preparam café da manhã e almoço para nós. Nossa confraternização de final de ano foi na minha casa. Hoje somos uma família, já que escolhemos construir uma história em comum.

Nós já passamos por muito estresse juntos/as, mas a amizade e cumplicidade sempre prevaleceram. Buscamos nos colocar no lugar do/a outro/a, reconhecer as nossas falhas, nos respeitamos, somos um pouco desorganizados/as, mas solidários/as. Já aconteceu de um membro do Coletivo Formate precisar de auxílio

³² Superadobe é uma técnica de bioconstrução, moradias alternativas, construídas com sacos de terra.

financeiro inicial devido à necessidade de ir morar fora da Grande Vitória para estudar, e todos/as ajudaram da maneira que podiam. Temos muito ainda que melhorar enquanto grupo, mas a vida é uma escola onde todos/as nós somos aprendizes.

Por acreditar que podemos transformar a nossa realidade, não consigo compreender como pode as pessoas defender esse governo que é a favor de medidas antidemocráticas, do porte de arma e da intolerância. Esse presidente é contra tudo que me representa.

Estamos em busca dessa nossa humanização coletiva que se perde por meio do estilo de vida capitalista, da falta de conexão com a natureza e da aprendizagem escolar. Por isso, gostamos de atuar com a Formação de Multiplicadores, seja com crianças, adolescentes e adultos/as. Eu sou grata por tudo que vivenciei e que vou vivenciar no Coletivo Formate.

A escrivência da Dani nos apresenta a utopia como algo realizável, pois narra as belezas e bonitezas da vida, dos sonhos coletivos, sendo possibilidades para imaginarmos outros horizontes com criticidade, ação e reinvenção, nesse compromisso que assumimos com a nossa humanização, estando esse diálogo em consonância com os escritos freireano (2001b, p. 85):

Nunca falo da utopia como uma impossibilidade que, às vezes, pode dar certo. Menos ainda, jamais falo da utopia como refúgio dos que não atuam ou [como] inalcançável pronúncia de quem apenas devaneia. Falo da utopia, pelo contrário, como necessidade fundamental do ser humano. Faz parte de sua natureza, histórica e socialmente constituindo-se, que homens e mulheres não prescindam, em condições normais, do sonho e da utopia. As ideologias fatalistas são, por isso mesmo, negadoras das gentes, das mulheres e dos homens.

Gostaria de destacar que a escrivência da Dani me fez recordar do Samba da Utopia, que desperta em mim o desejo de continuar resistindo à tirania, fortalecendo as possibilidades de mudanças, sem reproduzirmos as práticas opressoras, pois o diálogo, o respeito, a solidariedade e o conhecimento contribuem com a nossa humanização.

Se o mundo ficar pesado
Eu vou pedir emprestado
A palavra poesia
Se o mundo emburrecer
Eu vou rezar pra chover
Palavra sabedoria

Se o mundo andar pra trás
Vou escrever num cartaz
A palavra rebeldia
Se a gente desanimar
Eu vou colher no pomar
A palavra teimosia

Se acontecer afinal
De entrar em nosso quintal
A palavra tirania
Pegue o tambor e o ganzá
Vamos pra rua gritar
A palavra utopia
(CEUMAR, 2018)

Recorremos a essa canção em forma de poesia como alento e esperança para enfrentarmos tempos difíceis, devido à ascensão de governos reacionários e conservadores, que espalham discursos de ódio, discriminação, racismo, intolerância, desrespeito à vida dos grupos sociais oprimidos, que utilizam a tirania, a opressão, o patriarcado, o medo, a violência, o assassinato, como tentativa de silenciar os homens e as mulheres que desafiam as práticas de dominação.

Esses devoradores de mundos (KRENAK, 2019) defendem o desmonte da educação, do Sistema Único de Saúde (SUS), dos direitos sociais, ambientais, trabalhistas, se colocam a favor dos interesses do capital, do setor privado, do agronegócio, ao permitirem o genocídio e a ocupação das terras indígenas e quilombolas. Eles também expulsam e matam camponeses/as e os trabalhadores/as rurais sem terra.

Essa crise política que estamos vivenciando é civilizatória, sendo reflexo dessa tentativa de homogeneização da humanidade, porque não se descoloniza pensamentos, recolonizando os corpos e mentes, o que impacta na perda da nossa humanização como vocação histórica pela busca do Ser Mais (FREIRE, 2017b). Apesar de sentirmos que o mundo anda para trás e que, em alguns momentos,

somos tomados pelo desânimo, que possamos encontrar na poesia, sabedoria, rebeldia, teimosia e utopia possibilidades para resistimos à tirania.

Na escrevivência da Dani, foi narrada a importância de escolhermos com quem iremos compor as nossas histórias de re-existências, pensando as experiências comunitárias como processos formativos da educação como ato político, que emergem dessas relações que são tecidas ao longo da nossa existência e que são resultados desses encontros criativos que provocam rupturas, mudanças e transformação em nós.

Podemos dizer que as ecologias insubmissas da Dani afloraram por meio da inserção no Coletivo Formate, grupo com o qual integrou a comissão organizadora do debate eleitoral que ocorreu em 2012; participou da organização do Dia dos Movimentos Sociais de Viana; foi uma das organizadoras da I Conferência Livre de Juventude do nosso município; idealizou o projeto Ecoteca; se formou em técnico de meio ambiente pensando na realização de projetos educativos pelo Coletivo Formate e atuou no Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente.

Compondo re-existências femininas

A partir das *escrevivências* e diálogos amorosos com esse grupo de mulheres, retomamos o movimento de resistência em defesa do rio Formate, através das audiências públicas e das práticas educativas ambientais entrelaçadas ao rio, que ocorreram por meio das sessões cineclubistas, contação de histórias, rodas de conversa, palestras, confecção de cartazes e mobilização comunitária para participação das audiências públicas. Ressaltamos o trecho de uma das *escrevivências* que foi essencial para retorno desses encontros.

[...] centenas de rios estão sendo mortos, inclusive o rio Formate, que deu origem ao Coletivo Formate, e a nossa luta ambiental e social, nasce atrelada a esse rio e temos assistido tudo isso acontecer de forma pacífica, precisamos ocupar novamente as ruas como forma de protesto e resistência (Josi Galina, moradora de Viana Sede).

Além disso, conseguimos organizar com um grupo de militantes formado por homens e mulheres, que já participam dos movimentos sociais dos Municípios de Viana e Cariacica, momentos para pensarmos os encontros de mobilização e participação social, envolvendo as comunidades do entorno do rio Formate e da comissão de articulação junto ao poder público com o objetivo de atender às demandas que surgem dos encontros comunitários. Por isso, “[...] defende-se aqui que a principal contribuição política dos que vêm das margens ocorre na construção e ampliação da noção de cidadania na qual o sentimento de pertencimento e a intervenção cotidiana são prioritários [...]” (REIGOTA, 2010a, p. 01).

Percebemos que esse grupo de mulheres através das suas *escrevivências* questionam o patriarcado e o poder de decisão masculino, machismo, violência, controle dos corpos femininos; falam da importância de retomarmos os movimentos de formação de base, da natureza política presente nas práticas educativas que realizamos, da possibilidade de fortalecermos outras propostas educativas que dialogam com a educação como prática da liberdade, pois compreendem os movimentos sociais comunitários como espaços de formação e aprendizagem; comentam sobre as problemáticas ambientais nacionais e locais, situações que estão acontecendo no cenário político atual e a pouca participação feminina negra ocupando cargos político e outros espaços de poder.

Para pensarmos no enegrecimento dos espaços de poder e os motivos pelo quais temos poucas mulheres negras ocupando cargos políticos e de chefia, buscamos tecer um diálogo, especialmente, com a autora Sueli Carneiro que, no livro “Escritos de Uma Vida” (2019), aborda sobre a situação da população negra no Brasil, dando ênfase às especificidades das mulheres negras mostrando como o racismo e sexismo agem sobre os corpos femininos.

O processo histórico evidencia que a escravização dos povos negros foi “[...] a principal fonte de acumulação primitiva de capital do país e da construção da riqueza das elites que se revezam no poder no Brasil” (CARNEIRO, 2019, p. 146). O embranquecimento das estruturas e espaços de poder produzem as desigualdades raciais, sociais e econômicas, por meio do domínio das organizações públicas, privadas, políticas e jurídicas, em que as relações de privilégios foram construídas a partir da opressão, destituição da humanidade e o não reconhecimento da cidadania da população negra e de outros grupos marginalizados.

O racismo enquanto parte de um sistema de dominação “[...] conhece o potencial transformador da potente voz dos grupos historicamente silenciados” (RIBEIRO, 2019b, p. 81), que lutam pela igualdade racial e que erguem a voz (hooks, 2019b), como sujeitos políticos que reivindicam o direito de existir publicamente e de narrarem as suas histórias.

A organização do Estado democrático de direito perpassa pelo enfrentamento das desigualdades raciais, pensando a humanidade de forma plural, porque o modo como a sociedade brasileira foi constituída nega a existência política dos grupos sociais oprimidos, como os povos negros, que através dos seus saberes ancestrais, organização nos quilombos, comunidades e terreiros tecem relações de irmandade, solidariedade e convivência que não são entendidos como civilizatórios.

Desse modo, entendemos o quanto é significativo ter pessoas negras, que vivenciaram o processo de descolonização das mentes (FREIRE, 1978), ocupando espaços de poder com a finalidade de realizar o enfrentamento ao racismo e ao sexismo, pensando no fortalecimento da coletividade, ao buscar estratégias que contribuam com a construção de uma sociedade antirracista. A ocupação dos

espaços de poder busca garantir a nossa existência, porque nesses locais que são tomadas decisões, elaborados projetos e leis que incidem sobre a nossa vida e morte enquanto população negra. Por isso, temos que resistir, ocupar e transformar esses espaços.

O enegrecimento dos espaços de poder e decisão como: o poder executivo, legislativo, judiciário; os cargos de chefia em instituições públicas e privadas; a ampliação do acesso da população negra às universidades públicas; a produção de narrativas contra-hegemônicas; a apresentação de outras manifestações culturais, epistemologias; a participação na organização das políticas públicas e das ações afirmativas, são essenciais para promovermos a igualdade racial. Ressaltamos que a garantia de políticas públicas de qualidade e a ampliação da oferta dos serviços públicos nas áreas de educação, saúde, assistência social, trabalho, moradia e saneamento básico, buscam combater a exclusão social e racial, já que a pobreza neste país tem cor (CARNEIRO, 2019); (RIBEIRO, 2019b).

Embora o racismo esteja presente no cotidiano da população negra, entendemos que as mulheres negras são as mais afetadas pelas opressões raciais e de gênero, que “[...] se retroalimentam para mantê-las numa situação de asfixia social [...]” (CARNEIRO, 2019, p. 281) e que dificultam a sua ascensão social e colabora com a reprodução das imagens estereotipadas, ora sexualizada, ora subalternizada.

Por isso, ver as mulheres negras envolvidas nas disputas de poder e ocupando cargos de chefia ainda causa estranhamento como se estivessem fora do lugar. Para a autora Sueli Carneiro (2019) dialogar sobre as mulheres negras e poder é, muitas vezes, falar do ausente. E pensar na superação da pouca representatividade feminina negra nesses espaços é uma forma de contribuirmos com a promoção da igualdade racial e de gênero.

A partir do momento em que enegrecemos os espaços de poder e decisão, principalmente, elegendo mulheres negras que vêm de um processo de re-existência ancestral, com uma trajetória de participação e militância nos movimentos sociais, o grupo hegemônico, branco, elitista, conservador representante dos senhores de engenho e barões do café, que reproduzem as relações coloniais de dominação, se

utilizam do discurso de ódio como instrumento de fazer política, porque a preocupação dos opressores não é com os nossos diálogos pela igualdade racial e de gênero, pois o que ameaça e incomoda os dominadores são as nossas re-existência e práticas insubmissas em não ocuparmos os lugares de subalternidade (CARNEIRO, 2019); (RIBEIRO, 2019b).

Reconhecemos que as relações de dominação nos asfixiam, por esse motivo não podemos nos conformar em continuar utilizando as máscaras que representam o racismo, o machismo, o sexismo, a homofobia e a intolerância religiosa, pois precisamos respirar. Por isso, entendemos que é “Tempo de nos aquilombar” como menciona o título do poema da escritora Conceição Evaristo (2020), que nos convida a formamos novos quilombos, independente dos lugares e espaços em que estejamos, pois, as nossas organizações sociais fazem ecoar as nossas resistências.

Pensando nas possibilidades de nos “aquilombar” e escutando as *escrevivências* das mulheres inseridas nos diferentes movimentos sociais vianenses, as quais propuseram um momento para conversarmos sobre as nossas militâncias, práticas pedagógicas ambientais e as situações vivenciadas pelo cotidiano feminino, que surgiu o encontro *Diálogos de mulheres insubmissas*, com o objetivo de compartilharmos as nossas práticas de re-existências e ecologias insubmissas, que são atravessadas pela nossa condição de mulheres, em sua maioria, negras, mães, trabalhadoras, militantes e estudantes, que estão aprendendo que a libertação do patriarcado e do racismo faz parte de uma luta constante, que deve ser vivenciada na coletividade. Esse encontro foi inspirado na arte das *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo (2016), conforme veremos a seguir.

PRODUTO EDUCACIONAL: ENCONTRO DIÁLOGOS DE MULHERES INSUBMISSAS

Este fascículo produzido a partir das ecologias insubmissas praticadas pelas mulheres participantes dos movimentos sociais vianenses, configura-se como produto educacional, sendo desdobramento da dissertação de mestrado intitulada: Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES). Por isso, durante a organização desse momento, apostamos nas *escrevivências* da escritora Conceição Evaristo como inspiração teórica, política, ecológica e formativa para pensarmos e praticarmos o encontro “*Diálogo de Mulheres Insubmissas*” do município de Viana.

Encontramos na literatura as diversas formas de re-existências femininas negras, que com suas solidariedades, irmandade, afetos, ensinamentos e reflexões, enfrentaram as opressões e dominação cotidiana, tendo sido essas histórias registradas no livro “*Insubmissas Lágrimas de Mulheres*” (EVARISTO, 2016), que mostra a insubmissão feminina contra as forças coloniais presentes na sociedade.

No mês de fevereiro deste ano, realizamos o encontro *Diálogos de mulheres insubmissas*, com o objetivo de compartilharmos práticas de re-existências e as ecologias insubmissas produzidas pelas mulheres dos movimentos sociais vianenses, tendo em vista pensarmos nas redes que nos formam e com as quais somos formados (ALVES, 2019) e que emergem desses ‘*espaçostempos*’ de aprendizagens coletivas.

Esse encontro foi organizado como espaço de aprendizagem e formação, em que recorreremos à mística, aos cordéis das heroínas negras brasileiras, às apresentações cineclubistas, aos musicais, à exposição de charges, poesia, fanzine, livros de Paulo Freire, de autoras e escritoras negras, frases de pensadoras feministas negras e indígenas e das fotografias das nossas ecologias insubmissas, com o intuito de mostrarmos as re-existências femininas no enfrentamento das relações patriarcais, raciais e sexistas, ao praticarmos a “educação como ato político” (FREIRE, 1989) e como forma de intervenção no mundo (FREIRE, 2017a), evidenciando as

“contribuições políticas dos sujeitos que vem das margens” (REIGOTA, 2010a, p. 1).
A seguir apresentaremos os movimentos formativos desse encontro.

Iniciando nossas conversas com um diálogo poético

Fotografia 34 - Encontros afetuosos que produzem mudanças em nós



Fonte: arquivo pessoal.

Recitamos o poema Vozes-mulheres da escritora Conceição Evaristo.

*A voz de minha bisavó
Ecoou criança
Nos porões do navio.
Ecoou lamentos
De uma infância perdida.*

*A voz de minha avó
Ecoou obediência
Aos brancos-donos de tudo.*

*A voz de minha mãe
Ecoou baixinho revolta
No fundo das cozinhas alheias
Debaixo das trouxas*

*Roupagens sujas dos brancos
Pelo caminho empoeirado
Rumo à favela.*

*A minha voz ainda
Ecoa versos perplexos
Com rimas de sangue e
Fome.*

*A voz de minha filha
Recolhe todas as nossas vozes
Recolhe em si
As vozes mudas caladas
Engasgadas nas gargantas.*

*A voz de minha filha
Recolhe em si
A fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
Se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.
(Poetiza: Conceição Evaristo)*

Esse poema foi uma inspiração para dialogarmos sobre as nossas condições de vida, trabalho e resistências. Sobre como as desigualdades raciais, originadas no período de escravização, estão presentes no cotidiano da população negra, colaborando com a marginalização e pobreza principalmente das mulheres negras, situação que se reflete no mercado de trabalho, sendo essa realidade vivenciada por muitas de nós que estávamos nesse encontro. Conversamos ainda sobre o feminicídio enquanto processo histórico de opressão patriarcal e negação dos nossos direitos sociais. Esse poema também narra às resistências ancestrais que acontecem por meio da fala e do ato de nos compreendermos como sujeitos políticos (hooks, 2019b).

Entre nós mulheres que participamos desse encontro houve um consenso em relação à importância do crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. Entretanto, ao refletirmos sobre a mobilidade social das mulheres negras, percebemos que muitas ainda ocupam os postos de trabalho mais precarizados, com menores salários, e enfrentam altas taxas de desemprego, sendo o maior percentual de pessoas pobres e marginalizadas no Brasil. Mesmo quando

conseguimos acessar o ensino superior, optamos pelas profissões com menores salários. Essa realidade é reflexo das desigualdades raciais e de gênero, conforme destaca a autora Sueli Carneiro no artigo “Mulheres em movimento” (2019).

Entendemos que a população negra, após vivenciar um longo e perverso período de escravização, em sua maioria, deixou as senzalas para morar nas favelas, pois o racismo provocou a marginalização, exclusão, desigualdades sociais e a pobreza decorrentes da falta de políticas públicas. Isso mostra que “efetivamente, o racismo que nasce no Brasil associado à escravidão, consolida-se após a abolição [...]” (THEODORO, 2008, p. 24), porque o direito à liberdade não significou melhores condições sociais e econômicas para os povos negros, uma vez que o patriarcado de supremacia branca (hooks, 2019b) tenta naturalizar a opressão racial, dificultando que possamos aprender a dialogar com a nossa história, a fim de nos libertarmos coletivamente das relações de dominação, erguendo as nossas vozes como sujeitos ativos no processo de transformação social.

Episódio 01 – Mística: saberes que emergem dos povos do campo e das florestas

Fotografia 35 – Organização da mística



Fonte: arquivo pessoal.

Para esse encontro, organizamos uma mística que foi pensada como um momento de celebração, para nos alimentarmos das re-existências, solidariedades, sonhos e esperanças presentes nos povos indígenas, quilombolas e MST que nos ensinam que somos seres coletivos, e que fazemos parte de uma luta ancestral, que não se esgota em nós, sendo esses sujeitos inspirações para continuarmos com as nossas ações comunitárias em Viana. A mística foi um momento de fortalecimento individual e coletivo, pois sabemos que os direitos sociais foram garantidos mediante a luta, suor e sangue de homens e mulheres que desafiaram o sistema de opressão em que vivemos.

O momento da mística foi conduzido por Raquel Passos, intérprete musical de duas canções compostas pela Fatinha Castelan e que foram cantadas no decorrer desse encontro. A primeira, cujo título é *Da Mãe África Viemos* (2019), fala da história e memória presentes na oralidade dos povos negros que lutam cotidianamente: contra o racismo; pela liberdade de existir; e para continuarem conectados com a ancestralidade africana. Já a canção *Grita Mulher* (2017) denuncia a naturalização da violência praticada contra os corpos femininos e convoca as mulheres a seguirem lutando por sua libertação do machismo. Por meio dessas canções, encontramos na história das guerreiras afro-ameríndias a resistência necessária para continuarmos apostando nas nossas práticas políticas, pedagógicas e ecológicas em Viana.

*Força vital que está presente na ancestralidade
Na memória, na história, em nossa oralidade
Corpo livre e gingado, viva a liberdade
(Trecho da Canção: Da mãe África Viemos)*

*Irmãs, irmãos quilombolas, mantêm viva a memória
Caxambu, na capoeira, no jongo e no congo
Gritando liberdade, é hora de lutar
Grito que ecoa, vamos anunciar
(Trecho da Canção: Da mãe África Viemos)*

Quanto ao espaço que compôs a mística, estavam presentes alguns instrumentos musicais e outros elementos da cultura indígena e quilombola como o tambor, casaca, chocalho, máscara africana, esteira de palha, artesanato, bem como manjerição e alecrim para perfumar o ambiente. A Raquel Passos levou um jarro

com rosas do deserto, vegetação característica das regiões áridas do Continente Africano, simbolizando a resistência desses povos.

Ela também levou um tecido característico dos povos ameríndios como os Incas, sendo símbolo da tradição peruana, o que nos possibilitou refletir tanto sobre os assassinatos das lideranças indígenas e quilombolas, expulsão, quanto sobre a apropriação de suas terras pelos fazendeiros, madeireiros e indústrias. A vela simbolizava a chama da esperança, fazendo emergir em nós tudo que nos traz esperança, a fim de continuarmos nossa caminhada de re-existência enquanto integrantes dos movimentos sociais vianenses que realizam práticas ecológicas insubmissas na bacia do rio Formate.

Fotografia 36 - Diálogo com os elementos da mística



Fonte: arquivo pessoal.

Além disso, Raquel Passos levou uma camiseta estampada com os rostos de mártires capixabas, como a irmã Cleusa Carolina Rody Coelho, defensora dos povos indígenas; o Juiz Alexandre Martins, que ficou conhecido como símbolo de justiça e coragem por causa de sua atuação contra a impunidade e o crime organizado no Espírito Santo; o Padre Gabriel Maire, envolvido nas lutas populares, nos grupos de

fé e política e nos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base; o ambientalista Paulo César Vinha, biólogo que liderava o movimento contra a extração de areia na área de restinga e a construção de empreendimentos imobiliários em locais de preservação ambiental na cidade de Guarapari.

Nessa camiseta também estava estampado o rosto da vereadora carioca Marielle Franco, socióloga, militante feminista, negra, que lutava pelas causas das comunidades LGBTQIA+, pelos Direitos Humanos, e denunciava o abuso de autoridade e a violência policial cometida contra os/as moradores/as das favelas no Rio de Janeiro. Esse momento contribuiu para que viessem à tona o nome de outras mulheres e homens que morreram lutando contra a dominação e opressão.

Finalizamos a mística com a Raquel Passos entoando a canção *Sorriso de Marielle* (2019), composição de um grupo de artistas capixabas, do qual faz parte, em homenagem à vereadora assassinada em março de 2018. Essa música narra a resistência que nasce nos quilombos e nas favelas, sendo muitas dessas lutas lideradas por heroínas negras.

Fotografia 37 - Cantando sobre as nossas re-existências femininas

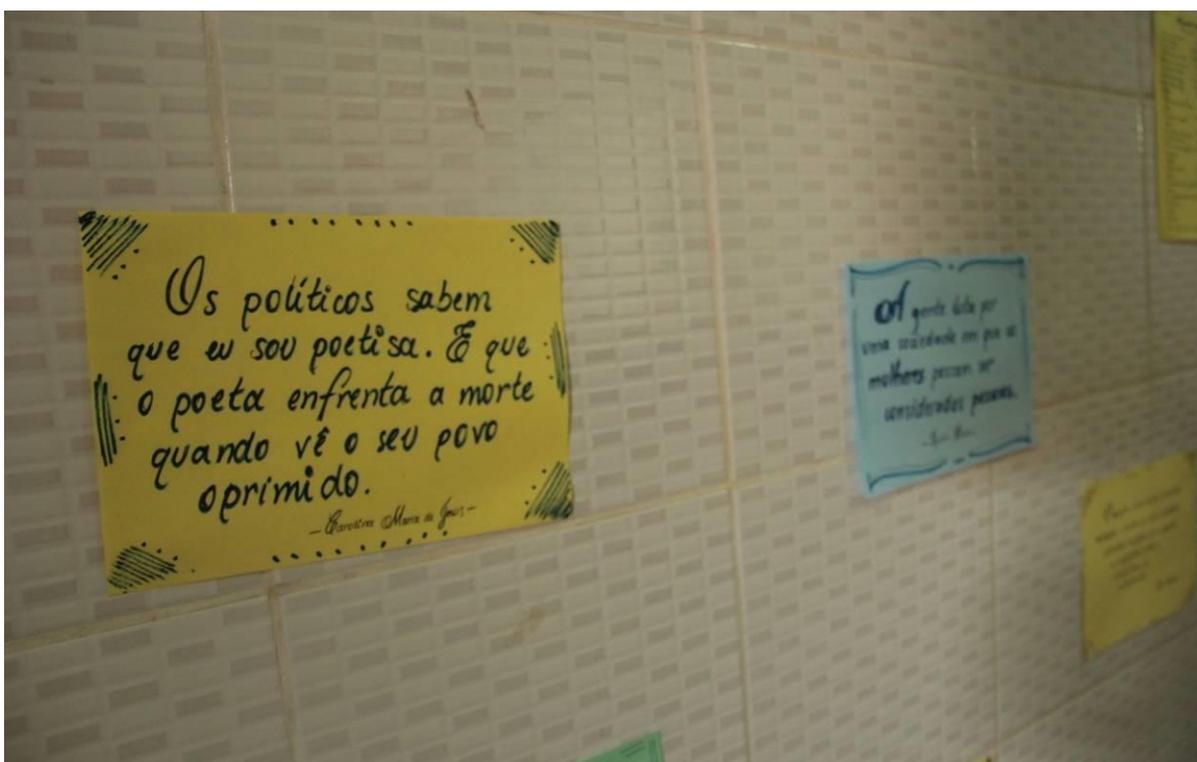


Fonte: arquivo pessoal.

Episódio 02 – Frases, charges e as ecologias insubmissas antirracistas

Durante o encontro, dialogamos com as imagens e objetos que estavam presentes, sendo um convite para conversarmos sobre as narrativas insubmissas desse grupo de mulheres que, a partir das práticas cotidianas, reinventam “ecologias menores” (GODOY, 2008), ao pensarem outros modos de existir e de habitar o mundo com base na coletividade. “[...] As ecologias que a vida produz dizem respeito a outros modos de se sentir e pensar, de se relacionar, outros modos de existência para além da conservação [...]” (GODOY, 2008, p. 152). Portanto, para esse momento formativo, escolhemos dialogar com as re-existências femininas enquanto ecologias insubmissas antirracistas.

Fotografia 38 – Frases de mulheres que se reinventam a partir da escrita



Fonte: arquivo pessoal.

Lemos as charges e as frases das autoras feministas negras e indígenas que dialogam sobre o amor à liberdade como enfrentamento à dominação e à opressão e que debatem a dificuldade em garantirmos políticas públicas para os povos indígenas e quilombolas, o reconhecimento das mulheres enquanto pessoas, a luta dos povos do campo, a identidade indígena, a importância da Lei Maria da Penha no

combate à violência doméstica, o feminicídio, o extermínio da população negra, o diálogo feminista pautado na justiça social, equiparação e equidade de gênero. Durante esses debates, entendemos que nós mulheres podemos mudar o rumo das nossas histórias por meio das resistências coletivas e que ninguém está disposta a retroceder e soltar a mão da outra.

Após esse momento de reflexão, assistimos ao vídeo produzido por uma das militantes do Coletivo Formate, a Juliana Gama, a fim de entrelaçarmos as nossas práticas ecológicas insubmissas às problemáticas ambientais nacionais e aos movimentos de re-existência que acontecem em diversas localidades do país, sendo muitos desses movimentos liderados por mulheres oprimidas, evidenciando que a libertação das opressões cotidianas é coletiva.

A canção escolhida para compor o vídeo foi *Eu Só Peço a Deus* (1986), interpretada pelas saudosas Mercedes Sosa e Beth Carvalho, com imagens das queimadas que ocorreram na região Amazônica em 2019; dos crimes ambientais nas cidades de Mariana e Brumadinho; do derramamento de óleo nas praias do nordeste; dos atos públicos contra o uso indiscriminado de agrotóxicos; das manifestações do Movimento Sem Terra (MST); da Marcha das Margaridas; das Mulheres Negras no combate ao racismo e extermínio da juventude negra; das mulheres indígenas contra o genocídio; do movimento feminista pelo fim da violência doméstica, feminicídio e a cultura do estupro; da luta dos refugiados para serem aceitos em outros países.

Já na segunda parte do vídeo, mostramos os movimentos ocorridos no município de Viana, tais como: a Femopovi liderando o movimento nenhum direito a menos; a Asiarfa na caminhada ecológica de Araçatiba; a Ascamavi no trabalho de reciclagem em Viana; o grupo Artesanarte na luta pela Economia Solidária; o Coletivo Formate nas ações da Ecoteca e na oficina de audiovisual no Cine Terra Mãe; a representatividade do congo de Araçatiba; o Sarau plural que exala resistência em Marcílio de Noronha e os Amigos do rio Formate numa ação de plantio de mudas nativas às margens desse rio.

Conversamos sobre os movimentos de re-existência e a presença feminina nesses espaços como sendo atuante e significativa. Pensamos também nas mulheres nessa relação de transformação do e com o mundo, como “[...] um ato de coragem, nunca de medo, o amor é compromisso com os homens [e as mulheres], onde quer que estejam estes, oprimidos, o ato de está em se comprometer-se com sua causa. A causa de sua libertação [...]” (FREIRE, 2017b, p. 111). Por esse motivo, buscamos criar e experimentar outros modos de existir, reorganizando a ordem masculina de mundo, por meio das nossas relações subjetivas e afetivas, envolvendo-nos com as demandas sociais.

De acordo com a autora Sueli Carneiro (2019, p. 197) “[...] um dos orgulhos do movimento feminista brasileiro é o fato de, desde o seu início, estar identificado com as lutas populares e com as lutas pela democratização do país”, porque fazemos parte dos grupos historicamente oprimidos, que almejam a justiça social e a democrática, reconhecendo que não existirá uma democracia de fato enquanto houver desigualdades raciais, sociais, econômica, de gênero e intragênero.

Episódio 03 – Poesia indígena: pensando as resistências e violências praticadas contra os seus corpos e existências

Recitamos o poema *Natureza em chama*, da escritora Márcia Kambeba, mulher indígena, feminista, geógrafa, poetiza, cantora, compositora, fotografa, atriz, contadora de história e documentarista, que se expressa por meio da arte como forma de reafirmação dos povos indígenas. Ela acredita que semelhante à sapopema (raiz) da Sumaúma³³ que ao ser tocada ecoa longe o seu som, as expressões artísticas, com as quais dialoga, também fazem ecoar o som das vozes dos guerreiros e guerreiras indígenas que resistem às violências praticadas contra os seus corpos e sua existência.

*Na terra sagrada
Que Tupã criou,
Do seio materno*

³³ Árvore gigante símbolo da região amazônica, que pode chegar à altura de 70 metros.

*Se ouve o clamor,
Da mãe natureza
Sofrendo de dor.*

*O fogo ardente,
Ao longe se vê,
Queimando a mata
Sem Q, nem porquê,
As folhas se torcem
Querendo viver.*

*No solo desnudo,
Os restos mortais,
Do verde da vida
E dos animais,
Queimados, sofridos
Em cinzas reais.*

*Dos gritos agudos
Se ouve o clamor,
Do fruto ardendo
Na chama, no calor,
Ceifado, perdido,
O fogo o calou.*

*Dos olhos tristes,
Uma lágrima cai,
O lamento de dor
Com o vento se vai,
Varrendo o chão,
Varrendo o chão!
(Poetiza: Márcia Wayna Kambeba)*

Através desse poema, recordamos as educações ambientais que emergem das nossas redes de conversações, e um dos assuntos que aflorou foi o período das queimadas que aconteceram na região amazônica em 2019, que mostram como a herança colonial portuguesa está presente no modo de vida capitalista, urbano e industrial que marca as relações de dominação, acultramento, genocídio da população indígena, pois estes insistem em manter essa relação de pertencer a terra, que dá sentido à nossa existência a partir dessa conexão entre subjetividade, relações sociais e o cuidado com o meio ambiente onde estamos inseridos/as.

Esse momento também fez emergir em nós o sentimento de admiração, respeito, gratidão, solidariedade aos povos indígenas que resistem, e defendem os seus

territórios com o próprio sangue há mais 500 anos contra “[...] o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza [...]” (KRENAK, 2019, p. 41). Por isso, buscamos na resistência dos povos indígenas inspiração para continuarmos realizando as nossas práticas ecológicas em defesa do rio Formate.

Fotografia 39 - Diálogos poéticos insubmissos



Fonte: arquivo pessoal.

Episódio 04 - Diálogo com a literatura: narrativas ficcionais e racismo ambiental

Apresentamos a escritora Conceição Evaristo e a sua obra *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2016), que inspirou o nosso encontro “*Diálogo de Mulheres Insubmissas*”, porque as narrativas ficcionais que emergem do cotidiano das protagonistas negras foram construídas com o intuito de questionarem as relações humanas opressoras e também de mostrarem a solidariedade e irmandade feminina negra, e como elas se acolhem e criam estratégias para se libertarem do patriarcado. Destacamos nesse livro a maneira como a autora escolheu retratar cada personagem, recorrendo à

mística, ancestralidade e oralidade africana, para produz outros discursos e narrativas contra-hegemônicas, sendo esses diálogos um convite para repensarmos as nossas existências e a continuarmos com as nossas insubmissões contra as forças coloniais.

Fotografia 40 - Literatura enquanto espaço de enfrentamento ao racismo



Fonte: arquivo pessoal.

Fizemos também uma breve apresentação do livro *Quarto de Despejo* (2014), de autoria de Carolina Maria de Jesus. A leitura desse livro mostra como a escritora era uma mulher forte, determinada e talentosa, que apesar de sofrer discriminação por ser mãe solo, continuava cuidando dos filhos sozinha, pois essa decisão era uma escolha dela, visto que tinha outras prioridades e sonhos que não estavam atrelados ao matrimônio. Quando vivenciava situações de racismo, dizia “[...] eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta” (JESUS, 2014, p. 64). Lemos um dos poemas de Carolina Maria de Jesus, publicado no jornal *Folha da Noite* (1958), no qual ela reivindica o direito de ser reconhecida como escritora.

*Não me digam que fui rebotalho,
Que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
Mais fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
Que meu sonho era ser escritora,
Mas eu não tinha dinheiro,
Para pagar uma editora.
(Poetiza: Carolina Maria de Jesus)*

Por meio da publicação do seu diário, na década de 60, a escritora Carolina Maria de Jesus conseguiu garantir o direito de existir publicamente, no período em que as narrativas autobiográficas faziam parte da cultura dominante. “[...] ainda são raras as autobiografias de mulheres transgressoras, sejam as politicamente engajadas em movimentos sociais, sejam as que se rebelaram de outros modos contra os códigos normativos hegemônicos, especialmente no Brasil” (RAGO, 2013, p. 32).

Pensando na Carolina que habita em nós, pois as suas vivências se assemelham com o cotidiano da maioria das mulheres marginalizadas que estavam participando do encontro, acabamos nos identificando com ela. Como foi o caso da Demilene Prates, que faz parte da comissão de verificação da heteroidentificação no município de Viana, atua no conselho de saúde, é negra, viúva, mãe solo, que cuida dos três filhos, sendo um deles pessoa com deficiência, e que recebe o aluguel social.

A Demilene disse que também é cobrada em relação ao casamento, mas, que já tem uma rotina organizada com os filhos. E quando a casa precisa de pequenos reparos, sendo essas atividades consideradas atribuições socialmente masculinas, ela e a filha fazem os consertos cozinhas. Outra situação que faz com que Demilene se identifique com a escritora Carolina Maria de Jesus é a dedicação à educação formal dos filhos, porque acredita na transformação social por meio da educação.

A Mariazinha Lourenço narrou que a história de Carolina Maria de Jesus lhe fez recordar da dona Maria Clara da Silva, mulher negra, pobre, iletrada, moradora do município de Vila Velha, idealizadora do Movimento Nacional de Luta por Moradia (MNLN) no Espírito Santo, uma militante com grande sabedoria popular. A Mariazinha disse que elas se conheceram no período em que participou e representou a Femopovi no movimento de moradia popular.

Nessa ocasião, um grupo de moradores/as de Viana conseguiu organizar um levantamento de dados, em 2016, que serviu de base para que a Femopovi pudesse atualizar as informações municipais no Ministério das Cidades, porque a instituição havia sido aprovada para construir moradias populares, sendo destinadas às famílias de baixa renda e moradores/as das áreas de risco.

A Elenice Tozzi mencionou que por causa do golpe político sofrido pela Presidenta Dilma Rousseff, a Femopovi perdeu a possibilidade de construir 290 moradias populares, porque o Ministério das Cidades passou a exigir dos movimentos sociais que haviam sido habilitados, experiência prévia nessa área, beneficiando somente as empresas que já atuam na área de construção civil. Por isso, a Femopovi não conseguiu tirar esse sonho do papel.

O encontro com a literatura contribuiu para vivenciarmos esse diálogo de descolonização dos nossos pensamentos, no sentido de enegrecermos e ocuparmos os espaços de poder (CARNEIRO, 2019) associando à imagem dos corpos femininos negros marginalizados pelo patriarcado de supremacia branca (hooks, 2019b) como sendo corpos de sujeitos políticos, que fazem o enfrentamento ao racismo, machismo e sexismo. Nesse encontro-formação, conversamos a respeito das problemáticas ecológicas locais e como o racismo ambiental impacta nas nossas discussões sobre saneamento básico, água e as possíveis ações de preservação do rio Formate que atualmente está em coma devido à poluição.

Episódio 05 - Rio Formate: espaço de aprendizagem coletiva

Nas nossas conversas, a Célia Maria (conhecida como Beth) relatou que a organização de alguns moradores/as que compõem a Região Administrativa 10³⁴ do município de Cariacica conseguiu garantir a finalização das obras referente aos apartamentos do condomínio Apolônio de Carvalho, localizado no bairro Operário,

³⁴ Refere-se aos dez bairros que compõem a região administrativa do município de Cariacica, sendo eles: Novo Brasil, Nova Campo Grande, Vale dos Reis, Vista Dourada, Novo Horizonte, Operário, Piranema, São Gonçalo, Mucuri e Vila Independência.

sendo estas moradias destinadas às famílias que residiam nas áreas de risco, incluindo os moradores/as que margeiam o rio Formate nessa região.

Entretanto, no município de Viana, os moradores/as que vivenciam a mesma realidade às margens do rio, por falta de programas habitacionais, continuaram residindo nos mesmos locais e tendo perdas materiais nos períodos de alagamentos. Ela também mencionou que, para avançarmos em relação à revitalização do rio Formate, temos que conseguir recursos municipais (Cariacica e Viana) e estadual e que dependemos da ampliação da rede de esgoto pela Cesan, principalmente nos bairros da Região Administrativa 10 de Cariacica.

Fotografia 41 - Compartilhando histórias de re-existências



Fonte: arquivo pessoal.

Aproveitamos esse momento de diálogo sobre moradia, rio, enchentes e a dificuldade que grande parte da humanidade tem de se relacionar com os demais seres vivos e com o meio ambiente em que vivemos, para recitarmos o poema *Lamento de um Rio*, da professora Scheilla Lobato, que atua na educação infantil da rede pública municipal de Cachoeiro de Itapemirim.

Me perdoem por toda esta "bagunça"...
Eu só queria passar.
Eu não fui feito pra destruir...
Eu só queria passar.

Já fui esperança para os Navegantes...
Rede cheia para Pescadores...
Refresco para os banhistas em dias de intenso calor.
Hoje sou sinônimo de medo e dor...
Mas, eu só queria passar...

Me perdoem por suas casas
Por seus móveis e imóveis
Por seus animais
Por suas plantações...
Eu só queria passar.

Não sou seu inimigo
Não sou um vilão
Não nasci pra destruição...
Eu só queria passar.

Era o meu curso natural
Só estava seguindo meu destino
Mas, me violentaram,
Sufocaram minhas nascentes
Desmataram meu leito...
Quando eu só queria passar.

Encontrei tanta coisa estranha pelo caminho...
Que me fizeram transbordar...
Muros
Casas
Entulhos
Garrafas
Lixo
Pontes
Pedras
Paus...
Tentei desviar ...
Porque eu só queria passar.

Me perdoem por inundar sua história,
Me perdoem por manchar esta história...
Eu só estava passando...
Seguindo o meu trajeto
Cumprindo o meu destino:
Passar....
(Poetiza: Scheilla Lobato)

Pensando a realidade do rio Formate em Viana, para além das situações envolvendo as problemáticas que ocorrem no período das enchentes, destacamos que os moradores/as mais antigos do bairro Marcílio de Noronha compartilham histórias afetivas com este rio, e essa relação acabou despertando em alguns moradores/as o interesse pela participação social, ao atuarem na associação de moradores, Pastoral da Criança, conselhos municipais de direitos, movimentos sociais que têm como bandeira de luta este rio.

Além disso, são organizadas ações, em conjunto, entre os movimentos de resistência dos municípios de Viana e Cariacica em defesa e preservação do rio Formate. Dentre elas foram organizadas duas audiências públicas em 2019, na qual foi formada uma comissão com membros desses movimentos para dialogarmos com os gestores municipais e também apostarmos nas práticas educativas nas escolas mais próximas do rio. Podemos dizer que o rio Formate tem estimulado movimentos de resistências, contribuindo com a nossa formação política e cidadã e possibilitado reinventar práticas educativas comunitárias e aprendizagens coletivas.

Por causa da sua atuação na Asiarfa, a Maria da Penha Leite escreveu e declamou o poema *Onde Nasce o rio Formate*.

*Bem no Alto da Colina
Nasce um rio, pequenino e singular
Sua água é pura e cristalina,
Sua beleza é sem par!
Nessa água pura e cristalina
Todos podem se espelhar.*

*Vem descendo sereno
Abraçando outros rios
Córregos e nascente
Formando em seu leito
A mais linda corrente!
Essa água mansa,
Que tanto me fascina!
Sacía a nossa sede
E a sede de criação
Também sacía a sede
Da planta que germina!*

De repente me invade,

*Uma imensa tristeza!
 Quando vejo sem graça
 Esse rio que passa,
 Perdendo a beleza!
 Pra reverter a nossa vertente,
 Eu convido a toda gente
 Pra não deixar doente
 Esse rio tão potente!
 Que é o nosso expoente!
 Venham todos!
 Através da união
 Fazermos neste rio
 Em forma de ação
 Sua grande revitalização*

*Revitalização?
 Como?
 Com quê?
 Lei lá
 Não importa com o quê.
 Seja cedro, vinhático, jacarandá ou Ipê
 Laranjeiras, bananeiras
 Ou mudinha de abacate
 Só não podemos deixar morrer
 O nosso rio Formate!
 (Poetiza: Maria da Penha Leite da Silva)*

Nesse poema, constatamos duas realidades: a primeira mostra um rio Formate cristalino, que nasce na área rural, do qual as pessoas utilizam suas águas para se manterem vivendo no campo, sendo esse rio essencial também para a vegetação nativa local; já a segunda parte do poema, mostra um rio Formate poluído no perímetro urbano, por causa da ocupação irregular de suas margens, o acúmulo de lixo, esgoto doméstico e industrial sem tratamento, sendo essa situação agravada pela retirada da mata ciliar, provocando o assoreamento do rio em algumas localidades. O poema também fala da importância das pessoas se envolverem no processo de revitalização do rio Formate.

A Penha deixou também transparecer a sua preocupação com a reforma da previdência e com o fato de que essa mudança atinge principalmente as mulheres. Ela disse que nós trabalhadores/as já fomos penalizados com o congelamento dos gastos na saúde, educação e na assistência social, medida tomada após o golpe político sofrido pela presidenta Dilma Rousseff. Outra preocupação dela tem sido

com relação ao aumento do consumo de agrotóxico no país e o impacto que o agronegócio causa na nossa saúde e no ambiente em que vivemos.

Aproveitamos a ocasião e solicitamos que a Penha pudesse recitar outro poema escrito por ela, que é o *Quebraram a nossa pátria e rasgaram a nossa bandeira*, tendo sido este publicado em 2018, no livro *João Bananeira II*, através da 7ª edição do concurso Semente Literária, organizado pela Prefeitura Municipal de Cariacica.

*Nossa Bandeira Brasileira
Que deveras foi consagrada
Pela maioria respeitada
Nunca deixou de ser amada.*

*Hoje, a nossa bandeira, eu fico a olhar
Com meus olhos rasos d'água,
A voz embargada e o peito magoado
Pois a minoria fez dela
Apenas um manto rasgado!*

*Nossa riqueza foi surrupiada!
Nosso ar poluído, nosso céu,
Pela fumaça acinzentado
Nossa água cristalina
Pela elite envenenada!
Nosso verde foi devastado
Pelos barões foi transportado
Sem ao menos perguntar
Por quem foi plantado?*

*É hora de darmos as mãos
Não podemos postergar
Vamos todos em união
A nossa pátria consertar
E a nossa bandeira costurar.
(Poetiza: Maria da Penha Leite da Silva)*

Diante do contexto político atual, pensar em reconstruir o Brasil é um grande desafio e para nós que acreditamos e nos envolvemos nos movimentos sociais comunitários é um compromisso que assumimos no nosso cotidiano, pois as nossas histórias de resistência são tecidas coletivamente mediante as práticas ecológicas insubmissas que realizamos e temos dialogado a respeito da retomada das formações de base a fim de continuarmos com o nosso legado de resistência.

Episódio 06 - Heroínas negras mostram que as nossas re-existências são ancestrais

Apresentamos a coleção em cordéis das vinte heroínas negras brasileiras (2017), que compõe a obra da escritora, poetiza, cordelista, jornalista nordestina Jarid Arraes, militante do movimento feminista negro, que ao revisitar a história dessas mulheres, sentiu o desejo de contribuir com o movimento de re-existência a fim de que elas não sejam esquecidas. Por isso, escolheu apresentá-las em cordéis, como forma de facilitar o diálogo especialmente com os/as estudantes. Entendemos que “[...] o propósito aqui não é impor uma epistemologia da verdade, mas contribuir para o debate e mostrar diferentes perspectivas” (RIBEIRO, 2019a, p. 14).

Fotografia 42 - Diálogos reflexivos



Arquivo pessoal.

A coleção das heroínas negras (2017) dialoga com o livro *Olhares Negros: raça e representação* (2019a), da autora bell hooks, no qual ela faz “[...] um regresso em busca daquilo que as narrativas hegemônicas ‘deixaram cair’ ao longo da história. Consolida-se como uma obra que nos impõe um compromisso ao mesmo tempo

epistemológico e ético” (hooks, 2019a, p. 22), sendo essas leituras um convite para repensarmos a imagem socialmente construída a respeito de nós mulheres.

Iniciamos esse diálogo, apresentando Maria Aranha, que foi uma das lideranças política do quilombo do Mola, localizado em Tocantins. Antonieta de Barros, professora, jornalista, escritora, foi a primeira deputada negra, defendia a emancipação feminina e lutava contra o racismo. Maria Firmina dos Reis, professora e primeira escritora negra brasileira, abordava temas ligados à abolição da escravidão, criticava a sociedade escravagista e fundou uma escola pública, gratuita e que atendia meninas e meninos na mesma sala de aula. Maria Felipa, marisqueira que liberou um grupo de mulheres no processo de independência da Bahia. Eva Maria do Bonsucesso, mulher alforriada, ousada, trabalhava como quitandeira, foi agredida por um homem branco, rico e de família influente, defendeu-se da agressão, denunciou o agressor e lutou arduamente até ele ser condenado e preso.

Dando continuidade à trajetória das heroínas negras, destacamos a atuação de Tereza de Benguela, que liderou por vinte anos o Quilombo Quariterê em Mato Grosso e de forma coletiva tomava as decisões, e quando apreendiam nas batalhas as armas dos Bandeirantes, transformavam os armamentos, principalmente, em panelas para alimentar o povo quilombola. Aquatune princesa guerreira do Congo, escravizada no Brasil, símbolo de resistência, liderou e expandiu o Quilombo dos Palmares e foi avó de Zumbi dos Palmares. Zeferina, rainha, guerreira, que fundou o quilombo do Urubu. Era também estrategista de guerra. Tia Ciata exercia sua liderança religiosa por ser Mãe de Santo, sua casa era um ponto de cultura e resistência negra abrigando os/as sambistas e capoeiristas marginalizados/as e perseguidos/as pela polícia. Tia Simoa liderou o processo de luta e resistência negra pelo fim da escravização de pessoas no Ceará.

Evidenciamos também a história de Luiza Mahin que participou ativamente da revolta dos Malês e da Sabinada que aconteceram na Bahia e, em sua casa, ocorriam as reuniões de organização dos movimentos de resistência. Anastácia utilizava o seu conhecimento como curandeira para aliviar a dor e o sofrimento de seu povo, mesmo tendo sido ela obrigada a usar uma máscara em seu rosto, após

lutar para não ser abusada sexualmente pelo filho do casal que a escravizava. Mariana Crioula liderou juntamente com Manoel Congo a maior fuga de pessoas escravizadas da região fluminense, no Rio de Janeiro. Esperança Garcia, mulher escravizada, que corajosamente denunciou, por meio de carta, as situações desumanas vivenciadas pelos/as negros/as, tendo sido simbolicamente reconhecida pela Ordem dos Advogados do Brasil – Seção Piauí, como a primeira mulher advogada desse Estado.

Temos ainda as histórias de Acotirene, matriarca do Quilombo dos Palmares, guerreira e conselheira quilombola. Na Agontimé, rainha de Daomé, veio escravizada para o Brasil, comprou a sua alforria e fundou a Casa das Minas, religião de matriz africana, de origem matriarcal. Laudelina de Campos, sindicalista, trabalhadora doméstica, militante feminista e defensora da igualdade racial. Zacimba Gaba, princesa guerreira da nação de Cabinda, localizada na Angola, foi sequestrada e vendida na Capitania do Espírito Santo, liderou a revolta na qual os seus algozes foram mortos e fundou o seu próprio quilombo. Dandara dos Palmares, guerreira, capoeirista, líder do exército feminino palmarino, trabalhadora agrícola e estrategista de guerra. Carolina Maria de Jesus, escritora mineira, favelada, catadora de papel, que narrou em suas obras as questões raciais, de gênero e as desigualdades sociais.

Essa tentativa de apagar da historiografia oficiosa ou oficial (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003) as mulheres negras que buscaram romper com a opressão patriarcal, não permitindo que tivéssemos acesso a elas no período escolar, tem sido uma estratégia utilizada para se naturalizar a violência, reforçar o machismo, as desigualdades raciais e de gênero, fazendo-nos acreditar em uma suposta postura feminina conformista diante das relações de dominação masculina. O protagonismo dessas mulheres negras mostra que em diferentes momentos históricos elas organizavam espaços de re-existência, não se restringindo ao ambiente doméstico familiar, pois atuavam como lideranças políticas.

Constatamos que, “[...] em um contexto supremacista branco, ‘amar a negritude’ raramente é uma postura política refletida no dia-a-dia. Quando é mencionada, é tratada como suspeita, perigosa e ameaçadora” (hooks, 2019a, p. 47). Por isso, para

as feministas negras, combater o racismo é um compromisso político assumido frente às relações de opressão, dominação e sexismo.

Trazer à tona as histórias das heroínas negras foi uma maneira que encontramos de evidenciar que as nossas re-existências são ancestrais contra as relações de dominação e nos alimentamos da coragem e ousadia dessas mulheres por entendermos que guardamos em nós parte das histórias dessas guerreiras, a fim de que elas possam nos inspirar a continuarmos praticando as nossas insubmissões coloniais em Viana, conectando as nossas práticas ecológicas com as ações educativas antirracistas.

Episódio 07 - Becos da Memória: (re)inventando práticas ecológicas insubmissas

Fotografia 43 - Exposição Fotográfica Becos da Memória



Fonte: arquivo pessoal.

Organizamos uma exposição de fotografias que chamamos de “Becos da Memória” (2017), tendo sido inspirado no livro “Becos da Memória” da escritora Conceição Evaristo. Essa aproximação se deu pelo fato de a autora abordar fragmentos das histórias de pessoas marginalizadas, moradoras de uma comunidade, cujas

escrevivências se entrelaçam com o processo de desfavelamento, que fez emergir um pouco dessa memória afetiva dos/as moradores/as, as lembranças, as emoções, a ancestralidade, a solidariedade, sendo registros das memórias oprimidas e também um convite para revisitarmos as nossas memórias e evidenciarmos quem são as pessoas com as quais escolhemos compor as nossas histórias de re-existências.

Ressaltamos que uma parte das fotografias foram dedicadas às escritoras, autoras, feministas negras e indígenas, como Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Elisa Lucinda, bell hooks, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzalez, Angela Davis, Márcia Kambeba, Sônia Guajajara e Eliane Potiguara. Realizamos também uma homenagem às mulheres que foram assassinadas, como Marielle Franco, devido a sua atuação política; Dorothy Stang, que defendia a luta camponesa e indígena pelo direito a terra e a pequena Araceli Cabrera, criança que se tornou símbolo da luta no combate à violência sexual praticada contra as crianças e os adolescentes, após sofrer abuso sexual, ser morta e carbonizada. Outra mulher lembrada foi a Maria da Penha Maia, vítima de violência doméstica, que levou um tiro, ficou paraplégica e quase morreu eletrocutada pelo ex-companheiro, uma sobrevivente que conseguiu garantir a criação da Lei Maria da Penha.

As demais fotografias dialogavam com as práticas cotidianas de mulheres vianenses, como a Cida Oliveira na ação de plantio às margens do rio Formate e seus afluentes; a Zezé Barbosa realizando seu trabalho na Ascamavi; a Mariazinha Lourenço no grupo de mulheres artesãs; a Linda de Abreu e a Josi Galina coletando água do rio Formate para o projeto Observando os Rios, do SOS Mata Atlântica; a professora Penha, organizando uma ação beneficente para manter as atividades ambientais da Asiarfa; a Dani Dias na Oficina de fanzine; a Elenice Tozzi e a Márcia Margareth na posse da Gestão da Femopovi; a Linda de Abreu participando do projeto Bike Anjo, que ensina as pessoas a andarem de bicicleta e, no movimento de panfletagem da Mercy For Animals, falando da importância da vida dos animais.

Mostramos ainda a Cida Araújo em um momento de roda de conversa com mulheres que lutam contra a violência doméstica e pelo direito ao emprego e renda, e discursando sobre as perdas dos direitos sociais nesse desgoverno; a Menara

Lopes em um ato público #EleNão, que ocorreu em 2018, organizado pelas mulheres em protesto contra a candidatura do atual presidente da república, por causa das suas declarações machistas, homofóbicas, sexistas e que reforçam as relações patriarcais; a Raquel Passos mostrando a sua resistência através da música; a Dani Lyra na oficina de papel reciclado; a Juliana Gama na organização da 3ª mostra do Cine Colorado, no evento de premiação da Mostra Curta Colorado em 2018 e na oficina de cineclube realizada no Sítio Terra Mãe com a comunidade de Piapitangui; a Josi Galina na oficina de leitura com as crianças na Ecoteca e conduzindo o momento de formação de professores/as em educação ambiental no Município de Viana.

A exposição fotográfica Becos da Memória foi organizada para dialogarmos com as imagens das nossas práticas políticas, pedagógicas e ecologias insubmissas locais que expressam um pouco desses sentimentos que brotam, afloram e transbordam em nós, deixando fluir a vida, sendo a representação do nosso amor pelo mundo, nessa relação de quem transforma, ensina e aprende com o mundo e por meio da experiência de ser coletivo. Nessas fotografias buscamos evidenciar a esperança como ato revolucionário por está associada ao verbo esperar no sentido de não se conformar com a realidade opressora, pois “[...] movo-me na esperança enquanto luto (FREIRE, 2017b, p. 114)

Episódio 08 - Cineclube enquanto prática política e pedagógica

No 1ª momento cineclubista, assistimos ao vídeo produzido pela Mídia Ninja (2019) sobre Marielle Franco, que se tornou fonte de inspiração para a canção *Sorriso de Marielle* (2019) e para dialogarmos sobre a pouca participação das mulheres negras e militantes ocupando cargos políticos, mesmo após a aprovação da Lei 9504/97, que foi alterada pela Emenda Constitucional 97/2017, que reserva 30% das legendas partidárias às candidatas mulheres. Entendemos que o cumprimento dessa lei, juntamente com a mudança de pensamento, no sentido de reconhecermos que nós mulheres somos sujeitos políticos que lutam pela democratização política, pode ser considerada um avanço.

Na democracia representativa brasileira, geralmente, os cargos políticos são ocupados hegemonicamente pelos homens, heterossexuais, brancos, racistas, classistas e sexistas, sendo esses motivos, os principais dificultadores no enfrentamento das desigualdades de gênero e intragênero no âmbito político partidário. Além disso, a superação dessa situação acontece de forma morosa, por isso, precisamos contribuir com a mudança dessa realidade (CARNEIRO, 2019). No nosso caso, enquanto mulheres que compõem os grupos sociais marginalizados, podemos contribuir com o diálogo sobre a pouca presença feminina negra no cenário político associado às nossas práticas comunitárias.

Fotografia 44 - Diálogos que incomodam a casa-grande



Fonte: arquivo pessoal.

No 2ª momento cineclubista, assistimos ao vídeo com a entrevista da escritora Conceição Evaristo, concedida ao Instituto Tear: ponto de cultura e educação (2017), no qual ela fala que a *escrevivência* é a escrita que nasce do cotidiano das mulheres negras, ao representar a sua subjetividade individual e coletiva, retratando o contexto social e político das mulheres oprimidas e marginalizadas, porque “[...] a nossa *escrevivência* não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonhos injustos [...]” (EVARISTO, 2007, p. 21), a

fim de problematizarmos acerca das injustiças raciais, sociais e de gênero e como essas situações atravessam os nossos cotidianos enquanto mulheres inseridas nos movimentos sociais que realizam práticas políticas, pedagógicas e ecológicas insubmissas no município de Viana.

De acordo com a escritora Conceição Evaristo, o ato de “[...] escrever é uma maneira de sangrar [...]” (EVARISTO, 2018, p.117), por trazer à tona recordações que causam muitas vezes dor e sofrimento às mulheres negras, devido à complexidade de suas experiências, mas também é uma forma de evidenciar como cada uma reinventa a vida, ao encontrar outros caminhos para continuarem resistindo.

Através desse encontro com as *escrevivências* da autora Conceição Evaristo, conversamos sobre as narrativas e imagens que nós mulheres produzimos, os lugares de onde elas emergem, os discursos que queremos construir a partir dos vazios históricos deixados pela falta de representatividade feminina, estando essas escolhas e apostas entrelaçadas com o nosso reconhecimento e reafirmação enquanto sujeitos históricos e políticos, dada as nossas experiências como mulheres negras em uma sociedade machista e racista.

No 3ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Negra Tinta* (2018), de autoria da cantora Carú Bonifácio e interpretada por ela e a cantora Bia Ferreira, sendo essa música um convite para as mulheres negras romperem com a subalternidade feminina nas relações de gênero, enegrecendo os espaços de opressão. Elas são compositoras, cantoras, poetizas que dialogam em suas canções sobre negritude, feminismo, força e liberdade. Para essas duas artistas, reconhecer-se como mulher negra e da periferia foi essencial para que as suas escritas musicais se tornassem expressão artística de grito à liberdade, pois são canções que brotam dos seus cotidianos, são símbolos de resistências narradas a partir das suas existências e lugar de fala.

Essa canção reconhece que a união, força e solidariedade feminina na luta coletiva contra o machismo, possibilita-nos desconstruir os discursos patriarcais, os padrões estéticos femininos, que impõe a branquitude como padrão de beleza, sendo esta

uma violência simbólica cometida contra as mulheres negras, já que predomina a estética hegemônica opressora branca e a tentativa de se reduzir, sejam mulheres negras ou brancas, a objetos sexuais.

A canção *Negra Tinta* foi dedicada às mulheres silenciadas pela dominação masculina, às donas de casa que não podem trabalhar fora do lar, às vítimas de feminicídio, as que são violentadas sexualmente, que sofrem violência doméstica, que não podem estudar e às trabalhadoras subalternizadas nos centros urbanos.

Conversamos sobre a pouca presença de mulheres negras nos meios de comunicação e refletimos acerca da atuação do feminismo negro na luta antirracista, na desconstrução da imagem estereotipada da mulher negra, geralmente apresentada de forma sexualizada ou subalternizada, e também ampliamos os diálogos acerca da representatividade feminina negra, pensando a sua diversidade enquanto mulheres heterossexuais, bissexuais, lésbicas, transgêneros, travestis e obesas.

A Josi Galina compartilhou que as mulheres negras e lésbicas ficam mais expostas à discriminação, por causa da cor da pele, orientação sexual e da renda familiar, porque são as mais afetadas pela pobreza. Essas mulheres ainda rompem com a visão de felicidade feminina e a ideia de prazer associado ao homem, bem como o entendimento da figura masculina como chefe e protetor da família.

Essa reflexão da Josi vai ao encontro das discussões suscitadas pela autora Grada Kilomba (2019), que menciona como gênero, raça e sexualidade se entrelaçam com o objetivo de tentar marginalizar, segregar e silenciar as mulheres negras. Além disso, ela destaca que a boca da população negra ainda é um órgão utilizado pelos dominadores com a intenção de manterem o controle dos nossos corpos e pensamentos, dificultando que nos tornemos sujeitos/as por meio da anunciação da palavra.

A Linda de Abreu trouxe como reflexão a importância dos movimentos feministas se sensibilizarem e dialogarem a respeito do sofrimento dos animais fêmeas que são considerados mercadorias de consumo e que carregam em seus corpos as marcas

da violência praticada contra elas, tendo como objetivo alimentar os seres humanos. No caso dos animais domésticos, como as gatas e cachorras, muitas são descartadas nas ruas pelos seus “cuidadores/as” pelo fato de serem fêmeas.

No 4ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Menina Pretinha* (2016), da MC Soffia, adolescente negra, que quando criança compôs juntamente com outros artistas essa música. Ela é cantora de rapper, compositora, capoeirista, descendente de uma família de militantes do movimento negro e busca inspiração na história de vida de Dandara dos Palmares e Carolina Maria de Jesus, porque suas canções são de resistência contra o racismo, machismo e desconstrução dos padrões de beleza branca. Nessa canção, ela aborda sobre as bonecas pretas, beleza negra, cabelo crespo, que as meninas negras têm como ancestrais rainhas, fala da necessidade de resistência das crianças negras no combate ao racismo.

Diante dessa canção, a Amanda Rodrigues mencionou que quando criança não gostava de ser negra, sentia que era ruim ser negra, por isso, colocava pregador no nariz acreditando que iria ficar mais fino, até pensou em beber cloro para ser branca, alisava e usava chapinha no cabelo para garanti-lo sempre liso. Ela comentou que se na infância tivesse tido contato com livros, músicas e bonecas que representassem e valorizassem as pessoas negras, com os quais pudesse se identificar, teria sofrido menos.

A Dani Dias disse que tem lutado diariamente para que o filho Théo seja reconhecido como criança preta, que na maternidade ao receber a declaração de nascido vivo, o médico não queria declarar que o Théo era preto, insistia em colocar pardo. Quando foi registrar a criança não deixou que colocasse pardo. Já na Unidade de Saúde, ao solicitar o cartão de vacina do filho, acabou se desentendendo com a enfermeira, porque ela não queria marcar no cartão da criança a opção preto. Todas essas situações aconteceram antes dos quinze primeiros dias de vida do filho.

A Erika Carraretto se emocionou ao recordar que trabalha como professora em uma mesma escola há mais de 10 anos, que sempre se sentiu incomodada com o fato dos/as alunos/as não se reconhecerem como negros/as e que, em 2019, organizou,

com as suas turmas, momentos para discutir sobre as questões raciais. Ela lembrou que foi nesse período que nos conhecemos e realizamos um encontro com os/as alunos/as no período da consciência negra. A Erika disse que aquele encontro fez a diferença na vida de vários/as alunos/as que esse ano já se reconhecem como negros/as, bonitos/as e não têm vergonha de se autodeclararem. Poder vivenciar essa experiência é algo muito gratificante.

No 5ª momento cineclubista, assistimos ao videoclipe da canção *Dandara* (2015), interpretada por Nina Oliveira, jovem mulher negra, cantora, compositora, poetiza, arte-educadora e moradora da periferia, que busca enaltecer a força e a coragem da mulher negra, ao fazer um resgate histórico da representatividade de Dandara dos Palmares como liderança política e guerreira quilombola, que idealizava na resistência conseguir a liberdade dos povos negros escravizados. Para Nina Oliveira, as suas escolhas musicais são inspiradas nas mulheres guerreiras de sua família.

Finalizamos o encontro buscando, na força e na ancestralidade de Dandara dos Palmares e das demais heroínas negras, a inspiração para continuarmos esse legado de re-existência feminina, enegrecendo as nossas histórias, regando-as de afeto, a fim de que os nossos sonhos sejam nutridos com a esperança e desejo de resistir, fazendo ecoar as nossas vozes insubmissas.

Episódio 09 - Narrativas referentes à avaliação do encontro formativo

O encontro diálogo de mulheres insubmissas nos possibilitou um espaço de aprendizagem, por meio das trocas de experiências e dos diversos recursos pedagógicos que potencializaram o diálogo, despertando em nós, o desejo de “[...] defender uma ação transformadora capaz de encontrar maneiras de (re) inventar um mundo possível, numa perspectiva estética, ética e política [...]” (hooks, 2019a, p. 11), movendo-nos a confrontar as narrativas e o pensamento hegemônico, por meio da descolonização das nossas mentes, que faz parte de um processo político, no qual nos comprometemos também a dialogar sobre assuntos pouco abordados no nosso cotidiano.

Por entendermos que “[...] não podemos quantificar os significados do que é vivido por cada pessoa” (REIGOTA; RIBEIRO; POSSAS, 2003, p. 09), solicitamos às mulheres que participaram do encontro diálogo de mulheres insubmissas para compartilharem por e-mail, carta, áudio ou mensagem pelo WhatsApp, um pouco das experiências vivenciadas nesse encontro, como veremos nas narrativas a seguir.

Raquel Passos

Eu sou Raquel Passos, tenho 46 anos, sou professora e musicista e registro que foi uma alegria participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas realizado no final de fevereiro deste ano de 2020. Ano que é marcado por essa situação tão desafiadora de pandemia que nós vivemos. Esse encontro ocorreu poucos dias antes do início efetivo da pandemia, que já estava acontecendo, mas o registro oficial veio em março. Foi muito bom participar daquele encontro que aconteceu no bairro Marcílio de Noronha, junto com mulheres daqui da cidade de Viana, que têm tantos desafios a enfrentarmos, pois sabemos que nenhuma mudança no planeta ocorreu sem luta e em Viana não seria diferente.

Ter cantado a canção *Sorriso de Marielle* foi muito emocionante, porque ela havia sido composta por aquele período, tendo como compositor o Gilson Soares e a melodia do Etti Paganucci. Foi gravada [a canção] coletivamente por artistas capixabas e traz a memória e a força de Marielle Franco, essa jovem mulher negra e guerreira que ocupava um cargo político e infelizmente foi assassinada pelo sistema, ela sempre estará presente nas lutas populares.

Eu moro em Viana faz seis anos, antes morava em Cariacica, eu venho de um período da história em que fomos ensinados a perceber Viana e Cariacica como cidades irmãs, por serem vizinhas e possuírem desafios em comum. Por isso, é uma alegria morar aqui em Viana no bairro Arlindo Villaschi.

Esse encontro foi um frescor para suportarmos a pandemia, já que não podemos mais nos encontrar para organizarmos outros momentos especiais como esse, mas, que em breve possamos nos reunir para continuarmos nos fortalecendo, porque isso faz toda a diferença. parabéns Duda pela realização desse encontro, sendo este um

espaço de motivação das potencialidades humanas, especialmente por ter escolhido caminhar com mulheres.

Josi Gallina

Participar do Encontro diálogo de mulheres insubmissas foi extremamente interessante desde o momento em que recebi o convite. Ser lembrada como uma mulher insubmissa me encheu de um sentimento de liberdade e de ser dona do meu próprio destino e meu primeiro pensamento sobre esse convite foi: “esse encontro promete”.

O encontro me proporcionou vários bons sentimentos: reencontrei amigas (uma que não via há bastante tempo), mulheres de luta que conheço desde a adolescência, colegas de trabalho e algumas que ainda não conhecia. Ah sim! Estavam presentes também mulheres que jamais conheceremos pessoalmente, mas que serão eternos faróis em nossas histórias de superação e luta!

Gostei muito de poder ter falado um pouco da minha história, mas gostei muito mais de ter ouvido tantas histórias de superação e de demonstração da força feminina, partindo de mulheres que coabitam o mesmo espaço tempo que eu. Cada demonstração de superação e de insubmissão dessas mulheres me enchia de orgulho, admiração e ainda mais vontade de ser autora da minha própria história. O encontro fortaleceu em mim a certeza de que o futuro será feminista e matriarcal, ou não será!

Só tenho a agradecer o convite da Duda (Edilene), minha amiga querida e mulher por quem eu tenho muita admiração! Gratidão, irmã!

Demilene Prates

Participei do encontro diálogo de mulheres insubmissas promovido pela Edilene e outras lideranças femininas. Naquela tarde de sábado, tivemos uma linda mística, música, poesia, assistimos a vídeos, conversamos sobre as experiências de mulheres negras, crianças e racismo.

Eu me redescobri com a música da menina pretinha, porque cresci achando que o meu cabelo crespo não era bonito. Desde criança eu alisava o cabelo, não que esse fosse o meu desejo, mas por uma imposição dessa sociedade opressora, que diz que a pessoa negra é feia e define como beleza o ser branco. E como o racismo muitas vezes nos impede de assumirmos a nossa identidade, sai do encontro com outra percepção, tanto que enviei mensagem para Edilene falando que eu tinha começado a minha transformação cortando o cabelo. Estou apenas no início da caminhada, mas não vou parar de lutar por aquilo que acredito.

Ouvi histórias de mulheres negras que fizeram a diferença no país e no mundo. Conhecer as histórias dessas guerreiras que lutaram para tornar os seus sonhos reais, mesmo com pouco estudo como foi o caso da Carolina Maria de Jesus, foi muito bom, porque não estamos acostumadas com isso, posso dizer que naquela tarde formamos um grupo de mulheres empoderadas lutando contra a realidade imposta pela família e pelo sistema opressor.

Hoje, tenho 38 anos, sou mãe de três filhos, moro sozinha com eles, já faz oito anos, meu filho do meio é especial e estamos acostumados a enfrentar preconceito inclusive na família. Eu sei o quanto as oportunidades para as mulheres negras são bem mais difíceis, mesmo com toda dificuldade, consegui cursar a faculdade de história e hoje faço gestão pública. Agradeço muito pela oportunidade de poder contar a minha história e ter participado desse encontro.

Dani Dias

Olá, meu nome é Daniela Dias, sou capixaba, mulher, poetisa, mãe, fanzineira e oficinaira. Fui convidada pela Duda para participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas. Já estivemos juntas em outros projetos culturais e acredito que por isso ela tenha me convidado, pela afinidade em projetos e vivências.

Para mim foi muito gratificante participar do encontro, mesmo sendo mulher não negra. Porque tive a oportunidade de ouvir a experiência de vida das outras mulheres, e também de ter partilhado um pouco da minha. Naquele momento conheci histórias e lutas diferentes das minhas, sendo hoje uma mulher não negra

com um filho negro, estou tendo que reaprender a maternidade e também tenho tido a compreensão sobre as militâncias e insubmissões dos povos negros, principalmente das mulheres. Posso dizer que foram muitas sabedorias compartilhadas naquele encontro.

Também quero ressaltar que eu era muito requisitada para exercer atividades literárias dentro da minha qualificação, mas logo que fiquei gestante, os convites foram desaparecendo. No pós-parto foi a mesma coisa, fiquei um ano sem ser convidada pra eventos. Esse é o peso que a sociedade coloca na balança para uma mãe, somente o fato de ser mãe me fechou portas para eu continuar na ativa como artista e, embora estivesse feliz com a maternidade, estava triste por ver anos de trajetória sendo apagados pela falta de compreensão. Era como se o fato de eu ter um filho me impedisse de participar de eventos, o que não é verdade, as pessoas não me deram nem a oportunidade de dizer que eu era capaz de exercer os dois papéis: mãe e artista.

Então, a Duda me convidou e eu fiquei vibrante, foi o primeiro convite pós-maternidade, eu fiz questão de levar meu filho comigo, e ele realmente não me impediu de participar da roda de conversa, nem de expor meus livros e varais de poesias, nem de interagir com as mulheres presentes, nem de apreciar os trabalhos expostos por outras mulheres.

Então, eu só tenho a agradecer. Cada mulher que relatou sobre suas militâncias com filhos especiais, mães solas, mulheres pioneiras em projetos sociais para comunidade, mulheres que cantaram e vibraram num momento tão oportuno.

Mulheres insubmissas! Foi um encontro memorável para mim e acredito que para todas nós que estivemos juntas naquele dia, partilhando e discutindo causas importantíssimas para cada uma de nós. O ambiente estava muito bem preparado, tudo estava lindo, tanto que ultrapassamos o horário e saímos todas sorrindo e nos abraçando. Gratidão! Só tenho a agradecer. Duda! Desejo sucesso hoje e sempre...

Erika Carraretto Gonçalves

O encontro realizado pela Duda conseguiu reunir diversas mulheres que se encontraram em uma tarde de sábado e, em consonância aos escritos de Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Carolina Maria de Jesus, dentre outras, intercruzaram-se. Falamos de nossas vivências, de política, de filhos, família, carreira profissional, perda dos direitos dos trabalhadores, racismo e tantos outros assuntos. Também cantamos para nos alegrar, refletimos a partir de diversas simbologias, uma delas, a mística com a luz da vela, que para cada uma de nós teve um significado. Lógico que nos emocionamos, porque somos mulheres de verdade e não imagens produzidas pelo patriarcado. Esse momento despertou em mim o compromisso de ser uma agente de mudança nos espaços que ocupo, bem como me fez entender o meu lugar de privilégio (mulher branca) mesmo diante de muitos direitos para serem conquistados.

As mulheres contemporâneas carregam em si mulheres do passado, que sofreram, lutaram, viveram batalhas para que nós pudéssemos seguir e ter esperanças de construir uma sociedade em que a equidade racial e de gênero sejam experienciadas por todos e todas. Somos sujeitos em construção e é no encontro de vozes que vamos nos emancipando e ressignificando os nossos discursos. À Duda e a todas aquelas mulheres ficam os meus agradecimentos.

Célia Maria Valerino

No geral, o encontro foi muito produtivo, tudo estava maravilhoso, colaborando para que não sejamos submissas às injustiças sociais e ao machismo presentes na nossa sociedade. Falar da nossa luta por saneamento básico e melhorias para rio Formate também é muito gratificante.

Um dos momentos que me impressionou bastante foi o relato das experiências das companheiras atuais junto com as histórias das heroínas negras, porque percebemos que a nossa luta não é de agora. Como essas mulheres transformavam o sofrimento em libertação. Isso nos encoraja, porque, apesar de estarmos no século XXI, convivemos com o feminicídio, a violência doméstica, estupros, racismo

e diferenças salariais no mercado de trabalho, sendo as mulheres negras, pobres e periféricas as mais atingidas pelas desigualdades.

Esse encontro me fez recordar dos movimentos organizados pelas comunidades eclesiais de base. Outra situação que me deixou muito reflexiva foi o fato de nós mulheres não votarmos em candidatas mulheres que tenham como bandeira de luta as pautas feministas e raciais. Percebi que no nosso município não temos políticas públicas para as mulheres que sofrem violência doméstica e que poderíamos propor que as escolas estejam debatendo com os/as alunos/as sobre relacionamentos abusivos.

Amanda Rodrigues

O encontro diálogo de mulheres insubmissas foi muito interessante para mim, a princípio eu fiquei receosa de ir, porque eu pensei, vai ter pessoas especialistas falando de assuntos complexos e talvez eu não compreenda, esse foi o meu pensamento inicial. Por esse motivo cheguei atrasada no encontro. Quando cheguei lá e vi aquelas mulheres periféricas, maravilhosas, compartilhando as suas experiências de vida, fiquei mais tranqüila, porque me encontrei nos relatos delas.

A mística foi sensacional, as músicas, cada item colocado no centro, me senti em paz e acolhida para contar episódios de racismo que já vivenciei, e das dificuldades enfrentadas por ser mulher, embora a gente se sinta sozinha, a nossa luta atravessa gerações. Outra situação que me fez sentir pertencente ao grupo foi ter lido o poema escrito por uma das participantes sobre o rio Formate.

Fiquei muito impactada com as frases, mural e fotos de mulheres negras. A roda de conversa me fez perceber que sou uma trabalhadora e que as minhas experiências são combustíveis para não me acomodar com as injustiças, principalmente, se você é mulher negra, periférica e sem dinheiro. Muitas vezes, para sermos aceitas nos identificamos com as ideias da burguesia.

Conversar com essas mulheres me proporcionou um sentimento de renovação de força e esperança, que grupo potente, inclusive uma das participantes produzia

fanzines. Fiquei muito ansiosa esperando outro momento como esse, mas infelizmente veio a pandemia e não foi possível continuarmos. Acredito que poderia surgir um coletivo de mulheres em Viana. A comida também estava ótima.

Linda de Abreu Mariano Pereira

Este encontro despertou em mim, esperança, força, saudades e nostalgias. Conhecer e remontar as nossas histórias é essencial para saber de onde viemos, onde estamos e em que lugar queremos chegar. Desde o começo dos tempos, as figuras femininas constroem a vida com amor, suor e sangue. Nossas ancestrais merecem ser enaltecidas, jamais esquecidas. Elas nos inspiram a sermos mulheres melhores, mais fortes e insubmissas e a lutarmos contra as mazelas e injustiças que vivenciamos e também a resistirmos às violências praticadas contra os nossos corpos e mentes e contra a destruição do meio ambiente em que vivemos.

Sidineia Imaculada Oliveira

Participar do encontro diálogo de mulheres insubmissas, promovido pela minha amiga Edilene, foi enriquecedor. Nesse encontro pude conhecer e compartilhar vivências com outras mulheres do nosso município que lutam pela pauta do empoderamento feminino em espaços, tempos e lugares distintos. Estarmos juntas, dialogando e nos encontrarmos em cada vivência compartilhada por outra companheira, me fortaleceu, levando-me a sentir que vale a pena trilhar esse caminho e que não há um único caminho ou possibilidade.

Entendi que fazemos parte de uma grande colcha de retalhos com cores, formatos, texturas, dimensões diversas, costuradas as várias mãos. Lutamos e buscamos protagonizar sobre a vida das mulheres com mais direitos e menos violência. Sobretudo, penso que este encontro foi de grande importância para nós mulheres deste município a ponto de ser o início de um possível movimento pela pauta comum entre nós. Obrigada amiga pela oportunidade.

Elenice Tozze Soave Neves

Com relação ao encontro, achei muito importante a participação das mulheres que são engajadas no município, sendo um espaço inovador para conversarmos de assuntos que fazem parte da causa feminina. Destaco o momento místico, junto com as reflexões, com a apresentação de símbolos e músicas que nos fazem valorizar a nossa caminhada de luta, pensar na participação política das mulheres, cada uma fazendo a diferença na sua realidade cotidiana. Esses momentos nos renovam. Obrigada por ter lembrado de mim.

Juliana Gama

Participar do evento foi uma experiência muito enriquecedora para mim, pois me despertou um sentimento de pertencimento a uma coletividade muito maior com relação à força feminina, que jamais pude imaginar. Me senti privilegiada por estar perto e ouvir histórias de mulheres tão incríveis. Além disso, me motivou a ler mais sobre o engajamento social das mulheres, principalmente livros que falam do feminismo negro e a luta das mulheres indígenas.

Maria da Penha Lourenço

Esse encontro foi maravilhoso, primeiramente, porque tivemos a oportunidade de rever pessoas queridas, que vivem nos movimentos de luta nas suas comunidades. Pude conhecer um pouco da histórica das nossas companheiras, lembrar das nossas lutas, desde a década de 70, quando estávamos nos movimentos de moradia popular, lembrar dos companheiros que já se foram, e nos posicionarmos a favor das lutas coletivas. Estávamos precisando de esperança, porque temos vivido tempos muito difíceis, um encontro assim, com mística e só mulheres foi tudo de bom. Toda vez que tiver um encontro como esse quero participar.

Edilene Machado

Para mim, esse encontro foi muito significativo, por reunir mulheres que compõem histórias de re-existência no nosso município, sendo um espaço de renascimento e

liberdade, porque a libertação do patriarcado, racismo, machismo, sexismo é coletiva. E desmontar a naturalização, dessas formas de opressão que habitam em nós, e nomeá-las são estratégias de enfrentamento e superação, pois fazem parte de um processo de cura das marcas coloniais que dificultam enxergarmos que somos seres coletivos, pensando na força da ancestralidade e irmandade feminina, porque as mulheres que estão conectadas à vida não morrem, permanecem amontoadas em nós através das nossas re-existências. Por isso, não iremos retroceder jamais em relação aos assuntos que nos atravessam enquanto mulheres, porque como flechas pegamos impulso para se projetar e se lançar no horizonte em busca dos nossos sonhos.

AS (IN)CONCLUSÕES DE UMA CAMINHADA DE RE-EXISTÊNCIA

“Onde há vida, há inacabamento. Mas, só entre mulheres e homens o inacabamento se tornou consciente”.

(PAULO FREIRE)

Chegamos à (in)conclusão dessa dissertação, que buscou nos aproximar das narrativas e bio:grafias dos moradores e moradoras do bairro Marcílio de Noronha e das *escrevivências* e ecologias insubmissas praticadas por um grupo de mulheres militantes de movimentos sociais de Viana, que através de suas relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas praticam educações ambientais em defesa da preservação do rio Formate.

Inspirados na pedagogia freireana, buscamos problematizar a respeito da nossa presença no mundo, reinventando outras formas de intervenção no mundo, por entendermos que as desigualdades sociais e raciais causam a exclusão e o empobrecimento da população da região em que vivemos. Por esse motivo, acreditamos na necessidade de combatermos a opressão, a exclusão, a degradação ecológica e da vida no planeta, e de lutarmos por uma educação mais humana e como prática da liberdade, contribuindo com outros modos de ser, agir e sentir a nossa existência cotidiana.

O encontro com as obras do educador Paulo Freire ressignificou as minhas práticas educativas. Poder vivenciar a pesquisa de dentro, estando inserida nos movimentos sociais de Viana, tem sido enriquecedor, porque somos afetados/as pela realidade em que estamos mergulhados/as. Posso dizer que o mestrado tem revolucionado a minha vida pessoal e profissional. Embora tenhamos que conciliar trabalho, pesquisa, grupo de estudos, disciplinas, família e participação nos movimentos sociais comunitários, cada encontro representa uma revolução de aprendizagem, no qual me sinto preenchida e renovada com tanto conhecimento.

Hoje, tornar-se negra, no sentido de desmontar as opressões coloniais em mim, foi sendo construído no decorrer do percurso no Programa de Pós-Graduação de

Mestrado Profissional em Educação da UFES, sendo essas mudanças resultados dos diálogos tecidos nos encontros de orientação da pesquisa, pois as leituras me aproximaram das escritoras e autoras feministas negras, permitindo-me vivenciar o enegrecimento no meu cabelo, corpo e pensamento, tendo esses momentos um significado de libertação e de descolonização do eu (KILOMBA, 2019), porque nomear as opressões contra as quais re-existimos é essencial para fazermos o enfrentamento ao racismo, comprometermo-nos com práticas ecológicas insubmissas e propostas pedagógicas antirracistas.

Narrar-se, enquanto exercício de aprender a dialogar com a própria história (FREIRE; GUIMARÃES, 2011), entendendo que somos seres sócio-históricos e que precisamos “[...] rever as próprias ações, as próprias reflexões, o seu próprio ser num espaço-tempo determinado” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 25), fez-me refletir que durante muito tempo ocupei esse lugar solitário de ser a única pessoa da minha família materna e paterna a cursar o ensino superior em uma universidade pública. Essa situação não desperta em mim o sentimento de orgulho ou é visto como mérito, porque evidência as marcas das desigualdades raciais presentes na vida dos meus familiares, que projetam a sua existência a partir da sobrevivência, mesmo após 132 anos da abolição da escravatura no Brasil.

Essa realidade, compartilhada pela maioria das famílias negras, desconstrói o discurso hegemônico de que vivemos numa democracia racial, pois a ausência da população negra ocupando os espaços de poder e chefia e as barreiras para acessarmos políticas públicas ocorrem devido à imagem socialmente produzida pelos nossos corpos negros (CARNEIRO, 2019); (RIBEIRO, 2019b). Além disso, temos dificuldade de associar a falta de estruturas de oportunidades com o racismo, o que acaba reduzindo as nossas possibilidades, sonhos, desejos e esperanças por mudanças.

Gostaria de destacar que faço parte da primeira geração de mulheres negras da minha família que não vivenciou o trabalho infantil nos centros urbanos da Grande Vitória ou teve que trabalhar na agricultura familiar para subsistência. Recolher em mim as vozes mudas, caladas e silenciadas de todas essas gerações de mulheres da minha família representa uma possibilidade de re-existência, pois as nossas

escrevivências são frutos de uma construção coletiva (EVARISTO, 2016). Desde que compreendi que os nossos corpos negros são políticos, não costumo chegar a nenhum lugar sozinha, porque carregamos em nós parte das histórias daqueles/as que ficaram pelo caminho.

Devido ao isolamento social causado pela pandemia do novo coronavírus, tivemos que interromper os nossos encontros comunitários como as reuniões dos movimentos sociais, as práticas pedagógicas e o encontro *Diálogo de mulheres insubmissas*. Entretanto, através dos modos de organização comunitária e das redes educativas de solidariedade, alguns movimentos sociais estiveram confeccionando máscaras e organizando cestas básicas, que foram doadas para famílias em situação de vulnerabilidade social em Viana.

Realidade essa que se assemelha às práticas realizadas em diversas comunidades periféricas dos centros urbanos do país, que se mobilizam na doação de alimentos, água, máscaras, materiais de limpeza, e que fazem a distribuição de renda e disponibilizam internet gratuita para que os/as estudantes de baixa renda possam realizar as atividades escolares, sendo esse trabalho realizado pela Central Única das Favelas (Cufa). Nesse período de pandemia, muitos camponeses ligados ao MST têm repartido o que produzem, tendo em vista a pouca efetividade do governo em criar estratégias de enfrentamento ao coronavírus nas comunidades da área urbanas e rural onde se concentram a população de baixo poder aquisitivo.

No Brasil, as estratégias organizadas pelo governo para conter o avanço da COVID-19³⁵ não levam em consideração o modo de vida coletivo dos moradores das comunidades quilombolas, dos povos indígenas, dos acampamentos organizados pelos trabalhadores rurais sem terra, dos acampamentos ciganos, da população em situação de rua e dos moradores/as que residem nas periferias dos centros urbanos, cuja maioria mora em habitações precárias, onde os quartos são compartilhados, pois as famílias são numerosas.

³⁵ Termo em inglês que significa Coronavírus Disease 2019.

Essas diversas realidades mostram que a branquitude, entendida como ser universal, e o modelo de humanidade (CARNEIRO, 2019) têm constituído um mundo para si, que não possibilita espaço para a diversidade, já que as pessoas que não se aproximam desse modelo ideal de humano podem deixar de existir (RIBEIRO, 2019b). A omissão do Estado em reduzir o agravamento do novo coronavírus nessas comunidades reforça a tentativa de exterminar as diferenças e continuar reproduzindo a naturalização da exclusão. Sobre a pandemia,

A Organização Pan-Americana de Saúde (Opas – Brasil) informa que, em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a doença causada pelo novo coronavírus, a COVID-19, passou a constituir uma Emergência de Saúde Pública, de acordo com o Regulamento Sanitário Internacional. Segundo o Ministério da Saúde brasileiro, a COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. Em 11 de março de 2020, a COVID19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (FORDE, G.; FORDE, R., 2020, p. 1).

Pensar a transmissão da COVID-19, a partir da racialização, e como essas relações são atravessadas pelo racismo estrutural, “[...] que integra a organização econômica e política da sociedade [...]” (ALMEIDA, 2019, p. 20-21), contribui com o nosso entendimento de que as desigualdades de acesso produzidas pelo racismo institucional reforçam a condição de desumanização das pessoas negras, colaborando com as violências praticadas contra os corpos negros que são escolhidos pelo Estado para serem mortos (RIBEIRO, 2019b).

Essa situação se acentuou no período da pandemia, pois temos visto os negros empobrecidos e desprotegidos pelas políticas trabalhistas serem privados do distanciamento social, porque precisam trabalhar para sobreviverem. As desigualdades raciais, a negligência do Estado, a exclusão social, a falta de estruturas de oportunidades e a precarização do Sistema Único de Saúde (SUS), que é utilizado em maior porcentagem pela população negra, contribuem com a letalidade desse vírus que sentencia à morte principalmente as pessoas negras.

O alto índice de mortalidade, entre as pessoas negras, provocada pelo novo coronavírus desconstrói o discurso hegemônico de democracia racial, já que “no Brasil, a negação do racismo e da ideologia da democracia racial sustentam-se pelo

discurso da meritocracia. Se não há racismo, a culpa pela própria condição é das pessoas negras [...]” (ALMEIDA, 2019, p 82). Entretanto, o nosso processo histórico mostra que grande parte da população brasileira não vivenciou o processo de descolonização das mentes.

Por isso, nunca houve igualdade racial neste país, visto que as esferas da nossa sociedade foram organizadas e estruturadas com base nas hierarquias raciais Assim sendo, o racismo institucional atravessa os cotidianos das instituições públicas, particulares, religiosas, organizações sociais e as relações individuais e coletivas. Dessa forma, entendemos que “[...] as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos [...]” (ALMEIDA, 2019, p 47). Com isso, temos um grupo racial oprimido que busca o reconhecimento da sua humanidade negada pela opressão e dominação colonial e mantida pelo Estado.

As pessoas negras carregam em seus corpos as marcas de um Brasil colonial escravocrata, onde os dominadores institucionalizaram os seus interesses através das relações de privilégios (ALMEIDA, 2019). Podemos dizer que no Brasil ainda prevalece o “[...] ‘pacto de silêncio’ que opera uma suposta ideia de não relevância da categoria raça/cor para a definição de ações e políticas públicas governamentais” (FORDE, G.; FORDE, R., 2020, p. 5). Em virtude desse descaso histórico e intencional, grande parte da população negra ainda se encontra sem acesso à moradia, trabalho, saúde, educação e saneamento básico, sendo esses direitos essenciais para a existência de um ser humano. Compreendemos que:

A ideia de raça e o racismo participam, sistematicamente, no modo como as estruturas da sociedade brasileira organizam a produção de bens e serviços nas áreas da saúde, educação, economia, justiça etc., e como esses são disponibilizados à população. Assim, a categoria raça/cor não deve ser negligenciada na compreensão das desigualdades sociais e, sobretudo, na definição de políticas públicas (FORDE, G.; FORDE, R., 2020, p. 5).

Ao discutirmos saúde enquanto direito à vida, notamos que a população negra tem maior dificuldade de acesso aos serviços ofertados pelo SUS, situação que é reflexo do desmonte das políticas públicas de saúde. A Pandemia provocada pela COVID-19 coloca grande parte das pessoas negras no grupo de risco pelo fato delas

apresentarem doenças crônicas como diabetes, hipertensão e anemia falciforme devido à má alimentação e ao acesso inadequado aos tratamentos de saúde e aos medicamentos, sendo essas situações resultado das condições socioeconômicas em que vivem (GELEDÉS, 2020).

A dificuldade da população negra de baixa renda, em especial das mulheres negras, de cumprir o isolamento social ocorre porque são essas trabalhadoras que garantem o funcionamento da base dessa sociedade injusta e desigual em que vivemos (CARNEIRO, 2019), pois, para manterem a sobrevivência familiar, elas lutam cotidianamente contra a fome, considerada pela escritora Carolina Maria de Jesus (2014) a escravização dos povos negros na atualidade. Por esse motivo, muitas se submetem a receber os menores salários e a trabalhar nos subempregos, e com a pandemia se tornam as mais vulneráveis à contaminação da doença. A máscara não cobre a fome, a miséria e as desigualdades historicamente construídas. E a recomendação para ficarmos em casa é desnecessária para todos/as aqueles/as que encontram nas ruas a única alternativa de moradia.

O isolamento social se tornou obrigatório no país quando a doença estava concentrada entre os brancos, ricos e moradores dos bairros nobres. De certa forma, essa medida também beneficiava as empresas de planos de saúde, porque ao reduzir o contato entre as pessoas, o número de infectados diminuiu, com isso, menos pessoas demandariam do sistema privado de saúde. O distanciamento social foi flexibilizado, a partir do momento em que as pessoas negras, pobres e moradoras das regiões periféricas foram infectadas, podendo essa decisão ocasionar o aumento da demanda pelos serviços ofertados pelo SUS. As desigualdades raciais, econômicas e ambientais mostram como o racismo ambiental é algo presente no território nacional.

O racismo ambiental é resultado do racismo estrutural e institucional que vem sendo praticado desde o período colonial, em que “[...] os corpos negros eram os próprios sistemas de saneamento da cidade” (JESUS, V., 2020, p. 6), carregando os excrementos produzidos nas casas-grandes, pequenos comércios e repartições públicas. Outra situação desumana vivenciada pelos povos negros escravizados se refere ao transporte nos navios tumbeiros, pois as péssimas condições de higiene

associadas às constantes formas de torturas físicas e psicológicas facilitavam a propagação de doenças, o adoecimento e a morte das pessoas negras. Os sobreviventes eram obrigados a trabalhar e a morar em locais sem saneamento básico (JESUS, V., 2020).

No Brasil, a ausência de saneamento básico é utilizada como mecanismo de controle dos corpos negros e manutenção de privilégios da branquitude (JESUS, V., 2020). Com relação a esse assunto, a escritora Carolina Maria de Jesus (2014) narrou, na década de 50, que as favelas são os quartos de despejos das cidades, os lugares onde os políticos concentram as pessoas consideradas sub-humanas, por serem indignas de habitarem outros espaços das cidades, restando-lhes ocuparem os locais sem saneamento básico. Ela também comentou que as famílias empobrecidas vivem às margens dos rios, “[...] as margens do rio são os lugares dos lixos e dos marginais [...]” (JESUS, 2014, p. 54), referindo-se aos locais que geralmente são destinados para as moradias dos grupos sociais oprimidos.

Em diálogo com o autor Paulo Freire (2017a), entendemos o quanto é importante em nossa prática pedagógica problematizarmos com os/as estudantes “[...] por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? [...]” (FREIRE, 2017a, p. 32), pois essa realidade concreta de negligência do poder público é algo presente na vida da população empobrecida, embora essa atitude seja considerada por muitos como sendo subversiva. Hoje entendemos que a “negligência” é uma maneira de o Estado mascarar o racismo ambiental.

Em virtude dessa herança colonial de políticas ambientais discriminatórias, que é marcada pela ausência de saneamento básico, falta de condições de moradias adequadas e salubres, temos visto a COVID-19 adoecer e causar a morte da população negra, que em sua maioria reside próximo das encostas, aterros sanitários, serviços de tratamento de esgoto, às margens dos rios ou perto de fábricas que não cumprem a legislação ambiental e poluem o solo, a água e o ar, não demonstrando preocupação com a saúde dos/as moradores/as do entorno (JESUS, V., 2020).

Muitas comunidades quilombolas na defesa de seus territórios contra a ação dos madeireiros, agropecuários e empreendimentos imobiliários sofrem com o racismo ambiental, porque “[...] certos empreendimentos que produzem grandes quantidades de lixo tóxico se alojam perto dessas comunidades comprometendo as suas precárias condições de vida” (CARNEIRO, 2019, p. 228), com o intuito de inviabilizar a permanência dos moradores das comunidades tradicionais, e assim ocuparem as suas terras.

Esse modelo de processo civilizatório que herdamos dos colonizadores europeus classifica “[...] os caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes — a sub-humanidade [...]” (KRENAK, 2019, p. 21), já que os povos da floresta e do campo insistem em se manterem ligados a terra e isso incomoda os devoradores de mundos (KRENAK, 2019).

A reabertura dos comércios aconteceu de forma precipitada e desordenada, tendo em vista atender aos interesses dos empresários. Nos meios de comunicação, assistimos aos pronunciamentos dos representantes governamentais, tentando aparentar o controle da pandemia, embora os dados da saúde contestassem os discursos favoráveis à reabertura dos comércios.

Além disso, as poucas estratégias preventivas do governo foram pensadas com foco nos/as consumidores/as, não havendo diálogo sobre a situação dos/as trabalhadores/as, que ficam expostos aos riscos de serem infectados pela COVID-19 no seu local de trabalho e durante o deslocamento nos transportes públicos lotados. Essa realidade evidencia que “[...] o mundo acredita que tudo é mercadoria, a ponto de projetar nela tudo o que somos capazes de experimentar [...]” (KRENAK, 2019, p. 45), com isso, perdemos o sentido da vida, deixamos de pensar nas pessoas e na coletividade.

Outra situação preocupante são os desafios de estudar em tempos de pandemia e como o ensino remoto, sendo implantado em todos os níveis da educação básica, colabora com a naturalização do racismo institucional, pois os conflitos raciais estão presentes no funcionamento das instituições, legitimando o poder hegemônico, “[...] impondo a toda a sociedade regras, padrões e condutas e modo de racionalidade

que tornem “normal” e “natural” o seu domínio (ALMEIDA, 2019, p. 40). Verificamos ainda que “a cultura do mérito, aliada a uma política que desvaloriza a educação pública é capaz de produzir catástrofes [...]” (RIBEIRO, 2019b, p. 48), ampliando as desigualdades raciais, já que historicamente o critério raça é utilizado para pensar o não acesso às políticas públicas (CARNEIRO, 2019).

A modalidade de ensino remoto vai ao encontro da privatização e do desmonte das políticas públicas de educação, conferindo à branquitude a manutenção das relações de privilégios e a sua continuidade nos espaços de poder (CARNEIRO, 2019). Sabemos que a educação representa um projeto de sociedade, por isso, é importante refletirmos que sociedade está sendo forjada a partir do ensino remoto, que beneficia o grupo social hegemônico que continuará tendo o livre acesso às universidades, produzindo conhecimento, garantindo assim, o sistema de dominação e de opressão ao reafirmar o não lugar do negro, reforçando a concepção de mundo eugenista de supremacia branca.

Temos presenciado, no período da quarentena, a intensificação do Estado na compra e oferta dos serviços de modalidade de educação a distância, sem se preocupar com as realidades vivenciadas pelos/as estudantes/as que não têm acesso à internet ou que o uso é restrito, por serem de baixa renda, pelos moradores/as das áreas rurais e pelas pessoas com deficiência que dependem do apoio pedagógico de forma integral e que também ficam desassistidas. Além disso, muitos/as estudantes/as não possuem locais adequados para realizarem os seus estudos ou os pais e responsáveis não conseguem compreender e auxiliar os/as filhos/as na realização das suas atividades escolar. A luta cotidiana pela sobrevivência, muitas vezes, faz com que as famílias negras tenham dificuldades para criar uma cultura de escolarização.

O ensino remoto é inacessível a muitos/as estudantes/as, por esse motivo contribui com a evasão escolar. O Estado não busca outras possibilidades inclusivas, porque entende que os/as estudantes privados do uso da tecnologia podem ficar pelo caminho, já que os mais prejudicados são os/as estudantes não brancos das escolas públicas. Essa realidade só não se concretizou na realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que foi adiado para o próximo ano, por causa da

reivindicação dos/as professores/as, estudantes e parlamentares que conseguiram adiar o ENEM, por meio de determinação judicial. Entendemos que “por causa do racismo estrutural a população negra tem menos acesso a uma educação de qualidade [...]” (RIBEIRO, 2019b, p. 43), já que as desigualdades de oportunidades são legitimadas pelas relações de privilégios da branquitude.

Apesar deste desgoverno ter intensificado as ações de ataques à educação pública e às universidades públicas, pesquisas, produções científicas, dificultando as políticas de acesso e permanência ao ensino superior, reduzindo as bolsas de estudos na pós-graduação, continuamos acreditando na educação como ato político (FREIRE, 1989), espaço de formação, transformação social e de ascensão social, a fim de que o ensino público contribua com a construção de uma sociedade mais justa, igualitária, democrática, antirracista, antipatriarcal e anti-homofóbica, de modo que possamos aprender a conviver, respeitar e a dialogar com as diferenças.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz. **Racismo estrutural**. São Paulo: Polén, 2019.

ALVES, Nilda. **Praticantepensante de cotidianos**. In: GRACIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (orgs.). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 230p.

ALVES, Nilda. **Estudos dos cotidianos, currículo e formação docente**: questões metodológicas, políticas e epistemológicas. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de.; PEIXOTO, Leonardo Ferreira; SUSSEKIND, Maria Luiza (orgs.). Curitiba: CRV, 2019.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

BARCHI, Rodrigo. Educação ambiental e (eco)governamentalidade. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 22, n. 3, p. 635-650, jul./set. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v22n3/1516-7313-ciedu-22-03-0635.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BARCHI, Rodrigo. As Educações Ambientais insistem e lutam: (re)existências, vivências, experiências. **Quaestio**, Sorocaba, SP, v. 21, n. 1, p. 13-18, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/3595/3178>. Acesso em: 12 mai. 2019.

BARROS, Laura Pozzana de.; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Lilianna da. (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 52-75.

BRASIL, Ministério Da Cidadania. Secretaria Especial de Desenvolvimento Social. **Inclusão Produtiva Urbana**. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/brasil-sem-miseria/inclusao-produtiva-urbana-1>. Acesso em: 14 set. 2019.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Polén Livros, 2019.

COELHO, Ceumar; SILVA, Jonathan. **Samba da Utopia**. Estúdio Juá, São Paulo-SP. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDXX7m3iBzc>. Acesso em: 05 jun. 2019.

CHOMA, Jeferson. **Ministro do Meio Ambiente condenado pela Justiça ataca memória de Chico Mendes**. [site] PSTU [S.I.], 12 nov. 2019. Disponível em: <https://www.pstu.org.br/ministro-do-meio-ambiente-condenado-pela-justica-ataca-memoria-de-chico-mendes/>. Acesso em: 14 set. 2019.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conflitos no campo Brasil 2019**. CPT Nacional, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://www.cptnacional.org.br/component/jdownloads/summary/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14195-conflitos-no-campo-brasil-2019-web>. Acesso em: 10 set. 2020.

CORREIA, Soffia Gomes da Rocha Gregório. **Menina Pretinha**. Master e Mixagem. Estúdio El Rocha, Rio de Janeiro, Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cbOG2HS1Wko>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SINGER, Paul. Economia solidária. [Entrevista cedida a] Paulo de Salles Oliveira. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 22, n. 62, p. 289-314, jan./abr. 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142008000100020&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 14 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. 2. ed. Rio de Janeiro: Palas Mini, 2018. 124p.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017. 200p.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016. 142p.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. Da grafia desenho de minha mãe: um dos lugares de nascimento de minha escrita. *In*: ALEXANDRE, Marcos Antônio (org.). **Representações performáticas brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007, p. 16-21.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências**: 01 da série Ecos da Palavra. [Entrevista concedida ao] Instituto Tear. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FERREIRA, Bia; BONIFÁCIO; Caru. **Negra Tinta**. Youtube.com.br. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QiibNepUwhE>. Acesso em: 29 fev. 2020.

FORDE, Gustavo Henrique Araújo; FORDE Rasley de Paula. **Impactos da covid-19 na população negra capixaba**: Breve Análise Comparada à Luz da Categoria Raça/Cor. Núcleo de Estudos Afro-brasileiro. Vitória. UFES, 2020. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/11478>. Acesso em: 10 set. 2020.

FÓRUM BRASILEIRO DE ECONOMIA SOLIDÁRIA. **Fórum de Economia Solidária do Espírito Santo faz reunião com representante do governo do estado**. Disponível em: <https://fbes.org.br/2011/07/21/forum-de-economia-solidaria-do-espirito-santo-faz-reuniao-com-representante-do-governo-do-estado/>. Acesso em: 14 set. 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários a prática educativa. 55. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017a. 143p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 63. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2017b. 253p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e a educação popular. *In*: Freire, Ana Maria de Araújo (org.); tradutoras Lilian Contreira e Mirian Xavier de Oliveira. São Paulo: Villa das Letras, 2008. 144p.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos Possíveis**. *In*: FREIRE, Ana Maria de Araújo (org.). São Paulo: Paz e Terra, 2001b.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980. 150p.

FREIRE, Paulo. **Cartas à Guiné-Bissau**: registros de uma experiência em Processo. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978. 173p.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.157p.

FRYE, Megan. Superadobe: o material de construção sustentável e resistente a terremotos que pode salvar vidas. **BBC News**. Brasil. 10 mai. 2019. Future. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-47927317>. Acesso em: 20 jan. 2020

GODOY, Ana. **A menor das ecologias**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2008.

GUATARRI, Félix. **As três ecologias**. Campinas (SP): Papyrus, 2001.

Hooks, bell. **Olhares negros**: raça e representação. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019a. 356p.

Hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante. 2019b. 380p.

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. 273p.

Hooks, bell. Living to Love, 1993. Tradução: Vivendo de amor. **Geledes**. São Paulo, mar. 2010. Disponível em: <http://arquivo.geledes.org.br/áreas-de-atuacao/questões-de-genero/180-artigos-degenero/4799-vivendo-de-amor>. Acesso: 22 dez. 2019.

LOPES, Raquel. Espírito Santo enfrenta a pior epidemia de dengue em sete anos. **A Gazeta**. Vitória. 08 jan. 2020. Capixaba. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/gv/espírito-santo-enfrenta-a-pior-epidemia-de-dengue-em-sete-anos-0120>. Acesso em: 20 abr. 2020

JESUS, Carolina Maria. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10. ed. São Paulo: Ática, 2014. 200p.

JESUS, Victor de. **Racializando o olhar (sociológico) sobre a saúde ambiental em saneamento da população negra**: um continuum colonial chamado racismo ambiental. *Saúde soc.* vol.29 n.2, e 180519. 11 maio 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-12902020180519>. Acesso em: 10 set. 2020.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das letras. 2019.

LIMA, Márcia. Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras brasileiras. **Revista Estudos Feministas**. IFCS/UFRJ, v. 3, n. 2, 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16467/15037>. Acesso em: 13 fev. 2020.

MATURANA, Humberto. Um problema de desejo. [Entrevista cedida a] Omar Sarrás Jadue. **Antroposmoderno**. [S.l.] maio [2017?]. Disponível em: http://www.antroposmoderno.com/antro-articulo.php?id_articulo=845. Acesso em: 28 dez. 2019.

MOREIRA, Matheus. Número de agrotóxicos liberados no Brasil em 2019 é o maior dos últimos 14 anos. **Folha de São Paulo**. São Paulo. 28 dez. 2019. Ambiente. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/12/numero-de-agrotoxicos-liberados-no-brasil-em-2019-e-o-maior-dos-ultimos-14-anos.shtml>. Acesso em: 20 jan. 2020.

OLIVEIRA, Nina. **Dandara**. Sofar Sounds. São Paulo. 2015. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Vr7NIJbpf74>. Acesso em: 29 fev. 2020.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narrativa. *In*: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 150-171.

PASSOS, Raquel; CASTELAN, Maria de Fátima. **Da mãe África viemos**. Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2016. 1 CD, faixa 04.

PASSOS, Raquel. **Grita Mulher**. Vitória: Livro-CD CEBI 30 anos – Caminhando e Celebrando a nossa história, 2016, 1 CD, faixa 08.

PREFEITURA MUNICIPAL DE VIANA. **História do Município**. Disponível em: <http://www.viana.es.gov.br/site/pagina/historia>. Acesso em: 15 mar. 2020.

PROJETO OBSERVANDO RIOS. **SOS mata Atlântica**. Disponível em: <https://www.sosma.org.br/projeto/observando-os-rios>. Acesso em: 14 set. 2019.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade.** São Paulo: Unicamp, 2013. 343p.

RAMOS, Andreia Teixeira. **Mulheres no congo do Espírito Santo: práticas de re-existência ecologista com os cotidianos escolares.** 2018. 319f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, SP, 2018.

RAMOS, Andreia Teixeira. Narrativas autobiográficas de uma mulher negra: identidades sociais de raça e gênero. **Travessias.** Cascavel, v. 13, n. 3, p. 15-34, set./dez. 2019. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23554>. Acesso em: 28 jul. 2020.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. *In: CORDEIRO, Rosineide.; KIND, Luciana (orgs.). Narrativas, gênero e política.* Curitiba: CRV, 2016.

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental.** São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 292).

REIGOTA, Marcos. **Ecologistas.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. 211p.

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social.** São Paulo: Cortez, 1995. 86p.

REIGOTA, Marcos. A educação ambiental para além dela mesma. **Ambiente & Educação.** Rio Grande do Sul. FURG, v. 13, n.1, p. 11-22, 2008. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/ambeduc/article/view/972>. Acesso em 11 abr. 2019.

REIGOTA, Marcos. A contribuição política e pedagógica dos que vêm das margens. **Teias.** Rio de Janeiro, ano 11, n. 21, jan./abr. 2010a. Disponível em: <http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/24105/1708>. Acesso em: 11 abr. 2019.

REIGOTA, Marcos. A Monsanto no Brasil: discursos publicitários e tecno-científicos sobre os transgênicos. *In: INDEPENDÊNCIAS, DEPENDÊNCIAS, INTERDEPENDÊNCIAS, VI Congresso, CEISAL, 2010b, Toulouse (France).* Disponível em: https://www.ecodebate.com.br/pdf/reigota_a_monsanto_no_brasil-1.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

REIGOTA, Marcos. Cidadania e educação ambiental. **Psicologia & Sociedade,** Porto Alegre, v. 20, n. esp., p. 61-69, 2008. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010271822008000400009&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 mar. 2019.

REIGOTA, Marcos; PRADO, Bárbara Heliadora Soares do. **Educação ambiental: Utopia e Praxis.** São Paulo: Cortez, 2008. 195p.

REIGOTA, Reigota; RIBEIRO, Adalberto; POSSAS, Raquel. **Trajetórias e narrativas através da educação ambiental.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 155p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019a. 112p.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019b. 135p.

ROMPIMENTO DA BARRAGEM DE BRUMADINHO. **Wikipedia a enciclopédia livre**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Rompimento_de_barragem_em_Brumadinho. Acesso em: 14 set. 2019.

SALES, Priscila Constantino. O Movimento Cineclubista Brasileiro e suas Modulações na Concepção Cinematográfica. *In*: Simpósio nacional de História, 28., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2015. Disponível em: http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434480954_ARQUIVO_Omovimentocineclubistabrasileiroesuasmodulacoesnarecepcaocinematografica.pdf. Acesso em: 14 set. 2019.

SANTOS, Edilene. Práticas pedagógicas e saberes socioambientais comunitários de um assentamento rural. *In*: Reunião Nacional ANPED, 39., 20 a 24 out. 2019, Niterói. **Anais** [...]. Niterói, 2019. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos_16_1. Acesso em: 15 fev. 2020.

SOARES, Gilson e PAGANUCCI, Etti. **O sorriso de Marielle**. Youtube.com.br. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c9kjSgzgdTQ>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SOSA, Mercedes; CARVALHO, Beth. **Eu Só Peço a Deus**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IGkuBY30fjY>. Acesso em: 29 fev. 2020.

SPINK, Peter Kevin. O Pesquisador Conversador no Cotidiano. **Psicologia & Sociedade**. Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, n. 20, Edição especial. p. 70-77, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v20nspe/v20nspea10.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

THEODORO, Mário. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. *In*: THEODORO, Mário et al. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. p. 15-43. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/1107_1899_Livrodesigualdadesraciais.pdf. Acesso em: 19 fev. 2020.

VIANA. **Artesanato Reciclável na Artesanarte**. Disponível em: <http://www.Viana.es.gov.br/site/publicacao/artesanato-reciclavel-na-artesarnarte>. Acesso em: 14 set. 2019.

VIOMUNDO. **Fórum Alternativo Mundial da Água**: Balanço do primeiro ano de muitas lutas. Disponível em: <https://www.viomundo.com.br/voce-escreve/forum-alternativo-mundial-da-agua-primeiro-ano-de-muitas-lutas.html>. Acesso em: 14 set. 2019.

APÊNDICE - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA ESCOLA

	<p style="text-align: center;">UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO</p> <p style="text-align: center;">Avenida Fernando Ferrari, 514, Campus de Goiabeiras, Vitória – ES, CEP 29075910 - Telefone: (27) 4009-7779 – e-mail: ppgmpe.ufes@gmail.com ppgmpe.ufes@gmail.com</p>	
---	--	---

Viana – ES, Agosto de 2019.

Secretária Municipal de Educação de Viana - SEMED

Eu, Edilene Machado dos Santos, matriculada no curso de Mestrado Profissional em Educação, na linha de pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão da Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, sob a orientação do Professor Dr. Soler Gonzales, venho solicitar a autorização para realizar a oficina de mapas nos cotidianos escolares no CMEI Izabel Mercher Helmer, com a finalidade de realizar a pesquisa intitulada *“Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES)”*. Nesse trabalho dialogaremos com as metodologias de pesquisa com os cotidianos, com aproximações da pesquisa cartográfica e das pesquisas narrativas. O objetivo geral desta pesquisa consiste em problematizar e registrar as práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das bio:grafias e narrativas dos/as moradores/as da comunidade de Marcílio de Noronha e das *escrevivências* de um grupo de mulheres de movimentos sociais do município de Viana. Ressaltamos que, nos cotidianos escolares temos como finalidade realizar práticas pedagógicas ambientais que possam contribuir com outras experiências de aprendizagens entrelaçadas ao rio Formate. Senso assim, assumo o compromisso de registrar as informações somente para fins científicos. Agradecemos antecipadamente e esperamos contar com a sua colaboração.

Atenciosamente,

Edilene Machado dos Santos

Soler Gonzales

ANEXO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) participante,

O(A) Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “*Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES)*”, desenvolvida pela pesquisadora Edilene Machado dos Santos. Trata-se de uma pesquisa de Mestrado Profissional em Educação, da Universidade Federal do Espírito Santo, da Linha de Pesquisa Práticas Educativas, Diversidade e Inclusão Escolar, sob a orientação do Prof. Dr. Soler Gonzalez e vinculado ao grupo de pesquisa —Territórios de Aprendizagens Autopoiética.

O objetivo geral desta pesquisa consiste em problematizar e registrar as práticas de educações ambientais e as relações comunitárias afetivas, ecológicas, políticas e pedagógicas em defesa da preservação do rio Formate, a partir das bio:grafias e narrativas dos/as moradores/as da comunidade de Marcílio de Noronha e das *escrevivências* de um grupo de mulheres de movimentos sociais do município de Viana.

Sua participação é voluntária, portanto, você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como retirar sua participação a qualquer momento. Você não será penalizado de nenhuma maneira, caso decida não consentir sua participação, ou desistir. Sua colaboração é muito importante para o desenvolvimento deste estudo, por isso, a qualquer momento, durante a pesquisa ou posteriormente, você poderá solicitar da pesquisadora informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito por meios de contato explicitados neste Termo.

Informamos que a sua participação consistirá na autorização para que a pesquisadora possa tornar pública as suas bio:grafias, *escrevivências* e narrativas com a finalidade de realizarmos esta pesquisa.

O presente documento será assinado e rubricado em todas as páginas pelo(a) participante e pela pesquisadora, em duas vias, e cada um ficará com uma via. Em caso de dúvidas e/ou maiores esclarecimentos sobre a pesquisa, favor entrar em contato com a pesquisadora responsável:

Edilene Machado dos Santos

Email: edilene.ufes@gmail.com

Telefone: (27) 99824-0959

Assinatura: _____

Consentimento do participante:

Eu, _____, nacionalidade _____, estado civil _____, portador (a) da cédula de identidade RG nº. _____, concordo voluntariamente em participar do estudo: *“Cartografias e narrativas das educações ambientais e ecologias insubmissas nos cotidianos das mulheres na bacia do rio Formate, Viana (ES)”* e declaro que fui devidamente informado(a) pela pesquisadora responsável sobre a pesquisa. Além disso, autorizo o uso da minha imagem, vivência e nome para as atividades acadêmicas/científicas e sem fins lucrativos

Assinatura: _____

Vitória, _____ de _____ de 2019.